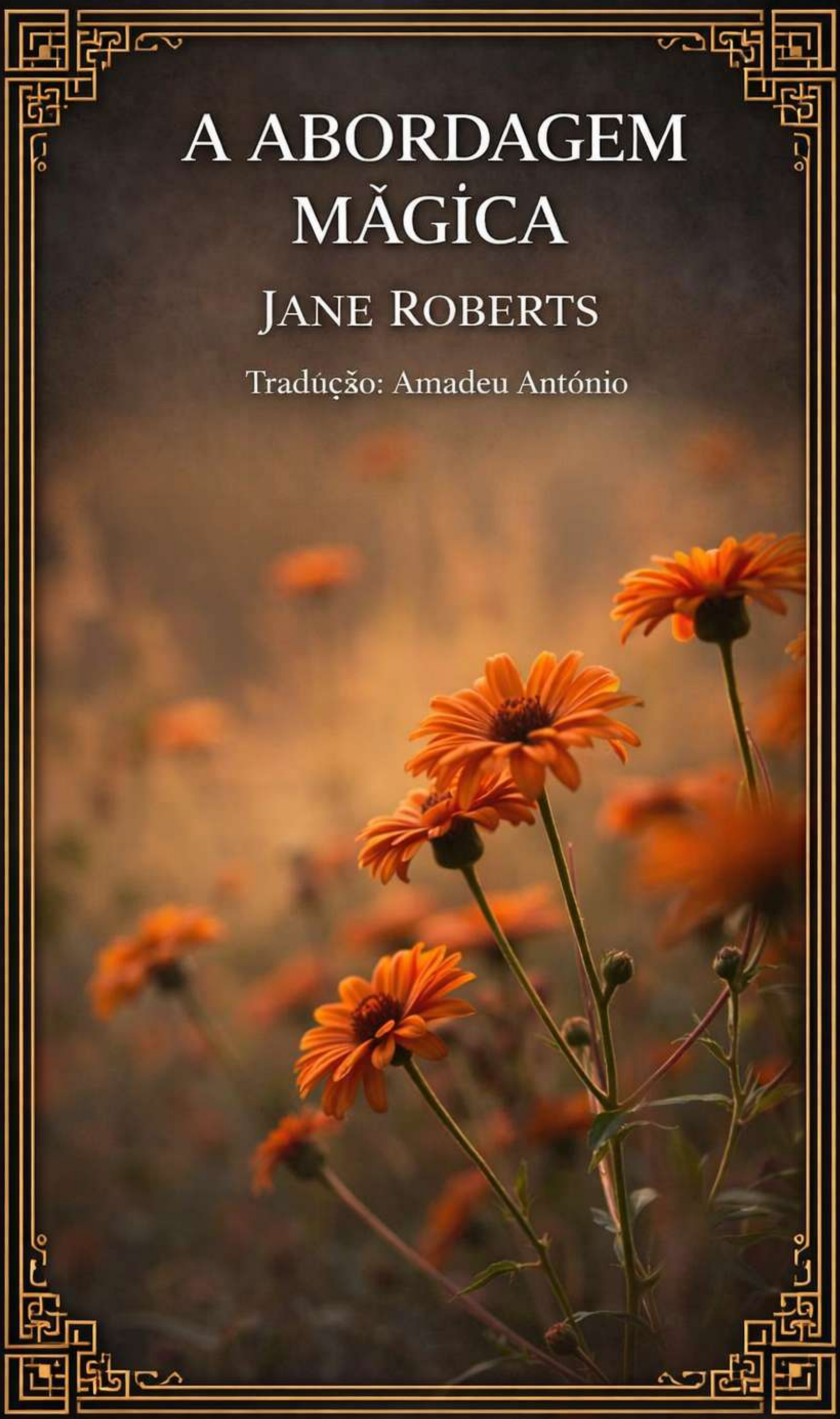
A ABORDAGEM MĂGİCA

JANE ROBERTS

Tradúçžo: Amadeu António



SETH FALA SOBRE A
ARTE DE VIVER CRIATIVAMENTE
NOTAS DE ROBERT F. BUTTS (1995)

PREFÁCIO

A minha mulher, Jane Roberts, ditou *A Abordagem Mágica* para o Seth, a "essência de personalidade energética" pela qual falava em estado de transe, em 1980 — mas as pressões causadas pela doença da Jane, e pelo nosso trabalho noutros livros, impediram-nos de o publicar rapidamente. Depois, a Jane morreu em 1984, com 55 anos. Eu tinha 65. Ao olhar para trás, agora que compreendo o tempo como simultâneo, espanta-me ver que passaram mais dez anos até à publicação deste pequeno livro pela Amber-Allen/ New World Library. Porque é que demorou tanto? O que aconteceu? A Janet Mills, editora e responsável pelas novas edições dos livros da Jane, sugeriu que escrevesse um pouco sobre a situação. Muitas pessoas perguntaram ao longo dos anos, e fico muito grato por cada uma dessas perguntas tão atenciosas.

Eu sei o que aconteceu, e mesmo assim nunca conseguirei entender plenamente, de forma consciente, todas as ramificações psíquicas envolvidas. No dia seguinte à morte da Jane, voltei ao trabalho, terminando os dois últimos livros do Seth para cumprir prazos de publicação há muito atrasados. A nossa querida amiga Debbie Harris começou a fazer cópias de todas as sessões do Seth, além das transcrições das aulas de PES da Jane, para o “arquivo” do nosso trabalho nos arquivos da Biblioteca da Universidade de Yale. Mas embora me mantivesse ocupado e apresentasse um rosto sorridente ao mundo, por dentro estava entorpecido. Chorei pela minha mulher várias vezes por dia durante um ano inteiro. Apesar do tempo ser simultâneo, segundo Seth, eu precisava de “tempo” para a minha longa jornada de recuperação.

Jane e eu trocávamos correspondência com a Laurel Lee Davies há vários anos. Cinco meses após a morte da Jane, telefonei-lhe pela primeira vez — ela trabalhava como assistente administrativa num centro de artes e humanidades em Los Angeles, Califórnia. À medida que as horas de conversa se acumulavam, Laurel e eu chegámos a compreender, através de sonhos, que tínhamos partilhado ligações reencarnacionais. Em agosto desse ano — 1985 — ela mudou-se para Elmira para trabalhar comigo em vários aspetos. Ajudou-me a continuar o enorme projeto iniciado pela Debbie Harris: copiar muitas mais das milhares de páginas do trabalho da Jane e meu para os arquivos da biblioteca de Yale. Respondeu a correspondência e criou uma lista de contactos.

Ajudou-me a rever *Seth, Sonhos e Projeção da Consciência* para a Stillpoint Publishing. Mais tarde, ajudou-me a rever as novas edições de *Seth Fala* e *A Natureza da Realidade Pessoal*, publicadas pela Amber-Allen/New World Library. Trabalhou como investigadora do material da Jane para *A Abordagem Mágica* — o livro com o qual, segundo ela própria, "mais sonhava trabalhar". A Laurel tem sido a “aprendiz metafísica” do Seth, como recentemente se descreveu, há já catorze anos. Apesar das

nossas diferenças, a nossa relação de apoio — e complexa — continua. Ainda assim, à medida que os anos passavam, comecei a perceber com mais clareza que a recuperação da morte da Jane iria durar o resto da minha vida; e que, dentro do enquadramento do tempo simultâneo, milhões de outras pessoas experienciaram essa verdade, estavam a experienciá-la, e continuarão a fazê-lo.

Talvez um dia escreva, com detalhe, sobre as vidas da Jane e minha — mas não agora.

Além de alguns amigos próximos — entre os quais a Sue Watkins — vi poucas pessoas. A Sue é mencionada em *A Abordagem Mágica*. O mesmo acontece com o Tam Mossman, editor da Jane na Prentice-Hall. O Tam foi uma grande ajuda de várias formas. A partir da primavera de 1985, publicou durante alguns anos a sua revista trimestral muito interessante, *Metapsychology: The Journal of Discarnate Intelligence*, onde incluía material do Seth em muitos números. Entretanto, eu tinha voltado à pintura — algo que deixara de lado nos últimos dois anos de vida da Jane. Pintei retratos dela tal como a encontrava nos meus sonhos. Não escrevi nada, exceto os "cadernos de luto" que compus sobre a morte da Jane e as minhas reações a esse acontecimento. Uma espécie de terapia deliberada.

Os nossos amados livros começaram a desaparecer das livrarias, um a um, à medida que as vendas iam diminuindo lentamente. Pensei que as cartas dos leitores também deixariam de chegar. De certa forma, sim — mas para minha surpresa e prazer, continuaram a chegar, embora num ritmo mais lento e constante. Esforcei-me por responder a cada uma delas. (Ainda o faço, embora neste momento esteja bastante atrasado. Tenho deixado de lado tudo o que não seja correspondência urgente, enquanto a Laurel e eu trabalhávamos no manuscrito de *A Abordagem Mágica*.)

Durante vários anos após a morte da Jane, explorei possíveis empreendimentos editoriais com antigos e fiéis amigos — pessoas que, como Richard Kendall e Suzanne Delisle, queriam sinceramente ver o trabalho da Jane e meu mantido em circulação. O Richard tinha sido membro da turma de PES da Jane nos anos 70. Após a morte dela, como assistente jurídico, ajudou bastante a resolver alguns problemas antigos e complicados relacionados com editoras.

Ao mesmo tempo, perguntava-me com frequência se fazia algum sentido continuar a tentar publicar os livros do Seth — novos ou antigos. Para quê, se as vendas estavam a cair? Talvez as pessoas estivessem cansadas do material do Seth. Talvez a Jane e eu já tivéssemos dado o melhor de nós, fosse qual fosse o valor do nosso esforço. O mundo continuaria, certamente, com ou sem isso.

Os nossos livros continuavam a desaparecer do mercado, e em 1990 comecei a trabalhar com Anne Marie O'Farrell, uma agente literária. Ela é casada com Rick Stack, escritor, editor e conferencista na área da espiritualidade — e ele também tinha sido membro da turma de PES. Sem a ajuda incansável da Anne Marie, pergunto-me se ainda estaria no mundo da edição. Foi ela quem "descobriu" a Janet Mills e a Amber-Allen/New World Library. Tal como a Laurel, ambas são profundamente

apaixonadas por manter o trabalho da Jane disponível. A Janet disse-me, depois de publicar as duas primeiras reedições, que “gostaria de publicar todos os livros de uma vez.” E acrescentou que já recebia pedidos nesse sentido.

Em 1993, vi concretizarem-se três empreendimentos nos quais estive envolvido, em períodos distintos:

— Lynda Dahl e Stan Ulkowski, da Seth Network International, publicaram a primeira edição trimestral da revista expandida e centrada no Seth, *Reality Change*. (A *RC*, como todos lhe chamam, foi fundada por Maude Cardwell em junho de 1980 como um pequeno boletim mimeografado de duas páginas.)

— Richard Roberts, da Vernal Equinox Press, publicou *A Seth Reader*, um volume composto por excertos de seis livros do Seth.

— E Bob Terrio, da Bob Terrio Productions, lançou o vídeo *The Seth Phenomena*, onde falo sobre o trabalho da Jane e meu.

Ainda não terminei a duplicação dos documentos da Jane e meus para o arquivo da Biblioteca da Universidade de Yale. Na verdade, esse trabalho a longo prazo não precisa de ter um fim definido. Aprendi que haverá sempre mais para adicionar à coleção.

Há já algum tempo que o Rick Stack e eu discutimos um projeto especialmente cativante: a impressão privada, por parte do Rick, das transcrições completas das primeiras 510 sessões que a Jane realizou antes da publicação de *O Material de Seth*, em 1970. Será um trabalho monumental. A coleção de oito volumes chamar-se-á *The Early Sessions* e será vendida apenas por subscrição, pelo menos inicialmente.

Sue Watkins — que descreveu tão bem a turma de PES da Jane na sua obra em dois volumes *Conversas com Seth* — começou recentemente a fazer pesquisa para *Conversas com Jane Roberts: Uma Memória Multidimensional*.

Sinto-me muito afortunado por toda a ajuda de quem mencionei — e também de outros — que me permite manter a promessa que fiz à Jane no seu leito de morte, há dez anos, quando ela me pediu que publicasse todo o seu trabalho. Sei que a minha esposa vive agora dentro de mim, assim como eu vivo nela *“onde quer que ela esteja agora”* — tal como partilhámos as nossas vidas um com o outro ao longo dos quase vinte e nove anos de casamento. Esse tempo simultâneo passou com uma profundidade e rapidez inacreditáveis.

A vida continua, então, só que de forma diferente. Claro que os meus sentimentos, sendo únicos por serem meus, estão profundamente entrelaçados com os de todas as outras pessoas. Como poderia ser de outra forma, se ninguém pode viver verdadeiramente em isolamento? Cada um de nós é uma porção imortal, uma centelha de perceção infinita, de beleza e de sentimento — e sim, de conflito e negação por vezes — dentro desta realidade provável que estamos todos a criar juntos, mesmo quando não sabemos que o estamos a fazer! Observo, com espanto, à

medida que cada um de nós expressa, o melhor que pode, a sua compreensão criativa deste maravilhoso mistério.

Robert F. Butts
19 de Novembro de 1994

INTRODUÇÃO
UM DIA EM QUE A MAGIA GANHA VIDA E SETH DESCREVE O QUE É "A ABORDAGEM MÁGICA" DA VIDA

Duas vezes por semana, quando chega a noite (como a maioria dos meus leitores já sabe), enquanto os nossos vizinhos vão ao cinema, aos centros comerciais ou simplesmente recebem amigos para ver televisão, eu entro em transe, *"torno-me"* o Seth e assumo uma espécie de segunda vida — ou uma vida dentro da vida. Na verdade, as sessões costumam durar entre uma e três horas, por isso suponho que muitas pessoas passem ainda mais tempo do que isso a jogar golfe ou ténis.

No nosso caso, no entanto, o Rob e eu geralmente não temos uma audiência direta (pelo menos, que possamos ver), e essas poucas horas passadas em transe têm um impacto sobre nós — e sobre o mundo — que está fora de proporção com o tempo efetivamente gasto.

Como Seth, já produzi cinco livros anteriores, e o Seth estava a meio de um sexto livro. Isso para além dos meus próprios doze livros. O Seth não responde a cartas, nem faz dactilografia, por isso, como resultado dessas horas de transe, o Rob e eu passamos grande parte da nossa energia consciente a lidar, de uma forma ou de outra, com os efeitos dessa vida em transe.

No verão de 1980, estive sem fazer sessões com o Seth durante quase dois meses. Estava a terminar o trabalho num dos meus próprios livros, *O Deus de Jane*. O Rob estava a preparar *O Indivíduo e a Natureza dos Eventos em Massa*, do Seth, para publicação. Estávamos ambos envolvidos nos mesmos acontecimentos que a maioria das outras pessoas durante aquele junho e julho — as noites e os dias mais quentes do que o normal, a seca em algumas partes do estado de Nova Iorque que também afetou ligeiramente a nossa zona, e os dramas noticiosos da televisão enquanto os partidos políticos discutiam e planeavam as suas convenções.

Em certas noites, os insetos (em coro) nos pequenos bosques atrás da casa eram mais barulhentos do que o som da nossa televisão. O mesmo calor que me fazia gemer de desânimo transformava o Rob numa versão de um nativo das ilhas do Pacífico Sul. Estava superdescontraído nos seus calções de ganga cortados; o seu cabelo comprido enrolava-se naturalmente em caracóis apertados, e o seu corpo leve e resistente parecia deleitar-se com o calor, enquanto o meu corpo leve e resistente se tornava numa esponja que ganhava dez quilos de fadiga.

Estava entre projetos depois de *O Deus de Jane*. Entretanto, reli os 17 capítulos do meu romance inacabado, *Oversoul Seven and the Museum of Time*, e examinei vários blocos de notas para possíveis livros, mas nada me despertava verdadeiro interesse. Pedi ideias ao meu "eu espontâneo natural" e, a 5 de agosto de 1980, sonhei que uma carrinha de mudanças com eu dentro estava a ser movida por um veículo maior, adiantando-se ao tempo planeado. Houve uma discussão sobre os lugares sentados, que acabou por se resolver. Interpretei isso como sinal de que em breve voltaria a movimentar-me criativamente, e que deveria estar preparada. Assim, pedi ao Rob que me ajudasse a mudar todo o meu material de escrita da pequena marquise onde tinha terminado *O Deus de Jane*, para a nova sala de trás junto ao pátio — como gesto de que estava pronta para recomeçar.

Assim, no dia 6 de agosto, sentei-me na sala do pátio com papel novo, cartucho novo na máquina de escrever e, com sorte, uma mente renovada, a rever as minhas interpretações dos sonhos mais recentes do Rob. Era uma tarde de agosto muito quente. As peças do mundo encaixavam-se ordenadamente nos seus devidos lugares. As imagens dos momentos ligavam-se como de costume, cada instante preciso, conduzindo ao seguinte. O movimento parecia todo exterior — desde o vento demasiado quente que entrava no meu pequeno estúdio pela colina atrás da casa, até às sombras da folhagem em movimento lá fora que dançavam pelo chão.

Estava a olhar para uma das várias páginas de notas que o Rob tinha escrito. À hora do almoço, comentei que um dos nossos correspondentes queria “magia instantânea”, e esse comentário levou o Rob a escrever algumas notas. Quando comecei a ler essas notas ao acaso, esta parte em particular prendeu a minha atenção... O Rob escreveu:

A magia, como a chamamos, representa (ou reflete) uma parte essencial da nossa herança natural... Permitimos versões distorcidas dos atributos da psique — como a clarividência, a telepatia e as habilidades precognitivas — que surgem à superfície como magia.

Houve algo nas palavras dele que me atingiu de forma nova. O Rob e eu falamos com frequência sobre estes temas. Ele estava a dizer que estamos imersos em “magia”, independentemente do nome que lhe demos, e que manifestações como a telepatia são apenas os pontos onde a nossa magia “se revela”. Por alguma razão, ao terminar de ler... senti-me inspirada. Ou melhor, senti um movimento psicológico interior a acontecer — um movimento tão definido, embora subtil, como as sombras que se agitavam no chão. Uma mudança de equilíbrio — uma ação psíquica vital, mas normalmente oculta, que num instante me transformou a mim e à tarde.

Ao reconhecer essa sensação de inspiração, olhei distraidamente para a cozinha. A visão da mesa chamou-me a atenção, assim como a visão da porta da frente, com a folhagem verde visível através do vão aberto. Pensei em fazer uma nova pintura dessa cena — já não pintava há meses. Depois ocorreu-me pedir ao Rob que tirasse uma fotografia da zona da mesa, para eu poder pintá-la mais tarde. Nem dois minutos se passaram e o Rob apareceu à porta com a sua câmara! Ele tinha comprado um flash

há meses para usar com ela, e ainda não o tinha testado. Agora disse-me que tinha uma última exposição disponível e queria tirar uma foto minha para a aproveitar.

Ele tinha andado a mexer na câmara na outra ponta da casa, longe do meu estúdio. Não havia forma de eu ter captado pistas físicas sobre o que ele estava a fazer. E no entanto, lá estava ele, com a câmara e tudo.

Os meus sentimentos "clicaram"; o episódio foi significativo; parecia encaixar-se demasiado bem e com demasiado sentido nos acontecimentos anteriores — como se dissesse: *"sim, operas magicamente"*... e isto é um exemplo de como essas perceções funcionam. Se o Rob não tivesse aparecido nesse momento, eu não teria sabido que o meu pensamento sobre câmaras tinha qualquer ligação com os pensamentos ou ações dele no mesmo instante. Então, quantas vezes os nossos pensamentos se relacionam, de uma forma ou de outra, com os pensamentos de outras pessoas?

Contei ao Rob o que estava a pensar antes de ele entrar. A minha intuição é que, por causa do meu estado de espírito — ao interpretar os sonhos do Rob e ao ler as suas notas — eu estava num tipo específico de sintonia com ele, ou com o seu estado mental, o que facilitou a comunicação interior. Conversámos sobre isso.

Subitamente, uma torrente de pensamentos surgiu dentro de mim sobre esta... "orientação mágica" de que o Rob falava. O "Estrutura 2" do Seth seria, claro, essa área mágica, pensei. No entanto, com exceção do início dessa parte do material do Seth, a *Estrutura 2* nunca me tinha tocado emocionalmente. De alguma forma, aquelas poucas notas do Rob tocaram. Ou talvez eu simplesmente estivesse pronta. A orientação mágica para a realidade incluiria a atividade intelectual — isso nem se discute —, mas a forma de nos relacionarmos com a vida seria completamente diferente também; a maneira como lidamos com problemas ou dificuldades de saúde; como atingimos objetivos e assim por diante seria radicalmente diferente. A própria palavra *"ação"* passaria a ter outro significado.

As notas do Rob ajudaram-me a perceber que tudo isto não era tão estranho como normalmente parece. A orientação mágica pode estar em conflito direto com o que nos ensinaram nesta e na maioria das culturas atuais. Mas faria parte da nossa maneira natural de ver o mundo — uma forma que foi sobreposta pela crença no modo "racional" de fazer as coisas. Esse modo, aliás, estava a revelar-se não tão racional assim. Mas pensei que haveria elementos na vida de cada pessoa que poderiam servir como marcos, ou pistas, para essa orientação mágica...

Levei a ventoinha para o quarto — o compartimento mais fresco da casa —, sentei-me na beira da cama e comecei a escrever os meus próprios sentimentos sobre as notas do Rob, sobre o episódio da câmara — e sobre aquilo a que chamei **a Conexão Mágica**.

Com calor ou sem ele, tive de reparar que o quarto parecia mergulhado em verdura — as folhas tremiam e o abeto estava tão perto da janela que um ramo poderia entrar, se esta ficasse aberta tempo suficiente.

Enquanto escrevia, a ventoinha rodava, agitando o ar contra a minha pele, ao mesmo tempo que as folhas verdes piscavam, e senti um transe a aproximar-se, finalmente, da vizinhança da minha mente. Sabia que o Seth voltaria a iniciar as sessões naquela noite — *se eu quisesse…*

Sorri. Eu queria. Mas, depois de dois meses de pausa, também estava nervosa; como sempre ficava depois de qualquer "férias de transe" prolongadas. E se — só *e se* — eu não conseguisse voltar a começar? E se tivesse perdido a habilidade tão de repente quanto a ganhei (há 17 anos)? E se o Seth falasse disparates? Não é que me preocupasse seriamente com essas possibilidades, mas estava vagamente consciente de que podiam acontecer. "Disparate," murmurei, "é do calor!" Porque sabia que o Seth falaria sobre a “ligação mágica”. Sorri de novo — e quem saberia mais sobre “magia” do que o Seth? Afinal, não surgiu ele de forma mágica desde o início?

Por volta das 16h00, a temperatura chegou aos 33 °C e considerei adiar a sessão. O Rob e eu fizemos uma sesta de uma hora e depois jantámos à mesa de café enquanto víamos as notícias da noite. Eu mexia-me constantemente a tentar encontrar uma posição confortável, enquanto o Rob — "fresco como uma alface" — dizia que tinha sido um dia maravilhoso. E, finalmente, pouco depois das 20h50, comecei a sentir a presença do Seth à minha volta.

Estava tudo bem. Depois da pausa, lá estava o Seth, psicologicamente pronto mais uma vez (pela milésima vez ou mais). À soleira da minha mente, as “engrenagens psíquicas” começaram a girar. O Rob estava pronto com o seu bloco e caneta. Dei um gole no meu copo de vinho com gelo. A ventoinha zumbia. Uma leve brisa fresca entrava pelas portas e janelas abertas. Depois, tirei os óculos, “tornei-me” o Seth, e comecei a falar. Com as pernas nuas apoiadas na mesa de café, o Rob sentou-se com a caneta pronta — e a sessão começou.

NOTAS: INTRODUÇÃO POR JANE ROBERTS

1. Jane Roberts escreve em *O Deus de Jane*:

“Desde o final de 1963, acumulei aproximadamente 4.000 horas em estado de transe, durante as quais as sessões do Seth se realizaram duas vezes por semana…

O meu tempo em transe é mais concentrado do que o tempo regular. Não estou inconsciente, mas sim consciente de outra forma, a outro nível… Este estado de perceção nada tem a ver com a dissociação patológica clássica; e os seus produtos — os cinco livros do Seth — demonstram um intelecto altamente desenvolvido em ação e evidenciam um tipo especial de criatividade. Nessas horas de transe, ‘transformo-me noutra pessoa’. Pelo menos, não sou eu mesma para mim mesma; torno-me o Seth, ou uma parte do que o Seth é.

Não me sinto ‘possuída’ ou ‘invadida’ durante as sessões. Não sinto que algum superespírito tenha ‘tomado conta’ do meu corpo.

Em vez disso, é como se eu praticasse uma arte psicológica precisa, uma arte antiga e pouco compreendida na nossa cultura; ou como se estivesse a aprender uma ciência psicológica que me ajuda a mapear os contornos da própria consciência…

Depois de todo este tempo, estou finalmente a examinar a visão do transe sobre a realidade, comparando-a com as visões oficiais da ciência e da religião...

É quase sempre uma experiência exaltante, como surfar numa perfeita e gigantesca nona onda de energia, sabendo exatamente como e quando 'mergulhar', e sentindo-me absolutamente segura e apoiada mesmo quando embarco numa viagem psicológica tão estranha. Mas a energia e o poder dessa onda levam-me acima e abaixo da realidade habitual, arrastando-me para contrastes que se tornam microscópicos e macroscópicos alternadamente."

SESSÃO UM
O TEMPO DE LINHA DE MONTAGEM VS. O TEMPO NATURAL E CRIATIVO. A MENTE RACIONAL VS. A MENTE ARTÍSTICA. 6 DE AGOSTO DE 1980 — 20H48, QUARTA-FEIRA

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora: Como sempre, começaremos à nossa maneira.

Na vossa mais recente série de interações, tu e o Ruburt, com os vossos sonhos e tudo o mais, com as notas do Ruburt e as tuas próprias, estavam ambos a seguir na direção certa, lidando com questões que são importantes a nível pessoal e que também têm um impacto muito mais amplo.

A pessoa natural é, de facto, a pessoa mágica, e ambos tiveram, até certo ponto, exemplos recentes dessa atividade. Estavam — e estão — a tentar ensinar a vós próprios algo. Isto é algo algo extenso de se destrinçar, mas o vosso comportamento e experiência, claro, resultam das vossas crenças. A *Estrutura 2* tem sido um quadro fascinante, mas sobretudo hipotético, no sentido em que nenhum dos dois conseguiu, realmente, pô-la em uso de forma tangível nos vossos próprios termos. Isto não quer dizer que não estivesse a operar — mas não tinham tido o tipo de retorno direto que desejavam.

Quando ambos estavam intensamente envolvidos nos vossos projetos recém-terminados, deixaram escorregar, relativamente falando, muita da vossa experiência interior. No entanto, ao operarem em conjunto, tiveram uma ideia — uma ideia importante — que vos permitiu interpretar o material da Estrutura 2 à vossa maneira. Obtiveram retorno imediato — uma troca criativa entre os dois, envolvendo os vossos sonhos, a câmara, e por aí fora. Ambos ficaram impressionados com a facilidade

mágica com que, claramente, pareceram perceber e agir com base em informações — informações que nem sequer sabiam possuir.

Algumas notas do Ruburt que ainda não leste contêm outras ideias importantes sobre esse tipo de atividade. O ponto principal é, de facto, a importância de aceitar uma orientação diferente da habitual — uma que não seja um suplemento secundário, mas uma parte fundamental da natureza humana. Como indicam as tuas notas e as do Ruburt — especialmente as dele —, isto envolve uma relação completamente diferente do *eu* com o tempo. Podes estabelecer as tuas próprias ligações aqui, a partir da experiência com a câmara e os sonhos recentes.

Importantes mal-entendidos sobre o tempo estão, em grande parte, na origem de muitas das dificuldades do Ruburt — e também de algumas tuas, embora de natureza mais leve. Tudo isto envolve uma forma de se relacionar com a realidade de maneira mais natural e, portanto, mágica. Existe, certamente, um tipo de tempo físico natural na vossa experiência — e na experiência de qualquer criatura. Esse tempo envolve o ritmo das estações, dos dias e das noites, das marés e assim por diante. À luz desse tipo de tempo físico — que está entrelaçado com a biologia terrestre — não existe um tempo cultural básico. Ou seja, a esse ritmo natural, acrescentaram culturalmente a ideia dos relógios, dos minutos e das horas, que sobrepuseram aos ritmos da natureza.

Esse tempo cultural funciona bem, no geral, para uma civilização que se concentra em parcialidades, fragmentos, linhas de montagem, pontualidade em compromissos e coisas semelhantes. Encaixa bem numa sociedade industrializada, tal como a compreendem.

O tempo com que qualquer criador artístico lida, no entanto, segue o tempo da Terra. O tempo do criador emerge das estações e das marés, mesmo que, na vossa sociedade, façam grande esforço para ajustar o tempo do criador ao que chamarei tempo de linha de montagem. Se és escritor ou artista, então parece que deves produzir tantos quadros ou livros ou o que for, como um operário de fábrica deve montar tantas peças do chassis de um carro. Especialmente se queres viver da tua arte, acabas por cair num estado mental em que acreditas que “cada minuto é valioso” — mas o que queres dizer é que cada minuto tem de ser um minuto de produção. Quando, na verdade, cada momento deve ser valioso em si mesmo, independentemente do que faças com ele.

O Ruburt sentiu culturalmente, por muitas razões já discutidas, que cada momento tinha de ser dedicado ao trabalho. Tu também sentiste isso, até certo ponto. Eu disse que o criador artístico opera no tempo das estações, num tipo de tempo natural — mas esse tempo natural é muito diferente do que imaginam. É muito mais rico, e vira-se para dentro e para fora, para trás e para frente sobre si mesmo.

Sendo o teu *eu* natural e mágico enquanto sonhas, utilizas informação que está fora do contexto temporal experimentado pela chamada mente racional. As capacidades criativas operam da mesma maneira — aparecem no tempo consecutivo, mas o seu trabalho principal ocorre completamente fora dele.

Quando terminaste o teu projeto, passaste vários dias a sentir-te miserável, mas conseguiste dar a volta e erguer-te lindamente, e tens todo o direito de te felicitar por isso.

O mesmo aconteceu com o Ruburt, e até certo ponto, com algumas variações individuais, as mesmas causas estiveram envolvidas. Quando ambos estavam a trabalhar nesses projetos, o vosso tempo cultural estava ocupado de uma forma que consideravam aceitável. O tempo criativo e o tempo cultural fundiram-se até certo ponto, no sentido em que podiam ver evidência diária e imediata do produto da criatividade a surgir das máquinas de escrever — como qualquer produto numa linha de montagem. Estavam a "usar" o tempo tal como o vosso treino cultural vos ensinou a fazer.

Queres fazer uma pausa?

("Não.")

Quando os projetos terminaram, particularmente no caso do Ruburt, manteve-se a crença cultural de que o tempo *devia* ser usado dessa forma (enfatizado), de que a criatividade tinha de ser dirigida e disciplinada para encaixar nos intervalos certos de tempo. Por outras palavras, até certo ponto ele tentou usar um tipo de tempo de linha de montagem para a produtividade criativa. Isso pode funcionar quando se estão a dactilografar manuscritos, e há muito trabalho físico envolvido, mas de forma geral estão a usar uma abordagem "errada" ao tempo — especialmente para qualquer artista criativo. Isto aplica-se particularmente ao Ruburt, embora tu também não estejas isento (disse com algum humor).

(Pausa.) Há muito material que irei transmitir-vos, porque é importante que compreendam as diferentes formas de se relacionarem com a realidade — e como essas formas criam os eventos vividos.

Nenhum de vocês, na verdade, esteve pronto para alterar radicalmente as vossas orientações, mas estão a aproximar-se desse limiar. Como as notas do Ruburt também mencionam, a "abordagem mágica" implica que mudam realmente os vossos métodos de lidar com problemas, alcançar objetivos e satisfazer desejos. Passam a usar os métodos da pessoa natural. Estes são, de facto, uma parte da vossa experiência pessoal. Não são métodos esotéricos — mas é preciso que estejam convencidos de que são os métodos naturais pelos quais o ser humano foi feito para lidar com os seus desafios.

Uso a palavra "métodos" porque é um termo que compreendem, mas na verdade estamos a falar de uma abordagem à vida — uma abordagem mágica ou natural à vida — que é a versão humana do comportamento instintivo natural dos animais no universo.

Essa abordagem contradiz diretamente os métodos que aprenderam. Têm mantido esses métodos em graus variados, já que, afinal de contas, parece que o mundo inteiro os segue. São as formas socialmente aceites de lidar com os acontecimentos.

No entanto, mais uma vez, com a experiência dos últimos dias, ambos ficaram surpreendidos com a facilidade mágica com que o trabalho — o verdadeiro trabalho — pode ser realizado: eventos percebidos fora do tempo e do lugar, e assim por diante.

Tudo isso pode ser transferido para outras áreas das vossas vidas, em especial para as dificuldades físicas do Ruburt. Compreendo a preocupação conjunta de ambos, e ao realizar esta sessão sei que querem respostas específicas — que dou sempre o melhor que posso.

Parece certamente que a melhor forma de obter respostas específicas é fazendo perguntas específicas, e a mente racional pensa primeiro em algo como uma lista de perguntas. Nesse sentido, a reação do Ruburt antes de uma sessão é natural — e até certo ponto mágica — porque ele sabe que, por mais que tenha sido ensinado de forma diferente, tem de esquecer (enfatizado) as perguntas e o estado mental que as acompanha com um nível da sua consciência, para poder criar o tipo certo de ambiente a outro nível — um ambiente que permita que as respostas venham, mesmo que surjam de uma forma diferente da esperada pela mente racional.

O que iremos explorar durante várias sessões, com a vossa permissão conjunta — e, espero, com o vosso entusiasmo conjunto — será a abordagem mágica à realidade, e às vossas vidas pessoais em particular, de modo a criar esse tipo de atmosfera em que as respostas se tornam experiências vividas (enfatizado).

Tentar encaixar a grande força da criatividade no tempo de linha de montagem leva, inevitavelmente, a conflitos, frustrações e insatisfação. Se mantiverem a orientação criativa e mágica como prioridade, tudo o resto se alinha. Não se diz ao eu criativo: *"Agora são 7:30. As pessoas estão nas suas linhas de montagem. Eu estou à secretária: produz."*

O tempo de linha de montagem não valoriza realmente o tempo — apenas o valoriza na medida em que este pode ser usado para propósitos bem definidos e previamente estabelecidos. Dentro desse enquadramento, desfrutar o tempo torna-se uma fraqueza ou um vício, e ambos, até certo ponto, já consideraram o tempo dessa maneira. Com pessoas criativas e fortemente dotadas — como é o vosso caso —, o eu natural está muito presente, independentemente do que façam. E, por isso, ressente-se fortemente de qualquer tipo de restrição sem verdadeiro significado imposta sobre a sua experiência.

Esse eu sabe, por exemplo, como desfrutar cada dia, como recolher insights criativos de cada encontro, como se enriquecer fisicamente através de tarefas domésticas ou outras atividades. Detesta ser informado de que *"deve trabalhar assim e assado"* sob comando de restrições que não fazem sentido.

A pessoa natural está longe de ser irracional. Ela reúne toda a experiência e transforma-a — e muitos dos vossos problemas têm surgido da aplicação de um tipo de orientação incorreta às vossas vidas e atividades.

Digo *incorreta* não como juízo moral, mas no sentido da aplicação de um método inadequado a um propósito que não pode ser expressado corretamente dessa forma. O tempo de linha de montagem, e as crenças que o acompanham, trouxeram muitos benefícios à vossa sociedade, sim — mas não se deve esquecer que todo esse enquadramento foi inicialmente concebido para reduzir os impulsos, o pensamento criativo ou qualquer atividade que levasse a algo que não fosse a repetição maquinal de um ato após o outro *(disse com intensidade)*.

Por outras palavras, esse enquadramento foi criado para vos oferecer uma versão padronizada e produzida em massa da realidade. Nenhum dos seus conceitos pode — *(batendo na mesa)* — ser racionalmente aplicado a atividades criativas. A orientação que leva à realização criativa encontra-se na direção oposta.

A criatividade tem, em si mesma, a sua própria disciplina interna — o tipo de disciplina que, por exemplo, num sonho, pode vasculhar os dias do futuro à procura da informação exata necessária para fazer um determinado ponto.

Todo este material aplica-se à condição do Ruburt, e compreendê-lo criará o ambiente no qual poderão surgir resultados benéficos.

Queres uma pausa?

("Sim.")

Então continuaremos depois.

Quando o Ruburt terminou o seu projeto (*O Deus de Jane*), deparou-se com todo aquele tempo que supostamente deveria ser usado *(sublinhado)*. Tomou novamente consciência das suas limitações, em termos físicos: parecia não haver muito que pudesse fazer além de trabalhar — e então recorreu à abordagem racional, que diz que, para resolver um problema, é preciso preocupar-se com ele.

Ao mesmo tempo, surgiu o seu *eu natural*. O Ruburt seguiu os seus impulsos e interpretou os teus sonhos — o que levou ambos a uma nova atividade criativa. Mas *não era trabalho*, percebes? O que ele precisava realmente era de relaxar — não de provar que podia, devia ou tinha de começar imediatamente outro livro. A verdadeira criatividade vem do prazer no momento presente, que se cumpre a si mesmo. Parte do processo criativo é, de facto, a arte de relaxar, de soltar, pois isso ativa a magia — e é isso que o Ruburt tem de aprender.

Terei muito a dizer, novamente, sobre a abordagem mágica, e acredito que este termo vos ajudará a ambos a trazer a *Estrutura 2* muito mais para a experiência concreta. Quanto à situação atual do Ruburt, ele não deveria usar o mesmo par de calças de ganga durante uma semana inteira, mas alternar entre dois ou três pares — que podem, claro, ser usados várias vezes.

A roupa interior que ele usa é inadequada, tanto para o clima como para alguém com mobilidade limitada. Também deveria variar mais o que veste para dormir. A tua

sugestão de que ele desse mais um passeio, quando ele falou num programa, foi excelente. Fê-lo perceber o quanto a sua atividade física tinha diminuído. E seguindo, de novo, a receita racional, preocupou-se com isso.

Depois comparou a sua posição atual com a imagem idealizada do que desejava — o que contribuiu para baixar o seu ânimo e intensificar a sua sensibilidade ao calor, à pressão da cadeira, e por aí fora.

Quero que fique claro que estamos realmente a lidar com duas abordagens completamente diferentes da realidade e da resolução de problemas — métodos que aqui chamaremos de método racional e método mágico.

A abordagem racional funciona muito bem em certas situações, como na produção em massa de bens ou em determinados tipos de medições científicas — mas, no geral, não funciona como uma abordagem para a vida ou para a resolução de problemas que envolvem medições subjetivas em vez de objetivas.

Esses métodos funcionam menos ainda em qualquer forma de arte. Pode parecer um lugar-comum, mas as medições da régua nada têm a ver com as medições feitas pelo coração — e nunca poderão expressar as medições incalculáveis feitas automaticamente pela menor das células.

A mente racional, sozinha, tal como é atualmente utilizada (por ser uma construção algo artificial, cuja função tem sido sobrevalorizada), nunca poderá compreender as medições dos sonhos que fizeste ao chegar ao sonho de Brenner.

O Ruburt manteve uma abordagem fortemente racional para garantir que mantinha a sua atividade psíquica sob controlo — porque, na vossa sociedade, isso parecia ser a única coisa racional a fazer *(disse ironicamente)*. Os vossos problemas não têm sido resolvidos, em grande parte, porque adotaram a abordagem errada, e isso porque não estavam realmente convencidos. Continuaram a agarrar-se às crenças condicionadas. Nesse aspeto, o Ruburt sofreu mais do que tu.

As crenças antigas, naturalmente, e a abordagem racional, estão por todo o lado e são constantemente reforçadas — e por isso têm, de facto, um grande peso. Mas a abordagem mágica tem muito mais peso, se a usarem e se se permitirem operar dessa forma, pois ela tem o peso da vossa orientação natural básica. A abordagem racional é a que foi sobreposta. Acho que ambos estão prontos para compreender isso.

Nesta sessão há material que permitirá realmente ao Ruburt sair da situação presente, mas continuaremos a discussão na próxima sessão. Já vos dei material semelhante antes, tal como tenciono fazer brevemente. No entanto, com as vossas experiências recentes, esse material será agora mais significativo e com mais impacto, permitindo que realmente o ponham em melhor prática desta vez — e serei também um pouco mais específico. Também abordarei quaisquer perguntas que tenham relativamente aos vossos sonhos mais recentes ou ao seu significado. É muito bom estar de volta convosco. Fim da sessão, e uma afetuosa e mágica boa noite para

ambos.
("Obrigado, Seth." 22h30)

NOTAS: SESSÃO DE 6 DE AGOSTO DE 1980

1. Seth é a “essência de personalidade energética” por quem a Jane fala enquanto está em estado de transe ou dissociação. Como Seth se refere à Jane pelo nome masculino do seu Eu Superior, “Ruburt”, também a trata com pronomes masculinos — “ele”, “lhe”, “dele”.
2. É verdade que, apesar do entusiasmo que sentimos quando o Seth descreveu pela primeira vez os Quadros de Referência (*Frameworks*) 1 e 2, há três anos, a Jane e eu não nos esforçámos de forma consistente para extrair desse conceito geral os resultados que conscientemente desejamos.

No livro *Eventos em Massa*, o Seth fala frequentemente sobre os *Frameworks* 1 e 2. Das minhas notas de abertura para a Sessão 814, que a Jane conduziu a 8 de outubro de 1977 para esse livro:

“Depois, numa sessão privada realizada na noite de 17 de setembro de 1977, o Seth apresentou um conceito muito empolgante chamado ‘Framework 1 e Framework 2’. A Jane e eu ficámos tão impressionados com as implicações práticas e profundas dessa proposta que começámos um esforço conjunto para a aplicar na vida quotidiana. Resumidamente, e de forma muito simples, o Seth afirma que o *Framework 2*, ou realidade interior, contém a fonte criativa a partir da qual formamos todos os acontecimentos, e que, através do foco adequado da atenção, podemos extrair desse vasto meio subjetivo tudo o que precisamos para uma vida construtiva e positiva no *Framework 1*, ou realidade física.”

Seth diz na Sessão 826, realizada para *Eventos em Massa* a 8 de março de 1978:

“Qualquer acontecimento, portanto, tem uma espessura invisível, uma base multidimensional. Os vossos céus estão cheios de brisas, correntes, nuvens, luz solar, partículas de pó, e por aí fora. O céu abrange todo o planeta. O [‘céu invisível’] do *Framework 2* contém padrões infinitos que mudam como, por exemplo, as nuvens — que se misturam e combinam para formar o vosso clima psicológico.

Os pensamentos têm o que chamaremos, por agora, propriedades eletromagnéticas. Nesses termos, os vossos pensamentos misturam-se com outros no *Framework 2*, criando padrões coletivos que constituem a base psicológica geral por detrás dos acontecimentos mundiais. No entanto, mais uma vez, o *Framework 2* não é neutro, mas inclinado automaticamente para aquilo a que aqui chamaremos desenvolvimento bom ou construtivo. É um meio fértil para o crescimento.

Sentimentos ou pensamentos construtivos ou ‘positivos’ são mais facilmente materializados do que os ‘negativos’, porque estão em conformidade com as características do *Framework 2*.”

3. O Seth descreve o episódio da câmara por volta das 21h15, na próxima sessão, que a Jane realizou a 11 de agosto.
4. Eu tinha acabado de dactilografar o manuscrito de *O Indivíduo e a Natureza dos Eventos em Massa*, da Jane/Seth, e a Jane tinha acabado o manuscrito de *O Deus de Jane*. A editora Prentice-Hall publicou ambos os livros.
5. Ver o meu relato do sonho de Brenner, a interpretação da Jane e o material do Seth sobre esse sonho, na sessão de 11 de agosto.

SESSÃO DOIS
A ABORDAGEM RACIONAL. A REALIDADE CIENTÍFICA "SÓLIDA". O INTELECTO E A ABORDAGEM MÁGICA.

11 DE AGOSTO DE 1980

Hoje comprei à Jane uma "almofada de água" para ajudar com as dificuldades em estar sentada, mas ao enchê-la depois do jantar, não achámos que funcionasse. Comprei também três tipos diferentes de roupa interior para ela experimentar... Antes da sessão passámos cerca de uma hora a ver a Convenção Nacional Democrata em Nova Iorque. Assistimos à primeira sessão, na qual as forças de Carter — que queriam uma convenção "fechada" — derrotaram as forças de Kennedy, que queriam uma convenção "aberta".

(Disse à Jane, a brincar, que os Democratas até podiam conseguir apresentar uma aparência de unidade na convenção, mas que, quando chegassem às eleições em novembro, talvez acabassem por dizer algo como: "Bem, perdemos, mas estávamos unidos" contra Reagan. Para mim, a situação política — escolher entre Carter e Reagan — é quase intolerável, e perguntei-me porque é que o nosso país escolheu este momento de provação, como se costuma dizer.)

("Bem," disse a Jane às 20h40, "estou tão confortável quanto consigo, por isso mais vale começar. Sinto-o por perto. Pelo menos sinto-me muito melhor do que me tenho sentido." Temos relido várias vezes a última sessão e revisto diariamente as resoluções do Seth. A Jane também tem "andado a pé" duas vezes por dia, usando a sua mesa com rodas como apoio — embora esta noite tenhamos trocado a caminhada por ver televisão. A noite estava húmida, mas não muito quente. Pelas portas e janelas abertas, ouvimos os grandes ritmos dos grilos e cigarras. Então:)

Bem —

("Boa noite, Seth.")

Boa noite. O problema não é que, enquanto cultura, usem demasiado o intelecto, mas sim que dependem dele em exclusivo para abordarem a vida. Ponto final.

O intelecto é brilhante, mas por si só, agora *(sublinhado)*, está de certo modo isolado no tempo e no espaço, ao contrário de outras partes da personalidade. Quando é excessivamente valorizado, com todos os esquemas e raciocínios habituais que o acompanham, pode de facto tornar-se receoso, até paranoico — porque não consegue realmente perceber os eventos até que estes já tenham acontecido. Não sabe o que acontecerá amanhã, e como está sobrecarregado, as suas tendências paranoicas só podem temer o pior.

Ora, essas tendências não são naturais ao intelecto, mas surgem apenas quando este é forçado a operar de forma isolada — isolado não só no tempo e no espaço, mas também psicologicamente, separado de outras partes da personalidade que lhe deveriam fornecer informação adicional que ele próprio não possui, e um tipo de apoio mágico.

A chamada abordagem racional da vida, tal como é praticada, é uma abordagem altamente pessimista, trazendo consigo os seus próprios métodos e "soluções" para os problemas, as suas próprias formas de atingir fins e satisfazer desejos. Muitas pessoas estão tão imersas nessa abordagem que se tornam psicologicamente cegas para qualquer outro tipo de orientação. Obviamente, esse não é o vosso caso, nem o de Ruburt, ou não estariam a ter esta sessão — ou qualquer outra atividade semelhante.

A abordagem racional, claro, adequa-se mais a certos tipos de pessoas do que a outros, mesmo que traga desvantagens para todos. Vivem numa sociedade industrializada e científica, por isso os benefícios — e as grandes desvantagens — dessa abordagem racional estão por todo o lado no mundo social e político. Os artistas de qualquer tipo encontram nessa abordagem uma das menos amigáveis, pois ela contradiz diretamente o vasto impulso da criatividade humana em várias áreas importantes. No entanto, tu e o Ruburt têm evidência de que a realidade "sólida" é algo bem diferente. No passado, ambos sentiram-se em desvantagem, considerando o nosso trabalho teoricamente fascinante e criativamente válido, mas sem acreditar necessariamente que ele contivesse qualquer declaração sobre um tipo de realidade "cientificamente válida" *(dito com bastante ênfase).*

(20h56.) Não achavam que estavam a lidar com ficção. Por outro lado, também não estavam dispostos a chamar-lhe facto. Na realidade, estão a lidar com uma versão mais ampla do facto, da qual — como já disse antes — o mundo dos factos emerge.

Houve inúmeras pequenas evidências fascinantes nas vossas vidas, além destas sessões, ainda que certamente estimuladas por elas. Essas evidências continuam como fragmentos isolados — peças soltas —, que começam a formar uma representação factual mais abrangente da realidade.

Todo este material aplica-se às vossas vidas em geral e à condição física do Ruburt, porque precisam de estar claros nas vossas próprias mentes quanto à vossa posição nesse sentido, e muito deste conteúdo ajudará a dissipar dúvidas persistentes — dúvidas que levam ambos — mas especialmente o Ruburt — a manter-se agarrado à abordagem racional, num esforço mal orientado para manter o que ele entende como

um ponto de vista equilibrado e uma mente aberta. Parece, pelas definições que vos foram ensinadas, que só existe um único tipo estreito de racionalidade — e que se abandonarem os limites dessa definição, então tornam-se irracionais, fanáticos, loucos ou qualquer outra coisa *(tudo dito com grande ênfase).*

A "racionalidade" fria e estreita que é reconhecida como tal é, na verdade, uma camada falsa que cobre uma racionalidade espontânea muito mais profunda — e é essa racionalidade mágica que fornece a base para o intelecto desde o início. A racionalidade que aceitam é apenas um pequeno indício da racionalidade interior espontânea que faz parte de cada pessoa natural.

Agora: Num sonho, enquanto dormias — ou seja, quando aparentemente não estavas racional, quando o teu intelecto aparentemente não estava ativo — percebeste informação sobre o teu ambiente físico passado. Viste o teu antigo bairro *(a 10 de junho de 1980)* — o terreno dos Brenner, cheio de lixo animal e industrial. Simbolicamente, viste a situação à tua maneira, mas sabias que a propriedade dos Brenner tinha sido poluída. Ainda tens amor por essa zona. Estás, de certo modo, em correspondência com ela. De alguma forma, manténs o "olho aberto" para informações relacionadas com esse local.

Estás também a idealizar um pouco o passado, contudo, por isso não recebeste a informação "de forma direta", mas sim de uma forma que também transmitia os seus próprios pontos psicológicos — e que ainda por cima foi entrelaçada com outras ações, não só nesse sonho, mas numa série de sonhos.

O sonho transmitiu a sua mensagem, quer tivesses lido o artigo que apareceu mais tarde (no jornal de *Elmira*) ou não. O sonho transmitiu a sua mensagem, de facto, mesmo que não o tivesses recordado — embora tenhas recordado. Recordaste-o porque quiseste trazer para a tua consciência exemplos do teu conhecimento mais amplo. A parte de ti que formou o sonho sabia da poluição; mas também sabia do prémio, do artigo de jornal e do teu hábito de ler o jornal da noite. Tudo isso envolve um movimento psicológico com um significado mágico e natural. Mostra-te que as regras do mundo racional estão cheias de falhas. Mostra-te que as visões do mundo racional não representam baluartes de segurança, mas sim barreiras ao uso completo do intelecto e da intuição.

Ruburt, ao interpretar o teu sonho, olhou da sua sala de trabalho — desperto mas relaxado — para a cozinha. Pensou em pedir-te que tirasses uma fotografia da mesa com a tua câmara, mostrando a porta da frente parcialmente aberta, para mais tarde poder pintar a cena. A tua câmara nem sequer conseguiria captar tudo isso — um detalhe em que ele nem pensou. Menos de dois minutos depois, entraste no estúdio dele com a câmara, que não usavas há meses.

Ruburt também tinha estado a refletir sobre a abordagem mágica, a partir de ideias nas tuas próprias notas que acabara de ler. E tu apareceste — como se respondesses. Como se dissesses: *"Sim, a abordagem mágica de facto opera — e é assim que funciona."*

O estado mental do Ruburt estava em correspondência com o teu, assim como tu estás em correspondência com o teu antigo ambiente. Nestes casos, tens um fluxo livre de informação a outros níveis.

Quando compreendes isso intelectualmente, o intelecto pode então aceitar que a informação de que dispõe não é toda a informação que existe. Pode reconhecer que o seu conhecimento é apenas a ponta do icebergue. E à medida que aplicas essa realização à tua vida, percebes ainda que, em termos práticos, estás realmente apoiado por um corpo de conhecimento muito maior do que conscientemente percebes — e por uma fonte mágica e espontânea de ação que sustenta a tua existência. O intelecto pode então perceber que não tem de fazer tudo sozinho: nem tudo tem de ser racionalizado para ser compreendido.

(Jane transmitiu o parágrafo acima como Seth com grande ênfase e convicção, como aliás o fez durante grande parte desta sessão. Eu [Rob] acho-o excelente e planeio fazer cópias para colar na parede do meu estúdio como referência constante.)

Esta informação é factual. Não estou a dizer que não uso analogias frequentemente, ou que por vezes não sou forçado a fazer afirmações simbólicas — mas quando o faço, aviso sempre, e mesmo essas afirmações são as melhores representações de factos demasiado grandes para as vossas definições.

O intelecto, então, pode e desenvolve fortes tendências paranoicas quando é colocado na posição de acreditar que tem de resolver todos os problemas pessoais sozinho — ou quase — e especialmente quando confrontado com quadros de dificuldades à escala mundial.

A abordagem racional, construída em torno deste enquadramento, insiste que a melhor forma de resolver um problema é concentrar-se nele, projetar os seus efeitos no futuro, refletir sobre as suas consequências, “olhar os factos de frente”.

Isto cria um ambiente em que o problema se agrava. O intelecto por si só — assim parece — tem de lidar não apenas com o problema de hoje, mas com os seus efeitos projetados para os desastrosos amanhãs. Esta concentração bem-intencionada, esta determinação em resolver o problema, esta abordagem racional, acabam por gerar um sentimento ainda mais profundo de inadequação. A concentração no problema provoca um tipo de repetição mecânica — um foco hipnótico que se repete.

O intelecto é um excelente organizador — dentro de certos parâmetros — e se essa concentração continuar, ele começa a organizar as suas perceções e experiências segundo essas mesmas linhas. Trata-se de uma tentativa mal orientada de encontrar ordem, recolhendo dados que confirmem a sua visão. O intelecto procura provas que sustentem o seu ponto de vista, porque, como o compreendem, precisa de uma razão aceitável para tudo *(dito com muita ênfase).*

Entretanto, provas válidas e sólidas que não se enquadram nessa imagem são gradualmente descartadas, ignoradas, rejeitadas. Estão lá, mas não são utilizadas. Desaparecem como prova — tornam-se inativas. Esse método de resolução de

problemas, como se pode imaginar, é um péssimo método, e se algo faz, é causar ainda mais problemas do que resolve.

No caso da condição do Ruburt, ele muitas vezes pensa estar “diante das provas” de que a sua condição não está a melhorar, de que está a piorar, de que todas as evidências dizem que tais condições se deterioram em vez de melhorar. Às vezes pensa que está a ser realista ao pensar assim.

O que acontece, claro, é precisamente o processo que acabei de descrever. Outras evidências — bem reais, físicas e atuais — presentes no seu corpo a qualquer momento, são ignoradas como não essenciais, triviais demais para merecer atenção, porque não se encaixam na imagem racional que foi construída.

(“Podes dar um exemplo?”, perguntei ao Seth, mas a Jane continuou a falar tão suavemente que me perguntei se ele/ela teria ouvido a pergunta.)

O processo é exatamente o que foi descrito acima, e quero que isso fique claro. Qualquer melhoria, a não ser que seja proclamada explicitamente, é quase ignorada, não é considerada uma prova concreta. Por outro lado, qualquer dificuldade é considerada como evidência sólida, porque encaixa nos dados recolhidos pelo intelecto. Essas dificuldades são significativas — enquanto as melhorias não parecem ser.

(Agora Seth começou a responder à minha pergunta.)

O Ruburt teve algum alívio, na última semana, nas zonas do maxilar, pescoço e ombros. Os seus olhos, por vezes — em três ou quatro ocasiões — leram notavelmente melhor. Há já algum tempo que os tornozelos e joelhos têm tido mais liberdade de movimento — em certos movimentos — mas toda essa evidência é, em grande parte, ignorada — ou pior, vista com ironia, já que ele não está a andar melhor.

Captaste a informação sobre os Brenner porque estavas em correspondência com esse ambiente. Captaste evidência interior nesse sentido. Ignoraste incontáveis outros indícios. O Ruburt captou as tuas atividades com a câmara porque estava em correspondência contigo. Ele tem de estar em correspondência com as evidências de mobilidade que o seu corpo tenta oferecer-lhe, para que possa construir uma nova imagem do seu corpo.

Mudam o vosso ponto de foco. Mudam aquilo que consideram significativo. Esta sessão marca o início de uma discussão sobre a abordagem mágica à vida e à resolução de problemas. Espero enfatizar mais o *que fazer* do que o *que não fazer*, embora por vezes tenha de distinguir claramente entre ambos.

Se compreenderem esta sessão a fundo, e se tiverem a intenção de realmente mudar a vossa orientação, então o ambiente propício às mudanças desejadas será automaticamente criado.

Fim da sessão —

("Obrigado.")

— e uma afetuosa boa noite.

Assim que saiu do transe, disse à Jane que esta sessão foi excelente. Mas estava também bastante irritado, porque o material do Seth tem o dom de tornar tudo tão óbvio que nos deixa a pensar como é que algo tão claro e básico pode ser tão facilmente ignorado ou mal interpretado por quem mais deseja aplicá-lo. Já passei por isso muitas vezes em sessões pessoais, e acabo sempre por decidir fazer melhor da próxima vez — ver com mais clareza, fazer tudo aquilo que trará os resultados desejados de forma fácil e natural. A Jane sente muitas vezes o mesmo, embora ultimamente, a julgar por alguns comentários dela, talvez nem tanto.

Ainda assim, este tipo de material traz esperança, e pensar sobre ele pode levar a momentos de verdadeira compreensão — e à esperança que vem com isso, pelo menos no meu caso. O mais curioso é que acredito mesmo que esta informação é válida, e que pode funcionar — que, no essencial, é o melhor tipo de orientação que alguém pode receber.

(Suponho que a minha irritação tenha sido facilmente captada pela Jane. Mas tivemos uma conversa viva e benéfica por causa dos nossos sentimentos, por isso, no geral, esta sessão foi muito boa. Quero organizar a minha abordagem ao novo livro do Seth, Sonhos, Evolução e Realização de Valores, de modo a poder citar parte desta sessão numa nota.)

NOTAS: SESSÃO DE 11 DE AGOSTO DE 1980

1. Do meu caderno de sonhos (Rob):

"Sonho, madrugada de terça-feira, 10 de junho de 1980.

2.

Em cores vívidas: Eu vivia na casa dos meus pais, no número 704 da North Wilbur Avenue, em Sayre, Pensilvânia. Tinha a minha idade atual, 61 anos. Que a casa tivesse sido vendida há muito, que os meus pais tivessem morrido no início dos anos 70, e que a Jane e eu estivéssemos casados há 26 anos e a viver em Elmira, Nova Iorque, eram detalhes irrelevantes no sonho. A Jane e os meus pais não apareciam, nem nenhum membro da família Brenner.

Anos atrás, depois de eu e os meus irmãos termos saído da casa dos nossos pais para seguir os nossos próprios caminhos, a família Brenner construiu uma casa ao lado. Isso representa uma contradição no sonho — ou, melhor dizendo, eu tentei combinar dois períodos de tempo. Ao entardecer de verão, depois do anoitecer, eu saí para uma caminhada com Floyd Waterman (vou chamá-lo assim), um amigo 'real' de Elmira que estava a visitar-me. Floyd é empreiteiro.

Para chegar à Wilbur Avenue, cortámos pelo campo de ténis de relva que o meu pai construiu para os filhos adolescentes. Na vida física, a casa dos Brenner está onde o campo existia. Junto ao passeio, crescia um antigo nogueiral (shagbark hickory) de

que eu sempre gostei e que ainda recordo com nitidez. Hoje, essa árvore estaria no quintal da frente dos Brenner.

Ao atravessarmos o campo, vi que o relvado dos Brenner estava sujo com uma mistura de dejetos animais e resíduos industriais — como poluição. "O que é aquilo?", exclamei para o Floyd, ao ver uma forma escura perto da árvore. Num primeiro momento de choque, pensei que fosse um veado atropelado durante a noite. Estava deitado de lado, de costas para nós. Depois, para meu espanto, vi que o suposto animal era, na verdade, os restos partidos de uma estátua metálica oca, em tamanho real, de um veado — uma estátua que esteve durante anos no jardim da frente de uma casa na Harrison Street, do outro lado da cidade, em Sayre. A casa era dos Maynard, que não tinham filhos. Quando eu e o meu irmão mais novo frequentávamos a escola primária, vivíamos a poucas casas dos Maynard. O Sr. Maynard era carpinteiro. Ele e a esposa eram amigos dos meus pais. Todos nós, crianças da vizinhança, adorávamos o veado, que estava pintado de castanho. Trepávamos por cima dele. O meu pai chegou a fotografá-lo.

Agora vi, mais uma vez com surpresa, que o veado estava partido em pedaços no quintal da frente dos Brenner, onde a árvore estivera há momentos. Exclamei ao Floyd que aquilo fora obra de vândalos — miúdos que eu sabia estarem a causar problemas no bairro. Tinham-lhe partido as pernas. A porta da frente dos Brenner estava aberta e vi a luz amarela e acolhedora na sala de estar. Sabia que precisava de correr até lá e contar-lhes sobre o pobre veado partido que estava no seu jardim."

13 dias depois, a 23 de julho de 1980, um artigo no *Elmira Star-Gazette* noticiava que a família Brenner recebera uma indenização extrajudicial de mais de 10.000 dólares do Município de Sayre e de uma grande cadeia de supermercados. A loja, localizada a poucos quarteirões da casa dos Brenner, causara o entupimento de canos de esgoto durante obras de construção, o que levou ao refluxo de esgoto para a cave da casa várias vezes após chuvas fortes.

"Eu não tinha qualquer conhecimento consciente dessa situação. Na verdade, não vou a Sayre há muitos meses, embora a minha cidade natal esteja apenas a 18 milhas de distância. A Jane não tem andado de carro, e evito deixá-la sozinha em casa sempre que posso."

Interpretação de Jane sobre o sonho de Rob:

"O sonho do Rob descreve com clareza — de forma precognitiva — a poluição no terreno dos Brenner causada pelo supermercado. Muitos dos sonhos do Rob envolvem uma visão nostálgica do passado, além de questões de segurança e perigo. Acredito que ele captou o elemento precognitivo para mostrar a si mesmo que as suas imagens do passado eram demasiado idealizadas.

A estátua do veado representa essa imagem idealizada do passado; encontrá-la partida no quintal dos Brenner liga o ambiente onde o Rob viveu em criança [na Harrison Street] ao da Wilbur Avenue, onde viveu mais tarde — significando que ele idealizou ambos os ambientes. A estátua do veado, um animal inanimado, contrasta

com os dejetos de um animal vivo. Animais idealizados, como estátuas, não deixam sujidade — mas também não estão vivos.

Floyd Waterman representa alguém com ligação a animais vivos no presente [na sua quinta], e serve de elo entre os tempos do sonho, já que também trabalha na construção e carpintaria — tal como o homem que possuía a estátua de veado. O Rob teve outros sonhos com Floyd e animais."

2. Seth refere-se a uma parte das notas que escrevi na tarde de 5 de agosto de 1980, véspera da primeira sessão sobre *A Abordagem Mágica*:

*"Foi difícil colocar o meu insight em palavras, mas quando o descrevi à Jane à hora de almoço, ela disse que fazia sentido. O insight surgiu após um comentário dela enquanto lia uma carta que eu acabara de trazer da caixa do correio.

O remetente listava várias organizações esotéricas conhecidas às quais pertencia — e ao mesmo tempo pedia ajuda pessoal à Jane. 'Ele quer magia', disse ela. O comentário dela fez-me lembrar material que eu escrevera no mês anterior e que lhe mencionei algumas vezes — que, ao longo de enormes períodos de tempo, a Terra e todas as suas criaturas permanecem essencialmente as mesmas, e que apenas os seres humanos, com as suas ideias de 'progresso' e 'desenvolvimento', mudam.*

O insight que me surgiu foi que, na verdade, os seres humanos também não mudaram, e que os nossos processos mentais mais complexos apenas criam a ilusão de mudança. A par disso, percebi que a 'magia', como a chamamos, reflete uma parte essencial do nosso equipamento mental natural, mas que o foco atual no materialismo e no intelecto — nas partes 'racionais' da psique — criou divisões artificiais, onde a magia parece 'irracional' ou irreal.

Na verdade, a nossa necessidade de magia é uma parte muito real, vital e integrante da nossa psique. A ideia consciente de magia é, portanto, uma máscara — ou uma versão forjada — das capacidades inatas de clarividência, telepatia e precognição da psique. Permitimos que versões distorcidas dessas capacidades surjam sob a forma de magia — como entretenimento — o que nos livra da responsabilidade de as levar a sério. Foi esse o caminho escolhido pela nossa espécie durante grande parte da história registada — e por várias razões.

Acho que trouxe este insight mágico para a consciência também por causa de alguns sonhos recentes com elementos precognitivos e/ou clarividentes. O sonho com os Brenner é um deles. A Jane tem feito um trabalho inestimável para mim ao interpretar esses sonhos. De facto, foi ela quem desenterrou muitas das ligações entre sonho e realidade.

(Mais tarde, acrescentei: A Jane disse que este material sobre a 'personalidade mágica'... "deu-me mesmo entusiasmo". Ela tem estado a escrever sobre a nossa orientação mágica. Disse-lhe que esse material podia muito bem entrar num capítulo de um dos seus livros.)"

3. E sim, a situação pode inverter-se: o próprio Seth também pode sentir-se frustrado connosco. Este excerto é de uma sessão privada de 11 de novembro de 1979:

"O mesmo tipo de reações, no entanto, está presente em todas as atividades, e às vezes é frustrante para mim que vocês não consigam perceber as facetas fascinantes de qualquer evento. Vocês ainda — e não me refiro apenas a vocês dois — não sentem a força incomparável que os pensamentos têm. Não compreendem que eles formam os acontecimentos, que para mudar os acontecimentos devem primeiro mudar os pensamentos. Vocês obtêm aquilo em que se concentram."

Ver o Apêndice B para o material que a Jane escreveu mais tarde, que ela pretendia incluir em conjunto com esta Sessão Dois.

SESSÃO TRÊS
O HOMEM E AS OUTRAS ESPÉCIES. OS ERROS COMO AÇÕES CORRETIVAS. DEFINIÇÃO DA ABORDAGEM MÁGICA

13 DE AGOSTO DE 1980

(*Terminei de dactilografar a segunda metade da sessão de segunda-feira mesmo antes da sessão desta noite. Disse à Jane que a considero excelente e que quero fazer cópias do trecho entre as 21h15 e as 21h36, onde o Seth explica que o intelecto precisa perceber que não tem de fazer tudo sozinho, que é apoiado por outras partes do eu. Acho que esse insight pode ajudar muito a Jane. Disse-lhe também que quero citar partes da sessão no atual livro do Seth, Sonhos.*)

(*Nota: A Convenção Nacional Democrata está no seu terceiro dia. Enquanto dactilografava depois do jantar, percebi que a Jane estava a ouvir os discursos na sala de estar. Depois apercebi-me de que tinha cometido um erro: no sábado passado, o nosso jornal local publicou um pequeno artigo sobre um médium que previu que o senador Robert Byrd, da Virgínia Ocidental, conseguiria a nomeação presidencial democrata, após um impasse entre Carter e Kennedy. Mostrei o artigo à Jane, mas acabei por deitá-lo fora com o lixo. Como os apoiantes de Carter ganharam a luta para manter a convenção "fechada" na sua primeira sessão, garantindo-lhe a nomeação na primeira votação, a previsão estava errada. Pergunto-me o que pensam os médiuns quando as suas previsões falham. Espero que não as racionalizem apenas por publicidade — porque têm de viver com elas. Jane nunca tentou prever eventos deste tipo. Para algumas das previsões dela, ver o Apêndice A.*)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

(Com uma pitada de humor seco:)

Ora bem: eu próprio já ouvi dizer que todas as outras espécies preservam a natureza, enquanto o homem tem propensão para a destruir.

(*Ver as minhas notas de 17 de julho de 1980.* Seth continuou a olhar-me enquanto falava, no mesmo tom:)

Já ouvi dizer que as outras criaturas se comportam com uma graça natural, exceto o homem. Já ouvi dizer que toda a natureza está satisfeita consigo mesma — exceto o homem, que está cheio de descontentamento.

Pensamentos assim seguem "naturalmente" os ditames do chamado pensamento racional. Quando pensam dessa forma, fazem-no a partir do nível mais tenso da especulação intelectual — esses pensamentos parecem autoevidentes para um intelecto que é forçado a operar sozinho, relativamente desligado das outras faculdades do eu. Nesse contexto, parece mesmo que o homem está separado da natureza — ou pior, que é uma praga ingrata, quase um parasita, sobre a face do planeta.

Essa visão em si é um sintoma da dificuldade do intelecto. Na posição que a vossa cultura lhe atribui, o intelecto vê-se realmente como estando sozinho, separado de outras partes da personalidade, de outras criaturas e da natureza. Assim, por exemplo, a ciência diz que as criaturas — exceto o homem — agem por instinto cego, e esse termo serve para explicar todos os comportamentos complexos das outras espécies. Deste modo, o abismo entre o homem e os animais, entre o intelecto e a natureza, parece aprofundar-se.

No entanto, é tão verdadeiro dizer — como já disse antes — que o intelecto humano também é instintivo. O homem começa a pensar desde o início. Não pode deixar de usar o intelecto. E o intelecto opera magicamente, espontaneamente, automaticamente. Os seus processos de raciocínio mais sofisticados surgem como resultado dessa ação mágica natural.

(*Pausa.*) O intelecto foi ensinado a separar-se da sua fonte. E por isso sente-se impotente — porque, em certo sentido, está filosoficamente desligado da sua própria origem. Quando observa o mundo dos acontecimentos políticos, por exemplo, os problemas parecem insolúveis. O homem toma muitas decisões que podem parecer erradas ao intelecto, por causa das suas crenças e do seu afastamento de outras fontes de informação. Mas muitas dessas decisões erradas são, na verdade, ações corretivas — decisões tomadas com base em conhecimento que não é conscientemente percebido. Isto escapa à vossa consciência.

Da mesma forma, decisões ou acontecimentos da vida privada podem parecer desfavoráveis ao intelecto pelas mesmas razões — mas são também medidas corretivas que não conseguem perceber devido às vossas crenças.

A abordagem racional, tal como é usada hoje, parte da suposição de que tudo o que está errado só tende a piorar. Essa crença, evidentemente, é altamente prejudicial, pois vai contra os princípios básicos da vida. Se isso fosse verdade ao longo da

história, o mundo nunca teria durado sequer um século. Curiosamente, mesmo antes da ciência médica moderna, havia muitas populações saudáveis. Nenhuma doença exterminou a espécie humana.

Quando acreditam que o pior vai acontecer, precisam de estar sempre em alerta. Na vossa cultura, usam o termo “intelecto” quase como uma arma para se protegerem de desastres iminentes. Precisam de estar atentos a todos os perigos. Começam a recolher provas de perigo, e qualquer outra orientação para a vida parece imprudente. Ser “realista” nesse enquadramento significa estar sempre à espera do pior.

Antes de mais nada, se perceberem que o intelecto é parte da natureza, parte da pessoa natural, parte dos processos mágicos, então não precisam de o forçar, nem de o colocar numa posição de isolamento, onde tende a tornar-se paranoico. O intelecto, tal como a vossa intuição, é apoiado pelos processos mágicos da vida. É sustentado pela mesma energia que vos deu a vida — a vós e ao mundo.

Essa força está a operar no mundo — e também na política — tal como opera no mundo da natureza, já que fazem essa distinção.

Quando seguem a chamada abordagem racional, sentem-se inevitavelmente ameaçados, desligados do vosso corpo. Os vossos pensamentos parecem separados do corpo. Começam a surgir divisões entre o mental e o físico, quando na verdade ambos são sustentados pelos mesmos processos mágicos.

Essa abordagem racional vai contra o que só posso chamar os desígnios da vida e os seus ritmos naturais. É contraditória à integridade biológica — e, novamente, não faz sentido.

A abordagem racional está, naturalmente, ligada a ideias científicas que já mencionei: um mundo envolvido em caos, a luta pela sobrevivência, e por aí fora. Não estou a desvalorizar o intelecto. Ele é extremamente importante, mas é, perdoem-me a expressão, tão natural quanto os bigodes de um gato. Não é um acessório da natureza — é parte dela.

(Seth pode ter feito a sua referência bem-humorada às bigodes de gato porque o nosso gato, Billy, tinha acabado de miar de forma algo frenética enquanto perseguia uma traça empoeirada pela sala de estar.)

A abordagem mágica parte do princípio, de forma muito simples, de que a vida de qualquer indivíduo se cumpre a si mesma, desenvolve-se e amadurece, e de que o ambiente e o indivíduo estão exclusivamente adaptados um ao outro e funcionam em conjunto. Isto soa bastante simples. Em termos verbais, contudo, estas são as crenças (se assim preferirem) de cada célula — soletrado c-e-l-u-l-a. Estão impressas em cada cromossoma, em cada átomo. Proporcionam uma fé inata que perpassa cada ser vivo, cada caracol, cada fio de cabelo na vossa cabeça. Essas crenças enraizadas são, evidentemente, biologicamente relevantes, dando o impulso necessário a todo o crescimento e desenvolvimento.

Cada célula (pausa) acredita num amanhã melhor (disse calmamente, com um sorriso). Admito que estou a personificar a célula, mas a afirmação encerra uma verdade profunda. Além disso, cada célula contém em si uma crença e uma compreensão da sua própria inevitabilidade. Ou seja, sabe que vive para além da sua morte.

A ideia do céu, com todas as suas distorções, funcionou como uma estrutura teórica que assegura ao intelecto a sua sobrevivência. A ciência, por outro lado, sempre acreditou na completa aniquilação do intelecto após a morte. E como o ser humano, entretanto, passou a identificar-se totalmente com o intelecto, essa crença foi um golpe devastador. Negou ao homem um imperativo biológico essencial.

Todas estas razões estão por detrás dos problemas coletivos da humanidade e aplicam-se a cada vida individual. Quero referir, novamente, que Ruburt decidiu, ainda em criança, apostar no seu intelecto em vez da beleza — como sentia que a sua mãe fizera. No seu caso, como já foi dito anteriormente, ele sentia que as qualidades femininas se opunham ao desenvolvimento intelectual. No entanto, era dotado tanto intuitiva como intelectualmente, sendo naturalmente impulsionado a crescer em ambas as áreas — áreas que via como contraditórias, em vez de complementares.

Tomemos agora outra pessoa — ou, mais precisamente, outra mulher — dentro do chamado campo psíquico. Ruburt tenta provar que é razoável, racional, enquanto sente que essas pessoas nunca aprenderam a usar os seus poderes de raciocínio, confiando em vez disso em cada pensamento aleatório que lhes surge na cabeça. Assim, duvidar de si mesmo funcionava como uma forma de proteção.

(Pausa prolongada.) Ele também sentia que o poder de questionar do intelecto não era apenas uma das suas funções — que de facto é — mas o seu propósito principal, o que não é verdade. Nos vossos termos, a função principal do intelecto é fazer deduções e distinções claras sobre a relação da personalidade com o mundo. A vossa sociedade, no entanto, tem considerado a abordagem racional como a preferida pelos homens — dando a Ruburt mais uma razão para ser um defensor da racionalidade. Todas as crenças associadas ao género eram, naturalmente, erradas, mas faziam parte dessa estrutura "racional".

É certamente demasiado simplista o que vou dizer, e no entanto quase que seria melhor inverter completamente toda a abordagem racional, assumindo que todas as suas premissas estão erradas — pois, de facto, são mais falsas do que verdadeiras. Mais uma vez, as divisões são arbitrárias da vossa parte. O intelecto é o resultado de processos altamente espontâneos de que ele próprio nada sabe, e as intuições, tidas como indisciplinadas e irracionais, baseiam-se em cálculos muito mais espetaculares do que aqueles que a mente consciente é capaz de conceber. O intelecto não os conseguiria acompanhar, portanto essas distinções não são fundamentais — são o resultado de crenças e de hábitos. Por isso, naturalmente, falo delas separadamente, como vocês as concebem.

A abordagem mágica parte do princípio de que o ser humano é uma criatura unificada, que cumpre os seus propósitos na natureza tal como os animais o fazem —

independentemente de esses propósitos serem compreendidos ou não. Parte do princípio de que cada indivíduo tem um futuro, um futuro pleno, mesmo que a morte aconteça amanhã. Parte do princípio de que os meios para o desenvolvimento estão dentro de cada um e que a realização acontecerá naturalmente. No geral, essa abordagem está presente no vosso mundo. Se não estivesse, o mundo não existiria. Se o pior estivesse garantido — como os cientistas acreditam — nem sequer a evolução, nos termos deles, teria sido possível — um ponto interessante a incluir, com certeza.

Precisavam deste enquadramento, pois quero criar a atmosfera onde esta abordagem mágica possa ser compreendida. Depois, poderá ser aproveitado material mais específico.

No teu sonho, estavas, naturalmente, em processo de formar novas ideias sobre a natureza do eu mágico (através da minha arte), e também a trabalhar essa ideia por meio da imagética. O sonho é, acima de tudo, um exemplo de "trabalho" a ser feito noutros níveis de consciência.

A conversa mental recente de Ruburt com a "Mary", e o teu próprio sonho sobre a Mary com as folhas de desenho — todas estas experiências são indícios do tipo de raciocínio requintado que ocorre nos níveis de consciência normalmente considerados irracionais. Esse tipo de material enriquece o intelecto e dá-lhe segurança.

Uma nota: pede a Ruburt que te diga como se sente, em termos de estado de espírito, pois agora podes ajudá-lo nisso. Ele tem de perceber que o relaxamento também faz parte do processo criativo. Se for deixado em paz, fará "a coisa certa". Continuaremos esta conversa na próxima sessão. Entretanto, estejam atentos a outras pistas e sinais que vos possam dar uma melhor ideia desta abordagem mágica.

Fim da sessão.

("Muito bem. Obrigado.")

Desejo-vos uma noite magicamente tranquila. Os meus cumprimentos calorosos para ambos.

("Obrigado. Igualmente.")

("Não me lembro de nada disto", disse Jane. "Só sei que nada disto estava na minha cabeça antes da sessão.")

(Isto é certamente mágico — a atuação de Jane como Seth, nas sessões. Esta nota, que escrevi alguns dias depois, foi inspirada pelo material que Seth trouxe nesta sessão:

("Seth, claro, não só dita o seu material mágico — a sessão — como tem de manter toda a sessão em mente enquanto o faz, para que cada frase, no momento em que a diz, faça sentido em relação às anteriores e às que se seguirão. Um feito notável, tanto

da parte dele como da Jane, quando se pára para pensar. Como é isto possível? Seth não tem guião, nem pode consultar as minhas anotações durante a sessão para rever o que já foi dito.)

(Diria que uma memória extraordinária deve estar envolvida aqui, aliada, em níveis mais profundos, a um encurtamento do tempo tal como o concebemos. As capacidades de Seth fazem-me lembrar algo que escrevi recentemente sobre como certas partes da personalidade — ou psique — devem construir os sonhos de forma extremamente astuta e cuidadosa com antecedência, para que, ao serem "reproduzidos", transmitam precisamente a mensagem certa às partes da psique que dela necessitam. E não estou a ser contraditório ao dizer que o sonho é também uma produção espontânea.)

(Estes comentários sobre as capacidades de Seth parecem óbvios quando os consideramos assim, mas não creio ter pensado nas suas aptidões dessa maneira antes. Isso torna as suas performances ainda mais notáveis. Ver o material após as 21:44 na sessão de 13 de Agosto, sobre o intelecto e as intuições "indisciplinadas e irracionais". Na verdade, toda essa sessão é pertinente aqui.)

Notas: Sessão de 13 de Agosto de 1980

Quando escrevi estas notas a 17 de Julho, não esperava de forma alguma que, semanas mais tarde, Seth viesse colocar tudo "no seu devido lugar", por assim dizer, ao aprofundar a sua abordagem mágica:

“Já reparaste”, disse eu à Jane outro dia, “que tudo na Terra permanece igual exceto a atividade humana?” Jane já me ouviu dizer isto inúmeras vezes. É uma das minhas ideias favoritas, e tiro dela — com o meu próprio tipo de humor algo perverso — grande conforto e estabilidade.

Podia dar centenas de exemplos do que quero dizer. É uma daquelas ideias óbvias que parecem infantis quando são formuladas. Não me importa se é ou não um pensamento profundo; tem significado para mim. Mas, tanto quanto sei, nós, humanos, somos a única espécie obcecada com "mudança", "progresso", com "controlar ou dominar a natureza"; com aprender sobre o nosso passado e traçar o nosso futuro. Esforçamo-nos por um futuro impossível, ou pelo menos cor-de-rosa, onde todos os nossos desafios tenham sido superados e onde vivamos numa espécie de terra maravilhosa e irreal aqui na Terra. O que faremos a seguir — ou vamos desistir também dessa ideia? Talvez passemos todo o tempo a contemplar-nos uns aos outros!

De qualquer forma, todas as manhãs, quando espalho sementes para os pássaros na entrada da casa na colina, os cardeais, as rolas, os chapins, os gaios-azuis e outros pássaros estão à espera nas olaias russas próximas, no carvalho ou alinhados nos fios telefónicos. O seu comportamento é sempre o mesmo. Se eu, a Jane e a nossa casa desaparecêssemos de um dia para o outro, e o nosso terreno fosse magicamente transformado no seu habitat original, os pássaros simplesmente

mudariam para sementes "naturais" em vez de consumirem as sementes de girassol, milho-painço e outros grãos que o nosso mercado tão comodamente lhes fornece.

Será que essas espécies com penas se lembrariam de nós? Porque haveríamos de impor-lhes as nossas preocupações e hábitos?

Os coelhos do nosso bairro continuariam a viver como sempre, embora talvez sentissem falta de mordiscar os vegetais frondosos das hortas locais. Os peixes e toda a complexa microvida nos fundos dos rios locais continuariam a viver como sempre viveram. Os veados que vejo na floresta a norte da casa na colina continuariam a saltar entre os arbustos e as árvores. Viveriam como sempre viveram, já que é ilegal alimentá-los — embora gostem de descer a colina à noite e provar certos arbustos que plantámos generosamente em redor das casas.

Nos meus momentos mais sombrios, dou por mim a pensar que amo a Terra e tudo o que nela existe, exceto as atividades humanas cada vez mais destrutivas — e por vezes pergunto-me até sobre os próprios seres humanos! Amo os desertos e as florestas, os oceanos, rios e lagos da Terra, as planícies e os polos, os pântanos e as montanhas. E sei que na fossa de Porto Rico, no Oceano Atlântico, a vida marinha a mais de 2.500 metros de profundidade continua tal como tem sido durante milénios. Sempre foi assim para as criaturas e plantas do mar. Sempre foi assim para todas as formas de vida interligadas dos polos e trópicos, dos desertos, florestas e pradarias. Cada espécie vive no seu ambiente, quaisquer que sejam as condições. E acredito que, de certa forma, cada forma de vida sabe disso e ama a sua casa — e não tem desejo de a mudar ou destruir.

E então, que dizer da chuva ácida, por exemplo, uma das muitas criações humanas que estão a ter um forte impacto sobre a superfície terrestre e os ambientes aéreos? Dizem-nos que já é evidente em várias partes do mundo — muitas vezes a jusante de certas atividades industriais. Como seria de esperar, os donos e operadores das indústrias afirmam que as suas fábricas pouco ou nada têm a ver com os lagos mortos nos Adirondacks, no Estado de Nova Iorque, por exemplo, ou em certas províncias canadianas do outro lado dos Grandes Lagos.

Teriam existido chuvas ácidas e lagos mortos na Europa do século XVIII? Pode ser que sim, que saibamos nós…

"Bem, Seth", pensei depois da sessão desta noite, "exagerei nesse texto! Ajudaste-me a compreender algumas coisas, mas o que escrevi ainda tem verdade para mim. Estou zangado porque penso — sei — que nós, seres humanos, temos uma capacidade criativa abençoada para fazer muito melhor. Então, porquê não o fazemos?"

2. Esta sessão decorreu a 13 de Agosto. Treze dias depois, a Jane e eu ficámos muito intrigados ao ler um artigo numa publicação nacional onde se mostrava, após oito anos de testes, que as mulheres não só fazem a maioria das coisas tão bem quanto os homens — como os superam em muitas áreas, tanto intelectuais como intuitivas.

Por exemplo, as mulheres demonstraram igual sensibilidade ao som, pensamento claro, lógico e racional, leitura e escrita precisas, memória para design (como em desenho técnico e ilustração), memória numérica, destreza com pinças, previsão no fluxo de ideias e associações de personalidade ligadas a trabalhos especializados.

As mulheres superam os homens em áreas como destreza manual, aptidões para contabilidade, fluxo de ideias (como em vendas, escrita e ensino), perceção de pequenas alterações em detalhes físicos, ideias intangíveis que requerem vocabulário complexo (como em medicina e direito), e capacidade de visualizar relações tridimensionais (como em engenharia).

Segundo estes testes, nós, pobres homens, superamos as mulheres em apenas duas categorias: visualização estrutural (como em engenharia, mecânica e construção) e medidas de força muscular simples.

3. Do meu caderno de sonhos: “Sonho, muito cedo na manhã de quarta-feira, 13 de Agosto de 1980. (Ver a pintura no final desta sessão.)

A cores vivas, como sempre: sonhei que, em Nova Iorque, tinha voltado ao meu primeiro amor, o desenho de bandas desenhadas. Não livros de BD, contudo, mas uma história de aventura-fantasia sindicada, para ser publicada a cores e ocupar uma página inteira de jornal ao domingo. Muito invulgar. Vi a minha arte para a primeira página, talvez uma vez e meia maior do que a versão impressa final, sobre uma mesa de desenho plana. Estava feita a preto, em "linha", mas também com aguadas de cor simples. Para os livros de BD, eu apenas desenhava a prancha a preto. O impressor fornecia as pranchas de cor.

No sonho, eu não tinha consciência da minha idade, 61 anos, nem me lembro de estar comprometido com a tarefa de desenhar uma tira diária. Tinha um assistente bem mais jovem, que me fazia lembrar o Tom Lantini, um amigo artista que andava um ano atrás de mim na escola secundária de Sayre, a nossa cidade natal, em Sayre, na Pensilvânia. No sonho, eu tinha deixado certas áreas em branco nos painéis que compunham a página de domingo, e o meu assistente — sem nome — tinha feito os desenhos para preencher esses espaços.

A minha personagem principal, um homem com um fato justo ao estilo do Super-Homem e uma capa esvoaçante, ocupava vários painéis de altura bem ao centro da página — um conceito bastante ousado para o layout de uma banda desenhada. Conhecia bem esse tipo de personagem porque, no início dos anos 40, na vida "real", fui um dos artistas que desenhou o popular herói da banda desenhada, o Capitão Marvel.

A minha personagem de sonho estava de pé, com confiança, virada para o leitor — exceto que eu me tinha esquecido de desenhar-lhe a cabeça! O meu assistente, no entanto, desenhara a cabeça numa pequena prancha separada e protegida com uma folha de papel vegetal. Achei que a cabeça era demasiado pequena, mas bem feita — bastante jovem, com cabelo preto encaracolado e feições bonitas, como se esperaria de uma personagem mágica. Também percebi que a cabeça era quase demasiado

juvenil para o corpo forte que eu próprio tinha desenhado, embora não criticasse esse facto. Tudo o que faltava era o impressor juntar a cabeça ao corpo. Estava sentado à mesa de desenho a examinar o trabalho do assistente.

A minha professora de artes na escola secundária, a Sr.ª Bowman, também ensinou o Tom Lantini — e, tal como me emprestou dinheiro para frequentar uma escola de artes comerciais em Nova Iorque, fez o mesmo com o Tom, para que ele pudesse frequentar a mesma escola. Ver a minha nota sobre a Sr.ª Bowman no final da sessão de 10 de Setembro.

O Tom começou a escola um ano depois de mim, e eu ajudei-o a conseguir um quarto na mesma pensão aprovada pela escola onde eu vivia com outros estudantes. Contei à Jane que, no início, sentia algum ciúme do Tom, provavelmente por sentir que, de alguma forma, ele estava a invadir a minha relação especial com a Sr.ª Bowman. A Jane disse que isso tornava o meu sonho ainda melhor. Esta é a interpretação dela:

"Sonho de quarta-feira, 13 de Agosto de 1980.

Mais um excelente sonho do Rob. Nas nossas sessões, ultimamente, o Seth tem falado sobre o eu natural ou a pessoa natural, dizendo que essa também é a pessoa mágica. Neste sonho, o Rob está no processo de trabalhar essa ideia visualmente. A sua ligação mais direta com a magia seria a experiência com a banda desenhada, quando desenhava o Capitão Marvel — uma personagem mágica. A imagem resultante, em duas partes, mostra que a ideia está quase concluída na mente dele, faltando apenas ser reunida. No sonho, ele vê-se a regressar à banda desenhada, mas agora com a edição especial de domingo — e a personagem de super-herói é muito mais proeminente do que o habitual.

A cabeça mais pequena representa, penso eu, a ideia de que o intelecto tem um lugar mais pequeno ou menos importante do que ele antes supunha. No fim do sonho, o Rob diz que a cabeça era quase demasiado jovem para o corpo que desenhara — talvez uma lembrança de que o eu natural é mais jovem, de certa forma, do que o eu intelectual. Acho que o Rob está representado no sonho tanto pela personagem mágica como pelo assistente que desenhou a cabeça.

No sonho, o assistente é um colega estudante. Não tenho a certeza do significado dessa ligação, a não ser que, na altura em que conheceu o Tom, ambos — como jovens artistas — acreditavam nos aspectos mágicos da vida, e que agora vêm em auxílio do Rob, ajudando-o a desenhar a cabeça da personagem."

4. Dois dias após a primeira sessão d'A Abordagem Mágica, a Jane fez anotações sobre uma troca mental com a nossa querida e antiga amiga "Mary" (nome que lhe dei):

"8 de Agosto de 1980.

"... já de noite, ontem, tomei consciência de uma conversa mental entre mim e a Mary. Ela dizia que queria visitar-nos, e depois disse que queria passar cá a noite. Fiquei algo alarmada e a conversa dissipou-se. A sensação que tive foi que algo tinha acontecido entre ela e o novo marido, uma discussão. Ela queria ficar aqui esta noite, talvez deixando o filho com o marido — o que não me pareceu boa ideia. Já antes captei coisas sobre os relacionamentos da Mary.

De manhã, a Mary telefonou. Soava bastante em baixo; o Rob, que também falou com ela, concordou. Mas eu não mencionei a minha experiência, por mais que quisesse confirmar se era real; não quis intrometer-me."

5. O meu sonho com a Mary:

"Sonho, muito cedo na manhã de domingo, 10 de Agosto de 1980.

Difícil de recordar, e o que consigo lembrar não faz grande sentido. Em cores vivas: sonhei que a Jane e eu estávamos a comer numa pequena mesa, num restaurante ou café ao ar livre. Era um lindo dia de verão. A nossa amiga Mary aproximou-se de nós. Estava sozinha e não me lembro de ela nos ter dito nada. Trazia um grande bloco de desenho, talvez de 56 por 76 cm. Esperar-se-ia que as folhas fossem brancas, prontas para desenhar.

Em vez disso, quando a Mary levantou a capa do bloco e nos mostrou a página de cima, vimos que estava coberta com um belo padrão floral de folhas e flores — como os que se veem hoje em roupa de cama. Examinei várias páginas do bloco e todas tinham o mesmo padrão, em vermelhos, verdes, etc. O padrão tornava as folhas completamente inúteis para o seu propósito habitual. Acordei várias vezes com este sonho na cabeça, dizendo a mim mesmo para o lembrar."

E a interpretação da Jane, escrita no mesmo dia em que tive o sonho:

"Um pequeno sonho maravilhoso, que transmite a sua mensagem de forma muito clara:

As ideias da Mary sobre o amor romântico e fazer amor (representadas pelos lençóis floridos modernos) estão a ser transpostas do quarto para a área da sua arte — e de forma a prejudicar a arte. A transposição dos padrões florais dos lençóis para as folhas do bloco de desenho é excelente; o Rob escolheu um bloco de desenho em vez de, por exemplo, folhas de máquina de escrever, penso eu, porque a pintura é a sua arte, enquanto a da Mary é a escrita. Talvez também para fazer ligação com os esboços que a Mary faz da própria vida. Usando o seu próprio símbolo artístico — o bloco de desenho — em vez de folhas para escrever, o Rob reforça a ideia dos conflitos da Mary em relação à natureza do seu trabalho.

A Mary mostra-nos as folhas grandes do bloco num restaurante ao ar livre — um cenário onde as necessidades físicas são satisfeitas em público. O ar livre especifica esse aspeto público, significando que as ideias da Mary estão ligadas a valores sociais

e ao desejo de ter as suas necessidades satisfeitas de forma socialmente aceite. Isto pode referir-se ao seu recente casamento…

Como se pode ver, o sonho exprime tudo isto de forma muito mais simples e concisa do que eu consigo!"

Mas eu disse à Jane que ela fez um trabalho muito melhor, consciente e intuitivamente, a interpretar o meu sonho com a Mary do que eu alguma vez conseguiria. Estou grato!

Nota: Algumas horas antes da sessão de hoje, a Jane escreveu:

"Quarta-feira, 13 de Agosto de 1980.
"Telefonei à Mary. Desde a última vez que falámos, ela decidiu deixar o marido."

SESSÃO QUATRO
A CIÊNCIA E A IMAGEM DA CIÊNCIA. O DESEJO COMO AÇÃO

18 DE AGOSTO DE 1980

(Espirrei três vezes precisamente no momento em que a Jane tirou os óculos e entrou em transe. Como Seth, ela olhou para mim com um ar bastante divertido, esperando que eu estivesse pronto para tomar notas.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem: quero começar por mencionar uma das mensagens mais importantes e vitais no teu sonho da porta de vidro (de há dois dias), pois a sua verdade aplica-se também à abordagem mágica.

Ou seja, o sonho estava a dar-te um exemplo de uma das principais características do que vamos chamar a abordagem mágica. O Ruburt não deu ênfase a isso na sua interpretação, que de resto foi excelente.

A questão principal era a facilidade relativa com que conseguiste alargar o buraco na porta de vidro. Facilidade é a palavra-chave. Para o mundo do intelecto, uma porta de vidro tem de ser considerada sólida, tal como é no mundo dos sentidos físicos. Mas noutros termos igualmente factuais — de facto, num quadro mais amplo de factos — a porta não é de todo sólida, tal como nenhum objeto o é. Isso, obviamente, é do conhecimento da ciência.

A ciência delega o mundo da natureza ao reino dos acontecimentos naturais exteriores. A sua visão da natureza é, por isso, mecanicista. No entanto, o eu natural,

tal como o resto da natureza, possui uma dimensão rica de profundidade psicológica interior que a ciência, devido às suas próprias definições, não consegue perceber. A telepatia e a clarividência, por exemplo, fazem parte dos efeitos naturais, mas pertencem a uma natureza tão mais vasta do que as definições científicas, que passaram a parecer excentricidades altamente antinaturais do comportamento, em vez de componentes naturais da consciência.

(Pausa.) É também por essa razão que parecem cair fora do âmbito do "s-a-ñ-o" (soletrado). No entanto, essas características são propriedades básicas do ser humano natural. Não se manifestam bem sob os auspícios do método científico, porque o método científico está, ele próprio, programado para perceber apenas informação que se encaixe nos seus padrões pré-concebidos.

Essas capacidades parecem imprevisíveis, descontínuas, apenas porque estão relativamente pouco conscientes do que é, na realidade, um comportamento psicológico bastante constante. Ou seja, tais capacidades operam de forma tão suave, tão contínua e com tal facilidade (intensamente) que só se tornam conscientes delas em certas condições. Estão cientes apenas de pistas isoladas de características aparentemente invulgares.

O intelecto é, basicamente, capaz de lidar com muitos tipos de informação e sistemas de informação. É muito mais flexível do que atualmente se lhe permite ser. Pode lidar com várias visões principais do mundo ao mesmo tempo, percebendo que cada uma é um método de perceber e abordar a realidade. Em certo grau, historicamente falando, essa situação existia no passado quando — comparativamente falando, agora — as pessoas reconheciam que existia, de facto, um mundo interior de complexidade e riqueza que podia ser abordado de certas formas, coexistindo com o mundo físico, de modo que ambos se interligavam. Certas abordagens funcionavam numa área, e outras funcionavam na realidade interior.

O intelecto conseguia lidar com ambas as abordagens, operando com pressupostos distintos. Havia pressupostos separados que se aplicavam a diferentes realidades. Não pretendo idealizar esses tempos. Nas chamadas eras modernas, no entanto, o intelecto foi "reduzido", por assim dizer. A ciência percebeu a complexidade espetacular da realidade exterior, mas desviou totalmente a sua atenção de qualquer reconhecimento — absolutamente nenhum — até considerar a própria subjetividade como um mero produto descartável, formado acidentalmente por uma matéria sem mente.

Tudo isto se aplica à vossa situação, pois quero que compreendam a fundo, intelectual e emocionalmente, os erros do pensamento atual, para que possam ver que o nosso material está, de facto, a fornecer-vos não só "material criativo", mas uma apresentação mais factual do quadro no qual têm a vossa existência.

Nos tempos modernos, então, o intelecto acabou por ficar com apenas uma visão do mundo aceite, com um conjunto de pressupostos, com apenas uma abordagem principal à realidade e à experiência. Os pressupostos aceites, em grande parte, contrariam diretamente os pressupostos biológicos, espirituais e psicológicos inatos

que fazem parte da herança do ser humano. O intelecto tenta ordenar a experiência, dar sentido à perceção. Quando é enriquecido (pausa) por possuir várias visões do mundo, então desempenha um excelente trabalho ao fundi-las em padrões significativos, classificando a informação e encaminhando-a para os sítios adequados, por assim dizer.

Compreende, por exemplo, que o material clarividente faz parte das características globais da personalidade, por isso não tem medo de o perceber — e é capaz de separar essa informação da perceção sensorial física presente. A organização, então, é uma das suas principais características. Quando lhe é fornecida apenas uma visão do mundo e um único grupo de pressupostos, a sua natureza ordenada leva-o a rejeitar toda a informação que não se enquadre. É quase forçado a criar uma imagem ordenada — como um puzzle — mas sendo-lhe negadas metade das peças.

O intelecto não tem culpa. Faz o melhor que pode nessas condições.

No teu sonho, estavas claramente a ver o limiar entre a realidade física e a dimensão mágica na qual essa realidade física tem a sua origem. Estavas a ser mostrado — ou a mostrar-te a ti mesmo — a diferença entre as regras ou pressupostos dos dois mundos. O desejo do cão por comida levou-o a atravessar a porta de forma mágica, pois os desejos da criatura natural são satisfeitos (pausa) com uma facilidade que nada tem a ver com as vossas ideias de trabalho. O que quero introduzir aqui são os conceitos de um tipo diferente de trabalho — um trabalho muito valioso e vital, que é realizado a outro nível e de forma diferente.

Um exemplo claro, claro está, é o “trabalho” feito para manter cada criatura viva e a respirar, o “trabalho” feito para manter os planetas nas suas órbitas, o “trabalho” que permite que um evolucionista medite sobre as suas teorias.

No teu sonho, sentiste esse tipo de trabalho ou ação. É o poder dado ao mundo, o poder dado à natureza. É a força orientada para o cumprimento de valor. Noutras palavras, é — naturalmente — a energia do Tudo O Que É. O problema é que a visão racional da vida separou o homem da perceção da sua própria fonte de poder. Quando tem um problema, a abordagem racional parece ser a única resposta — e muitas vezes, claro, não é resposta nenhuma.

O Ruburt queria ter a certeza de que estava certo. (Pausa prolongada.) Tentou avançar e não avançar ao mesmo tempo. Tentou ser arrojado e cauteloso, corajoso e seguro. Isso aplica-se, até certo ponto, a ambos, precisamente porque foram fortemente dotados tanto no plano intelectual como no intuitivo. Tentaram racionalizar a vossa criatividade, ambos, de certa forma. O pensamento racional vê a criatividade como algo altamente disruptivo e, portanto, como pessoas criativas muito dotadas, encontrariam inevitavelmente algumas dificuldades.

Está na altura de verem essas dificuldades como desafios, parte de uma aventura criativa que escolheram para vocês próprios. Escolheram essa aventura porque era a mais adequada ao vosso próprio cumprimento de valor individual. Ao reconciliarem os muitos conceitos e contradições por vocês próprios, estão também a abrir caminho

para muitos outros. Seria, mais uma vez, bastante útil se pensassem no vosso trabalho mais como uma aventura — uma empolgante aventura criativa — do que como trabalho, nos antigos termos.

Isto permitirá incluir nas vossas contas o sentimento de "trabalho" interior e mágico. Também começará a dar-vos uma perceção do apoio mágico que vos sustém a ambos, e às vossas vidas — o apoio no qual o Ruburt pode confiar, e que pode conduzir à solução das suas dificuldades físicas. Aqui, novamente, a palavra vital é facilidade, ou ausência de esforço. Se quiserem (Pausa prolongada) alimentar um cão no mundo físico — e ele está do outro lado da porta — têm de a abrir. No mundo interior, tu ou o cão podem atravessar a porta sem esforço, porque o desejo é ação. O desejo é ação.

No mundo interior, os vossos desejos concretizam-se por si mesmos, sem esforço. Esse mundo interior e o exterior cruzam-se e entrelaçam-se. Apenas parecem separados. (Pausa.) No mundo físico, pode ter de passar algum tempo, ou alterar-se certas condições, ou o que for — mas o desejo acabará por produzir os resultados adequados. O que importa é o sentimento de ausência de esforço. É perfeitamente apropriado que o intelecto do Ruburt compreenda isto, e diga simplesmente agora: "Esse não é o meu domínio. Vou deixar a solução desse problema onde ela pertence. Vamos usar aqui a abordagem mágica."

Se quiseres, descansa um pouco os dedos.

("Está bem." Depois:)

Agora, brevemente: continuarei esta discussão na próxima sessão.

O Ruburt sente-se por vezes desesperançado porque os pressupostos da abordagem racional muitas vezes conduzem a isso, e porque ele não tem tido confiança suficiente em si mesmo, nessas outras áreas, para alcançar os resultados duradouros que deseja. Isto aplica-se, por vezes, às atitudes de ambos.

A um nível consciente, claro está, nenhum de vocês percebia — ou queria perceber — o tipo de revogação e reformulação completa que as nossas sessões implicavam, e durante alguns anos conseguiram manter muitas visões "oficiais" da realidade juntamente com os conceitos novos, sem estarem prontos para compreender que estava em causa toda uma nova forma de pensar — uma nova relação do indivíduo com a realidade. Assim, experimentaram alguns novos métodos aqui e ali, com resultados razoáveis.

Mas o que está realmente em causa é uma reorientação total (com ênfase) — e essa reorientação trará, sem esforço, uma nova relação do Ruburt com o seu corpo, com a sua vida, e com a aventura na qual ambos se lançaram. Ele irá simplesmente melhorar automaticamente, porque o novo enquadramento permitirá que isso aconteça.

Algumas notas mundanas, mas úteis. Ele deve, naturalmente, ter algum tempo de escrita sem interrupções. Nenhum de vocês compreende bem a vossa atitude em

relação ao quarto. Ambos evitam fazer amor nele. É a única divisão que não faz (pausa) parte das vossas atividades no geral. Parece isolado das vossas vidas. Não o decoram, por exemplo. Isto resulta parcialmente de ideias antigas, em que o sono é uma parte separada, isolada da vida, ou da personalidade.

Sentir-se-iam ambos melhor nesse espaço se ele refletisse mais os vossos outros interesses. Para o Ruburt, por exemplo, alguns livros ou estantes. É um quarto que não mostra qualquer evidência do seu trabalho, percebem? Deveria conter alguns dos vossos quadros atuais — mas, de alguma forma, deveria estar mais ligado às vossas vidas.

Idealmente, uma cama nova seria vantajosa, tanto fisicamente como simbolicamente. O relaxamento — deitar-se, por exemplo — seria muito mais facilmente assimilado pelo Ruburt se uma marquesa ou equivalente — um divã ou algo do género — fizesse parte do seu espaço de escrita, ou da varanda.

Gostam de dormir na sala porque ela vos oferece um alcance mais sensorial. Os vossos metabolismos são naturalmente diferentes e, em circunstâncias normais, dada a vossa rotina de almoço, o Ruburt precisa de uma boa refeição, por vezes, seguramente entre as cinco e as seis, no máximo. Caso contrário, sente uma irritação física natural que depois se complica com outras questões. Precisas do teu tempo de pintura, como já descobriste. Ele gosta da hora do crepúsculo no seu espaço de escrita, e embora as estações do ano influenciem isso, continua a ser uma boa ideia sempre que possível. As tuas palavras de conforto são muito úteis — e lembra-te de que elas atuam para além do plano físico.

Agora despeço-me com um caloroso “boa noite”, e os meus parabéns aos teus dedos.

("Estão bem.")

Boa noite.

("Obrigado. Boa noite, Seth.")

NOTAS: SESSÃO DE 18 DE AGOSTO DE 1980

1. Do meu caderno de sonhos: (Ver a minha pintura no final da Sessão 4.)

"Sonho, muito cedo na manhã de sábado, 16 de agosto de 1980.
"Vou tentar lembrar-me de todos os elementos deste sonho na ordem correta. Foi muito invulgar. Todo ele em cores vibrantes:

"Sonhei que estava na cozinha da casa da colina, em Elmira, agachado logo dentro da porta de vidro da cozinha, que estava fechada. A porta interior de madeira estava escancarada, mesmo à minha esquerda. O Gus, o velho e amigável cão de pastoreio

Shetland dos nossos vizinhos do outro lado da rua, aproximou-se da porta de vidro, à procura do punhado de ração seca que costumo dar-lhe todas as manhãs quando espalho alpista na entrada. O Gus estava do lado de fora da porta, na varanda fechada, como devia estar — só que, para minha surpresa, vi que ele começava a atravessar o vidro na ânsia de chegar à comida. Senti a sua cabeça a empurrar o vidro sem qualquer esforço e comentei o fenómeno com a Jane, que estava sentada no seu lugar habitual à mesa do pequeno-almoço, logo atrás de mim. Estava mesmo espantado. Tinha as mãos na cabeça do Gus enquanto ele tentava entrar na cozinha através do vidro.

"Ao empurrar gentilmente a cabeça do Gus, ele começou a recuar através do vidro. Com uma inspiração súbita, mantive as mãos na sua cabeça até que as minhas mãos passaram com ele através do vidro ao recuar. Depois, para obter uma prova física de que aquilo estava realmente a acontecer, com a mão direita comecei a 'esculpir' um buraco quadrado, com alguns centímetros de lado, no vidro onde tinha estado a cabeça do Gus. Fiz a abertura à medida que o vidro começou a 'solidificar'. Os lados do buraco estavam suavemente arredondados e não representavam qualquer perigo em termos de arestas cortantes. Fiquei assim com a prova que queria — um buraco irregular que tinha formado no vidro com os dedos. O vidro do sonho tinha cerca de meio centímetro de espessura — o dobro, digamos, da sua espessura 'real'.

"Depois da parte do Gus no sonho, vi através da porta de vidro um homem a fazer posição de sentido, como num ato militar. Era mais velho, grisalho, impecavelmente vestido com o uniforme azul-escuro de um oficial da Marinha. Era bonito, alto e elegante. Parecia-se um pouco com o homem azul que estou a pintar com base num sonho recente, embora esse esteja em roupa civil. Há uma semelhança entre os dois, mas não estou necessariamente a dizer que o oficial é o civil. Só quero notar que este é o segundo caso recente em que a mesma figura pode ter aparecido em sonhos diferentes.

"O homem da Marinha, no entanto, nunca atravessou a porta como o Gus, nem me falou ou se moveu. Limitou-se a ficar ali de pé, a fazer guarda na varanda, simbolizando não sei bem o quê. Era um oficial de patente considerável, com várias insígnias nos punhos — talvez o equivalente a um coronel do Exército.

"Mais tarde no sonho, talvez já de noite, estava sentado num sofá com alguns amigos próximos, como numa pequena festa. O meu irmão Linden, que vive fora da cidade, talvez estivesse lá. A sala não parecia muito com a nossa sala da casa da colina. A Jane estava presente. Acho que tínhamos a televisão ligada. Ou foi uma personagem na TV que disse algo, ou alguém na sala — fosse como fosse, isso ativou a minha memória do episódio com o Gus. Comecei a rir e a contorcer-me de alegria, a contar aos nossos amigos que tinha vivido algo maravilhoso e que podia mostrar-lhes a prova física disso. Não cheguei a mostrar realmente o buraco no vidro, mas durante algum tempo continuei a rir e a dizer, para surpresa e diversão de todos, que tinha mesmo vivido aquela aventura naquela manhã."

Jane interpretou o sonho no próprio dia:

"Sonho de 16 de agosto, sábado de 1980 — o sonho da mão a atravessar o vidro.

"Este é mais um sonho excelente, que dá continuidade ao da sessão anterior, em que o Rob estava a construir uma imagem do Eu mágico — vendo-o como uma espécie de personagem tipo Capitão Marvel. Neste sonho, porém, ele usa a magia por si próprio, tornando-a muito mais acessível.

"O sonho decorre na cozinha, uma divisão ligada ao sustento físico. O Gus, o cão dos vizinhos, com um desejo intenso pela comida que o Rob segura, atravessa a porta de vidro — o que simboliza a importância do desejo para satisfazer magicamente as necessidades. O Gus provavelmente representa também o Eu mágico em forma de criatura, revelando o seu lado natural; ou seja, que é, afinal, algo natural.

"Em simultâneo, é o Eu habitual do Rob que aprende com o Eu mágico-criatura, que depois 'obtém a prova', ampliando o buraco mágico no vidro — o que significa duas coisas: que a consciência dita habitual pode aprender com a parte mágica, seguir o seu exemplo e, por isso, apanhar-se a si mesma a 'realizar milagres'.

"Mais tarde no sonho, o Rob é lembrado desse episódio por algo que alguém diz, seja na TV ou na sala — o que simboliza uma mobilidade diferente da consciência, quase como um sonho dentro de um sonho, e estabelece também o facto de que os acontecimentos físicos e mágicos estão relacionados.

"Não tenho a certeza quanto ao significado do oficial da Marinha — uma figura de autoridade... cujo propósito parece ser apenas observar; talvez como uma forma de assegurar ao Rob que o Eu racional está lá, na sua posição certa — mas a observar os acontecimentos mágicos à distância…"

Rob:
A Jane fez um trabalho tão bom a interpretar o sonho (na minha opinião!) que não insisti para obter mais detalhes. Mais tarde, no entanto, fiquei com vontade de lhe ter feito algumas perguntas. Acho que ela tem toda a razão ao ver o oficial da Marinha como um símbolo do Eu racional mais convencional ou rígido. Gostava de ter ouvido os comentários da minha mulher sobre a presença do meu irmão Linden no sonho. Ele é um ano mais novo do que eu e vive com a família na Pensilvânia. Tornou-se bastante religioso, como é seu direito. Acho que, ao falar com alegria sobre a minha exploração mágica no sonho, estava a dizer-lhe algo como: “Olha, há mais do que uma forma de explorar o Eu, de ser religioso!” E acho que eu e o Linden estivemos em correspondência no estado de sonho, e que de algum modo ele recebeu a mensagem...

2. Segundo Jane e Seth, dentro do nosso esquema temporal, cada consciência dotada de corpo físico — seja qual for a sua forma, tamanho ou complexidade — procura intrinsecamente realizar o seu mais elevado potencial, não só para si mesma, mas também para benefício de todas as outras consciências desta realidade.

Assim, não existe o “andar à deriva” pela vida, mas sim uma busca interior constante pelo cumprimento de valores, independentemente dos sucessos, conflitos ou

fracassos que possam ocorrer, e independentemente de quão modestos, grandiosos ou complexos esses elementos possam ser.

A *êxtase* e o *amor de estar vivo* operam sempre no sentido de garantir a qualidade e o crescimento da existência da vida através do cumprimento de valor.

Robert F. Butts (1919—):

O Meu Sonho da Porta de Vidro. 1980. Óleo sobre madeira, 33 x 28 cm.

O meu sonho de 16 de agosto foi difícil de representar visualmente: como poderia mostrar o meu contacto com o Gus através do vidro aparentemente sólido — mostrar que, como diz o Seth, o desejo é ação? Fiz o primeiro esboço do sonho no final de agosto, mas só terminei a pintura em dezembro.

SESSÃO CINCO
ESTILOS DE PENSAMENTO. COMBINAR A ABORDAGEM MÁGICA COM A CHAMADA ABORDAGEM RACIONAL

20 DE AGOSTO DE 1980

(Sentámo-nos para a sessão às 20h45. A Jane tem-se sentido bastante melhor: “As minhas costas estão 75% melhores”, disse ela novamente. Estou de volta ao trabalho na cronologia do livro mais recente do Seth, *Dreams*, e tenho feito algumas pinturas baseadas nos meus próprios sonhos. A Jane tem feito um excelente trabalho a interpretá-los; algumas das minhas excursões noturnas resultaram destas sessões sobre a abordagem mágica.)

(Sussurrado:) Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Uma continuação da nossa conversa.

O quadro de referência científico passou a ser associado ao termo "pensamento racional", de tal forma que qualquer outro tipo de pensamento parece automaticamente irracional. O pensamento tornou-se, nesse sentido, demasiado especializado, tendencioso e inflexível.

Ora, existem estilos de pensamento. Cada indivíduo tem o seu próprio estilo de pensar — uma mistura peculiar, rica e individual (pausa), feita de especulações, fantasias (pausa), formas ideocêntricas de usar dados subjetivos e objetivos. No entanto, a ciência dominou tanto o mundo do pensamento que muitas nuances e áreas que outrora eram consideradas perfeitamente “racionais” passaram a ser vistas como pouco respeitáveis. A ciência tenta limitar-se ao que pode provar.[1]

Infelizmente, tende a construir uma visão do mundo baseada apenas em certos materiais. Acabamos com disciplinas separadas: biologia, psicologia, física, matemática e por aí fora — cada uma com o seu grupo de factos, zelosamente guardados, cada uma fornecendo a sua própria visão do mundo: o mundo visto através da biologia, ou a realidade através da física.

Não existe um campo separado que combine toda essa informação, ou que aplique os factos de uma disciplina aos de outra. Por isso, no geral, a ciência — com o seu tipo de pensamento racional — não consegue oferecer uma ideia abrangente, mesmo que hipotética, do que é a realidade. Parece que cada indivíduo está, em efeito, isolado em aspetos vitais — com uma herança genética e uma certa quantidade de energia não especificada para manter a "máquina corporal" a funcionar (intensamente). Intenção, propósito ou desejo não fazem parte desse modelo.

O indivíduo é, mais uma vez, um estranho — quase um alienígena — no seu próprio ambiente, no qual tem de lutar para sobreviver, não só contra as forças "indiferentes" da natureza imediata, mas contra o determinismo genético. Tem de lutar contra o seu próprio corpo, exagerar a sua vulnerabilidade a defeitos inatos, doenças, e contra uma espécie de bomba-relógio incorporada, à espera do momento inesperado da extinção. A ciência não enfatiza as forças cooperativas da natureza. Ela glorifica as distinções, especificações e categorias, e é geralmente cega, em termos amplos, às forças unificadoras que são, evidentemente, igualmente reais. Por isso, quando falo do ser natural como sendo também o ser mágico, é fácil transpor até essa ideia para termos mais isolados do que aqueles que pretendo transmitir.

Não se trata apenas de cada pessoa ter a sua origem numa dimensão "mágica", da qual emerge a sua vida em geral, mas de essa fonte privada ser também parte da energia que sustenta todo o planeta e os seus habitantes — e toda a estrutura que compreendem como o universo.

Campos, ou p-l-a-n-o-s (soletrado) de inter-relação ligam todos os tipos de vida, sustentando-a não apenas através de um sistema — como o biológico ou o espiritual — mas em cada ponto concebível da sua existência. Não vos é dado apenas uma determinada quantidade de energia, como foi referido anteriormente. Energia "nova" está disponível por todo o lado. Mais uma vez, não existem sistemas fechados. O ambiente é consciente e vivo. Existem comunicações constantes entre todas as partes do vosso corpo e todas as partes do ambiente.

(Pausa.) Em termos práticos, isto significa que não precisam de depender apenas daquilo que consideram os vossos recursos privados. **Fundamentalmente**, o cumprimento de valor é uma das características mais importantes da existência — de tal forma que todas as coisas agem, individual e coletivamente, de formas que melhor contribuem para o cumprimento global de toda a estrutura.

Nasceram porque desejaram nascer. Uma planta ganha vida pela mesma razão. No entanto, vivem num quadro de referência diferente de uma planta: têm mais escolhas disponíveis. Interagem com a natureza de forma diferente. O vosso intelecto existe para vos ajudar a fazer escolhas. Permite-vos perceber certas probabilidades num

contexto de tempo físico. O intelecto é usado adequadamente quando lhe é permitido perceber as condições físicas com clareza. Aí pode tomar decisões mais benéficas quanto aos objetivos que querem alcançar.

(Pausa.) Esses objetivos são geralmente desejos conceptualizados e, uma vez formados, atuam como ímanes, atraindo desses vastos campos de inter-relação as condições mais adequadas à sua concretização. O intelecto, por si só, não pode cumprir esses objetivos. O intelecto, sozinho, não consegue sequer provocar um único movimento do corpo. Tem de contar com outras propriedades que ele próprio põe em movimento — essa complexidade interior espontânea, essa magia ordenada. **Ponto final.**

Quando o intelecto é usado corretamente, pensa num objetivo e automaticamente põe o corpo em movimento em sua direção, e desperta automaticamente outros níveis de comunicação que desconhece, de modo que todas as forças trabalham juntas para a realização. Imaginem um objetivo hipotético como um alvo. Quando usado corretamente, o intelecto imagina o alvo e atinge-o imaginativamente. Se fosse um alvo físico, a pessoa ficaria de pé, arco e flecha na mão, concentrando-se apenas no centro do alvo, talvez com alguns gestos aprendidos — posicionamento adequado dos pés ou o que for — e as propriedades mágicas do corpo fariam o resto.

Quando o intelecto é mal utilizado, no entanto, é como se sentisse que tem de conhecer ou dirigir pessoalmente todos esses processos interiores. Quando se aplicam sistemas de crença erróneos e negatividade associados ao raciocínio dito racional, é como se a pessoa visse o alvo, mas em vez de focar a atenção nele, se concentrasse em todas as formas possíveis de a sua flecha falhar: pode cair para a esquerda ou para a direita, ir longe demais ou ficar aquém, partir-se no ar, cair-lhe da mão — ou, em inúmeras outras formas, trair a sua intenção.

Desviou por completo a atenção do alvo, claro. Projetou sobre o presente o cenário dos seus medos, em vez da imagem da sua intenção original.

O corpo, respondendo às imagens mentais e aos pensamentos, age de forma a espelhar a confusão da mente.

Em outras palavras, a abordagem mágica e a abordagem chamada racional devem ser combinadas de certa forma para obter os melhores resultados.

Algumas pessoas às vezes vos escrevem, falando da sua intenção de fazer dinheiro — ou melhor, de o ter. Dizem concentrar-se no dinheiro e esperar por ele com fé total, acreditando que será atraído pela sua crença e concentração. Podem até praticar o exercício do ponto de poder[2], por exemplo. No entanto, podem também ter deixado os seus empregos, ignorado impulsos para procurar outro trabalho ou outras ações práticas, confiando apenas, digamos, na abordagem mágica. Isso, claro, também não funciona.

À medida que o Ruburt utiliza a abordagem mágica, e vocês também, verão que ela se integra perfeitamente com o resto da existência, inspira o intelecto, inspira o movimento físico — pois ativa propriedades físicas.

Vou continuar a descrever as formas como as duas abordagens funcionam em conjunto. No entanto, o ponto principal que quero destacar é o facto de que a tua fonte privada de poder é uma parte desse campo maior de inter-relação, no qual o teu ser está firmemente ancorado. Não é algo pelo qual tenhas de lutar. Foi-te dado sem esforço à nascença — e antes disso — e traz consigo compreensões emocionais e intuitivas próprias, compreensões essas que podem realmente sustentar-te ao longo de toda a tua existência física. Se compreenderes isso, então, em grande medida, muitos dos teus medos desaparecerão em conjunto.

(Agora, para minha surpresa, o Seth respondeu a uma ou duas perguntas que eu tinha pedido à Jane, mais cedo hoje, para transmitir à Sue Watkins — material que eu podia usar na minha cronologia para *Dreams*. A Sue tinha-me dado recentemente algumas informações, e as minhas últimas perguntas eram extensões dessas.)

O Tam tomou a decisão várias vezes, mas, desde o início, decidiu que o livro (*Conversations With Seth*, da Sue) deveria incluir ilustrações. O George [Rhoads] foi passivo nesse arranjo. A elaboração não parece necessária. Podes tê-la, se quiseres.

("Está bem", disse eu. Queria dizer que não precisava de mais explicações, mas o Seth interpretou mal a minha resposta, aparentemente achando que queria a explicação:)

O Tam queria ilustrações para um primeiro livro. Quando leu sobre os esboços do George, pensou logo em ilustrações. A Sue, claro, queria fazer um favor ao George, compensando assuntos do passado. Havia outras probabilidades, conforme a situação do George, e isso pelo menos abriu a possibilidade de ele poder fazer mais trabalhos para a Prentice se precisasse de dinheiro. Isso deu-lhe uma certa sensação de segurança.

É tudo por esta noite. Desejo-te novamente uma noite mágica — e lembra-te de procurar pistas e sinais em todos os níveis da tua existência.

("Obrigado, Seth. Boa noite." (22h08. Embora tenha sido uma sessão mais curta, a entrega da Jane foi muitas vezes intensa e enfática. Uma boa sessão, disse-lhe eu. É já na noite seguinte que estou a escrever esta transcrição. Hoje enviei à Sue uma cópia recente do material do Seth sobre o intelecto e uma lista de perguntas sobre o George que o Seth discutiu acima. Espero que as respostas dela coincidam com as do Seth. (A Jane passou mais tempo do que o habitual deitada hoje, a descansar entre os seus períodos de trabalho.)

SESSÃO CATORZE — NOTAS: SESSÃO DE 20 DE AGOSTO DE 1980

1. Ver Apêndice C para o material da Jane, escrito posteriormente.
2. O Seth afirma enfaticamente: O PRESENTE É O PONTO DE PODER. Segundo ele, o ponto de poder é onde a carne e a matéria se encontram com o espírito. Esse ponto de junção incorpora as ações e crenças que escolhemos a partir de todos os nossos pontos de poder anteriores. A partir do nosso presente atual, projetamos — para o bem ou para o mal — essas escolhas, mais quaisquer novas que decidamos tomar, para cada um dos presentes que iremos criar ao longo da nossa vida. O conteúdo dessas projeções, portanto, é de suprema importância.

Como sugere o Seth, através de um simples exercício de cinco minutos, no qual nos sentamos em silêncio e observamos o ambiente, podemos tomar consciência de que o presente é o ponto de poder. Neste exercício, recordamo-nos suavemente de que não estamos à mercê das nossas crenças passadas — a não ser que pensemos que estamos. Temos total liberdade para inserir novos objetivos criativos nos nossos exercícios do ponto de poder.

Depois, relaxamos, para dar tempo às novas sugestões de começarem a agir dentro de nós. Em seguida, fazemos fisicamente um gesto simples ou uma ação, por mais modesta que seja, que esteja em sintonia com os nossos desejos para o futuro. Periodicamente, repetimos o exercício — mas de forma leve, sem pressão, confiantes de que estamos no bom caminho. A ação é pensamento em movimento físico, diz-nos o Seth.

Em *The Nature of Personal Reality*, o Seth trata extensivamente do ponto de poder, os seus exercícios, significados e benefícios. Ver especialmente as sessões 656-657 no Capítulo 15.

3. Tam Mossman foi o editor na Prentice-Hall tanto da Jane como da Sue. *Conversations With Seth* é o excelente relato da Sue, em dois volumes, das aulas de ESP que a Jane deu de Setembro de 1967 a Fevereiro de 1975. A ajuda entusiástica e intuitiva do Tam foi sempre inestimável para a Jane, desde que a incentivou a publicar o seu primeiro livro, *The Seth Material*, em 1970.

O artista George Rhoads também participou nas aulas de ESP. Para o Seth, o George, a Jane, a Sue e eu somos "contrapartes" — entidades ligadas psiquicamente umas às outras, e a outros homens, mulheres e crianças vivas, tanto neste país como noutros. Essas ligações podem ser conscientes, inconscientes, ou ambas. Muitos de nós nunca se encontrarão fisicamente, mas, em grupo, todos exploramos temas de vida relacionados de formas que nenhum indivíduo conseguiria fazer sozinho.

Obviamente, alguns membros das aulas de ESP conheceram contrapartes nas aulas. Mas sei que também encontrei uma contraparte fora da aula, e mais tarde na vida: Laurel Lee Davies, a bela jovem do Iowa que tem sido minha companheira amorosa há já alguns anos, após a morte da Jane em 1984. A Laurel tem ajudado imenso na preparação de *The Magical Approach*. Tem feito um trabalho inestimável

como assistente de investigação e edição; estudando os cadernos, diários e poesia da Jane, e reunindo material dessas fontes para ser incluído neste livro. Também tem trabalhado na seleção das sessões publicadas e não publicadas do Seth para *The Magical Approach*. A Laurel mudou-se para cá em 1985, já com esse trabalho em mente.

Acho que a nossa relação é um claro exemplo de uma ligação antiga de contrapartes "desconhecida" que veio à nossa consciência quando estávamos prontos, e que eventualmente levou ao nosso encontro. A Laurel está envolvida com o trabalho da Jane, do Seth e comigo desde Novembro de 1979, quando tinha 24 anos. O namorado dela recomendou-lhe *Seth Speaks*. Embora ele não acreditasse em realidades metafísicas, tinha ouvido dizer que era o melhor livro do género, e encontraram-no numa livraria em segunda mão em Seattle, Washington. A Laurel começou a escrever-nos em 1980 — enquanto o Seth ditava *O Indivíduo e os Eventos em Massa* e a Jane escrevia *God of Jane*. Que timing tão interessante.

Para muito mais material do Seth sobre o conceito de contrapartes, ver a Sessão 732 e o Apêndice 25 no Volume II de *The "Unknown" Reality* (Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, N.J. 1979).

SESSÃO SEIS

OS ANIMAIS E O RACIOCÍNIO

COISAS FORA DO NOSSO CONTROLO

25 DE AGOSTO DE 1980

A Jane continua a mostrar melhorias. Mas tem sido incomodada mais do que uma vez ultimamente com o conteúdo de alguma correspondência — cartas de desespero que recebe de leitores que pedem ajuda de vários tipos ao Seth e a ela. Hoje, o gatilho foi mais uma carta de uma senhora que vive no Kentucky. Perdeu ambos os seios devido ao cancro e tem uma série de outros problemas físicos e emocionais. Sugeri ao Seth que comentasse hoje à noite sobre as reações da Jane. Disse-lhe também que essas reações eram provavelmente desencadeadas, pelo menos em parte, pela sua própria posição vulnerável, devido aos seus desafios pessoais.

O "andar" da Jane melhorou bastante na última semana, e no geral desde que o Seth começou esta série de sessões pessoais. Agora já consegue dar, por exemplo, dez passos de cada vez, apoiando-se na mesa de escrever, em vez de um ou dois como antes. Mas também voltámos a desleixar-nos: ela anda apenas uma vez por dia, em vez das duas que eu sugeri recentemente, e com as quais ela concordou — e que o Seth reforçou numa sessão recente. Ainda assim, estamos muito satisfeitos com o progresso dela.

Sentámo-nos para a sessão às 20h40. A noite estava novamente bela: já estava escuro, com as hordas de cigarras e outros insetos a entoar em coro rítmico. A sua música ecoava pela floresta próxima.

(Sussurrado:) Agora —

("Boa noite.")

— Boa noite.

(Com muitas pausas:) Parte da dificuldade surge da atual (pausa) mistura da racionalidade com a orientação científica predominante. Está na forma como o indivíduo é definido. Enquanto espécie, tendes a ver-vos (pausa) como o "ápice" de uma escala evolutiva, como se todas as outras entidades, desde a primeira célula, tivessem existido numa linha contínua de progressão, culminando nos animais e, por fim, no homem — o animal racional. (Entre parênteses: com todo esse progresso a acontecer, claro, por acaso, incidentalmente.)

Nova frase: Esse tipo específico de pensamento racional, ao qual a vossa sociedade está habituada, assume mais ou menos como garantido que a identidade do homem enquanto espécie — e a identidade do indivíduo — está antes de mais associada ao intelecto. Identificais-vos principalmente com o vosso intelecto, descartando tanto quanto possível outros elementos igualmente vitais da vossa individualidade.

Nova frase: No vosso passado histórico, quando o homem associava a sua identidade à alma, dava a si mesmo maior liberdade em termos de mobilidade psicológica. Mas, com o tempo, o conceito de alma como era entendido levou a uma desconfiança do intelecto. (Pausa.) Esse resultado foi uma consequência inevitável do dogma. Ponto final. Parte dessa identificação exagerada do homem moderno com o intelecto é, naturalmente, uma reação exagerada a esses eventos históricos do passado.

Nem a religião nem a ciência atribuem grande dimensão subjetiva às outras criaturas: gostais de pensar em vós próprios, novamente, como o animal racional, em termos da vossa espécie.

No entanto, os animais também raciocinam. Não o fazem nas mesmas áreas que vós (com intensidade). Nas áreas em que raciocinam, compreendem muito bem a relação entre causa e efeito. O seu raciocínio aplica-se, no entanto, a níveis de atividade aos quais o vosso raciocínio não se aplica. Por isso, muitas vezes, o raciocínio animal não vos é evidente.

Os animais são curiosos. A sua curiosidade aplica-se a áreas onde raramente aplicais a vossa.

Os animais possuem consciência de si, sem o intelecto humano. Não é necessário um intelecto humano para estar consciente da própria consciência. É verdade que os animais não refletem sobre a natureza da sua identidade como o homem o faz

(pausa), mas isso acontece porque essa natureza é compreendida intuitivamente. É auto-evidente.

Quero apenas mostrar-vos que o sentido de identidade não precisa de estar inevitavelmente ligado exclusivamente ao intelecto. O vosso intelecto é uma parte de vós — uma parte vital e funcional dos vossos processos cognitivos — mas não contém (sublinhado) a vossa identidade.

(Pausa prolongada.) A pessoa natural é talvez melhor compreendida se considerarmos qualquer pessoa enquanto criança. De certa forma, a criança descobre o seu intelecto, tal como descobre os seus sentimentos. Os sentimentos vêm "primeiro". São os sentimentos que despertam a curiosidade, que geram pensamentos, que ativam o intelecto: "Porque me sinto assim? Porque é que a relva é macia e a pedra dura? Porque é que um toque suave me acalma, enquanto uma bofetada me magoa?"

São os sentimentos e as sensações que geram as perguntas, os pensamentos, o intelecto. A criança, de certo modo, sente — sente mesmo — os seus próprios pensamentos a emergir de uma invisibilidade psicológica relativa para uma formação imediata e vital. Existe aí um processo que já esquecestes.

A criança identifica-se, em primeiro lugar, com a sua realidade psíquica — depois descobre os sentimentos e reclama-os como seus, e descobre os pensamentos e o intelecto, e reclama-os também (tudo isto com grande intensidade).

A criança explora primeiro os componentes do seu ambiente psicológico, o conteúdo interno do conhecimento subjetivo, e reclama esse território interior — mas não identifica o seu ser fundamental nem com os sentimentos nem com os pensamentos.

É por isso que, por exemplo, parece que as crianças pequenas conseguem morrer com tanta facilidade. (Ainda com intensidade:) Conseguem desligar-se porque ainda não se identificaram plenamente com a experiência de vida. Ponto final.

Na maioria dos casos, as crianças crescem, claro (pausa), embora no vasto panorama da natureza (pausa) uma boa parte dos indivíduos siga outros caminhos. Têm outras funções, outros propósitos, participam na vida através de outro tipo de ação. Influenciam a vida sem estarem completamente imersos nela. Morrem jovens. São abortados. Permanecem, no entanto, como um elemento importante no quadro geral da vida — parte de uma subcapa de pintura psicológica que afeta sempre versões posteriores.

Idealmente, no entanto, as crianças acabam por reclamar os seus sentimentos e pensamentos como seus. Identificam-se naturalmente com ambos, encontrando em cada um deles validade e vitalidade. Mas, quando se chega à idade adulta, ensinou-se-vos a desligar a vossa identidade dos sentimentos tanto quanto possível, e a pensar na vossa individualidade em termos de orientação intelectual. A vossa identidade parece estar na cabeça. Por isso, os vossos sentimentos e a atividade

mental parecem, frequentemente, contraditórios. Tentais resolver todos os problemas apenas através do raciocínio.

Ensinam-vos a reprimir precisamente as capacidades intuitivas de que o intelecto precisa para desempenhar corretamente o seu papel — pois o intelecto deve consultar as partes sensíveis do ser, procurando feedback, apoio, e conhecimento das condições biológicas. Privado desse feedback, o intelecto pode girar indefinidamente em tentativas mentais estéreis.

(Pausa prolongada**.**) A cada momento, desde os níveis mais microscópicos, o corpo (pausa) está constantemente a estabelecer uma imagem da sua posição na realidade física. Essa imagem é composta por milhões de "fotografias" em constante mudança — ou melhor, "filmes" — que determinam tantas condições, posições e relações que seria impossível descrevê-las todas.

Acabais por ter uma imagem predominante da realidade em cada momento — uma imagem que resulta da atividade de estratos psicológicos, biológicos e eletromagnéticos. Uma imagem é sobreposta a outra, e cálculos são feitos constantemente, para que todos os componentes que compõem a existência física sejam satisfeitos e se intersectem para vos dar vida.

Nada disso é da responsabilidade do intelecto, a nível intelectual. A nível biológico e eletromagnético, claro que o intelecto realiza feitos que não consegue compreender conscientemente com a razão (tudo isto dito com intensidade).

Espontaneamente, no processo mencionado, milhões de imagens são também captadas sobre as ações prováveis que serão — ou poderão ser — necessárias, nos vossos termos, no momento imediatamente seguinte: desde ações microscópicas até ao movimento de um músculo, conduzir um carro, ler um livro, ou o que for.

Uma das principais funções do intelecto é dar-vos escolha consciente num mundo de probabilidades. Para fazer isso de forma adequada, o intelecto deve tomar decisões claras e concisas, no seu próprio nível, sobre os assuntos que lhe dizem respeito — e assim apresentar a sua própria imagem da realidade para ser acrescentada à construção total.

(Pausa prolongada**.**) Por um lado, ensinaram-vos a identificar-vos quase totalmente com os vossos intelectos. Por outro, ensinaram-vos que o intelecto, a "flor da consciência", é um apêndice frágil e vulnerável — mais uma criação do acaso, sem significado e sem apoio — sem apoio porque acreditais que "por baixo dele" existem "instintos primitivos, animalescos e sangrentos", contra os quais a razão deve exercer toda a força que tem.

Apesar de tudo isso, homens e mulheres ainda encontram solução para muitos dos seus problemas ao redescobrirem um sentido mais alargado de identidade — um sentido de identidade que aceita as intuições e os sentimentos, os sonhos e os desejos mágicos como características vitais, e não meros complementos da individualidade.

Quando vos digo para se lembrarem das vossas pessoas naturais, quero, então, recordar-vos para não se identificarem apenas com os vossos intelectos, mas sim para alargarem os vossos horizontes de identidade. Automaticamente, essas outras características, muitas vezes postas de lado, começam a acrescentar a sua riqueza, plenitude e vitalidade às vossas vidas, sem esforço.

Agora, dá-nos um momento.

(Pausa.) Com Ruburt: A nova orientação está a trazer resultados, e os resultados de facto surgem sem esforço. O episódio com a Mitzi (uma das nossas gatas) envolveu ação noutros níveis — uma orientação mágica.

O Ruburt está a ir bem. Que ele se lembre de que a atividade criativa ocorre dentro dele o tempo todo, e que muitas vezes está mais ativo precisamente quando não tem consciência disso. Só se apercebe desses momentos quando a atividade criativa surge à sua consciência, e nessa altura grande parte do "trabalho" já foi feita.

Ele não é responsável pelas realidades dos outros, mas é responsável pela sua. Dá-nos um momento... (Pausa, olhos fechados.)

A realidade da mulher doente não ameaça a dele de forma alguma. A situação, no entanto, mostra que ele ainda por vezes pensa que deveria ser capaz de resolver todos os problemas e conhecer todas as razões para qualquer tristeza ou tragédia. O intelecto não consegue lidar com esse tipo de informação a esse nível.

Algumas respostas só surgem quando se está preparado para elas. Nessa altura, aparecem naturalmente, como fruto da compreensão e do entendimento. A questão das tragédias da vida ainda não pode ser respondida de forma satisfatória ao nível em que tanto tu como ele — ou qualquer outra pessoa — a estão a colocar neste momento. Posso dar pistas e sugestões e explicações que são bastante válidas dentro desse contexto (com intensidade). (Pausa prolongada.)

Na verdade, o tipo de resposta literal que pensam querer pode, de certo modo, desviar-vos da visão mais ampla. Por isso, o Ruburt deve dizer: "Isso não é da minha alçada", enviar energia, talvez uma nota de vez em quando; mas o problema específico é da mulher, não do Ruburt.

A razão do problema é uma preocupação filosófica do Ruburt — e tua também —, mas é uma cuja resposta — ou respostas — surgirá gradualmente. Considero toda esta informação necessária, mais uma vez, para criar uma atmosfera geral de compreensão que permita libertar as vossas próprias vitalidades e forças de forma natural, de maneira que os vossos próprios problemas comecem a dissolver-se.

O tipo de orientação de que falo representa a imagem mais verdadeira que vos posso dar da relação natural do homem consigo mesmo e com o mundo. É assim que funciona. Isto é físico.

Fim da sessão — e mais uma vez, uma boa noite mágica.

("Obrigado, Seth. Boa noite.")

Disse à Jane que, se o Seth não tivesse abordado o tema por iniciativa própria, eu teria pedido que comentasse as reações dela ao correio. A Jane disse que também queria material sobre isso; raramente pede algo específico ao Seth antes de uma sessão. Disse-lhe que tinha estado muito bem.

(Quanto à referência do Seth à Mitzi: no mês passado, ambos os nossos gatos, a Mitzi e o Billy, apanharam uma infestação severa de pulgas — algo bastante incomum para eles, mesmo sendo gatos que passam tempo ao ar livre. Comprei coleiras antipulgas e consegui pôr uma no Billy sem problemas. Quando tentei pôr a outra na Mitzi, foi como enfrentar um ninho de vespas, e a Jane não conseguiu ajudar. A Mitzi evitou-nos ativamente durante vários dias, até conseguirmos fazer as pazes com ela.

No sábado passado, dia 23, comprei outro par de coleiras antipulgas. Entretanto, a Mitzi estava completamente miserável, e eu decidi que ia pôr-lhe a coleira de qualquer maneira. Um amigo sugeriu usar uma toalha para evitar que ela se arranhasse. Quando me preparei para o fazer, a Jane sugeriu colocar erva-dos-gatos (catnip) na toalha. Depois de algum tempo a tentar convencê-la na varanda, consegui fazer com que a Mitzi se rebolasse na toalha com a erva-dos-gatos, e embora só tenha conseguido envolvê-la parcialmente, levei-a a contorcer-se até à cozinha.

A Jane estava a lavar a loiça. Ajoelhei-me no chão a segurar na gata, enquanto a Jane tentava mentalmente acalmá-la — e consegui colocar-lhe a coleira ao pescoço. Na verdade, a Mitzi não resistiu tanto como eu receava. Tinha medo que ela ficasse ainda mais distante de nós, caso resistisse muito, mas não foi isso que aconteceu. A Jane disse que tinha enviado à Mitzi uma série de sugestões mentais enquanto eu tentava pôr-lhe a coleira. Tudo correu bem. Alimentei-a algumas vezes nessa tarde e conseguimos fazer as pazes. A Mitzi não tentou tirar a coleira. Tem um cheiro medicinal. Agora, passados vários dias — enquanto transcrevo esta sessão, na noite de quarta-feira — ela parece estar muito melhor.)

NOTAS: SESSÃO DE 25 DE AGOSTO DE 1980

1. Ver Apêndice D.
2. A Jane escreveu estas notas no seu diário no domingo passado, no dia antes de ter dado esta sessão a 25 de Agosto — mas apresento-as aqui para mostrar como, da sua própria perspetiva, ela cobre muito bem os acontecimentos que eu também registei em ligação com esta sessão.

"Domingo, 24 de Agosto de 1980.

"Ontem, caminhei com a mesa de escrever ainda mais longe, por toda a extensão da cozinha. Novamente, isto representa a melhor melhoria nessa área desde o inverno passado...

"De qualquer forma, tenho aplicado a Abordagem Mágica a várias outras áreas, pequenos aborrecimentos domésticos, com alguns resultados gratificantes. A Mitzi, a nossa gata, estava cheia de pulgas. O Rob tentou pôr-lhe uma coleira há um mês e houve tal confusão, que desistiu, ficou zangado com a gata, e ela com ele. Ontem ele tentou de novo, ambos lembrando-nos da Abordagem Mágica; eu dizendo mentalmente que o assunto se resolveria com facilidade, etc. O Rob conseguiu pôr-lhe a coleira com muito menos dificuldade; ela nem pareceu incomodada. É verdade que isso podia ter acontecido de qualquer forma. Mas o ponto é que as probabilidades não pareciam ir nessa direção e que, na minha opinião... fizemos trabalho mental a outros níveis que resultaram nesse desfecho benigno... como se antes déssemos ordens confusas para que um evento ocorresse.

"Várias dores ou desconfortos em diferentes partes do corpo apareceram e desapareceram à medida que usei esta abordagem... quando antes essas coisas costumavam durar mais tempo. Tenho estado muito relaxada; ainda me deito duas ou três vezes por dia — faço apontamentos, leio, descanso... ontem escrevi uma carta ao editor sobre a minha menção no artigo de 'milagres' numa revista de psicologia bem conhecida.

Mais tarde, 24/08/80

"Mais uma vez, caminhei um pouco mais, e desta vez depois do duche as costas não estavam piores. O problema é causado por estar tanto tempo sentada — a pressão, e o calor e a humidade. Respondi a 35 cartas durante o fim de semana... o meu estado de espírito parece ter melhorado de forma quase mágica, pelo menos. Terminei a carta para a revista; será enviada segunda-feira de manhã."

SESSÃO DEZASSETE

O INTELECTO COMO ARTEFATO CULTURAL
A CRIAÇÃO DA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA

("Boa noite, Seth.")

Agora: o intelecto é muito mais orientado socialmente do que geralmente se compreende.

Parte disto, mais uma vez, é difícil de explicar (pausa), mas, de certo modo, o intelecto é um fenómeno cultural (sublinhado). Ponto final.

É surpreendentemente resiliente, na medida em que, consoante as estruturas de crença de qualquer período histórico, consegue orientar-se segundo essas crenças, usando todas as suas capacidades de raciocínio para formar uma imagem do mundo coerente com elas, reunindo dados que confirmem essas ideias e rejeitando os que não confirmam.

Obviamente, a mente pode usar as suas capacidades de raciocínio, por exemplo, para chegar à conclusão de que existe um único deus por trás do funcionamento do mundo, que existem muitos deuses, que a divindade é uma fantasia, ou que o mundo surgiu sem qualquer origem racional.

Nova frase: Tal como as estatísticas, as capacidades de raciocínio podem ser usadas para chegar a praticamente qualquer conclusão. Isto faz-se, mais uma vez, ao considerar dentro de qualquer sistema de pensamento apenas as provas que se ajustam às premissas desse sistema.

Essa flexibilidade permite à espécie uma grande variedade nas suas atividades psicológicas, culturais, políticas e religiosas. (Pausa prolongada.) No entanto, quando qualquer sistema de raciocínio se torna demasiado rígido, são sempre feitos ajustamentos que permitem que outras informações se introduzam — caso contrário, claro, os vossos sistemas de crença nunca mudariam.

A vossa espécie partilha, com as outras espécies, um sentimento de afinidade com os seus semelhantes. Há uma grande troca de ideias. Acabam, assim, por chegar a um consenso, de forma geral, sobre o que constitui uma imagem razoável da realidade aceite em comum.

O vosso sistema desaprovou muitas experiências, considerando-as comportamentos excêntricos de forma negativa, pois os vossos sistemas de crença regimentaram tanto o comportamento e definiram a sanidade de forma tão estreita. (Pausa prolongada.)

Quero enfatizar que o intelecto é orientado socialmente. Está, naturalmente, especialmente preparado para reagir à informação cultural. (Pausa.) Ele quer ver o mundo como é visto pelas mentes dos outros. Através desse tipo de ação, ajuda a formar o vosso ambiente cultural, a civilização da qual com razão vos orgulhais.

O intelecto, então, ajuda a vossa espécie a traduzir os seus próprios propósitos e intenções naturais — os propósitos e intenções da pessoa natural — para o seu contexto cultural "adequado", de forma que essas capacidades da pessoa natural possam beneficiar a civilização do seu tempo. Esses propósitos e intenções mudam literalmente o mundo.

As expectativas e intenções do intelecto ativam espontânea e automaticamente os mecanismos corporais adequados para criar as interações necessárias com o ambiente, e a vossa intenção, tal como é expressa através do intelecto, orienta a vossa experiência do mundo.

Estou aqui a falar do intelecto no âmbito da nossa conversa, mas lembrem-se que ele está sempre "acolchoado". Existem sistemas de apoio, por outras palavras (divertido). Se o intelecto acreditar que o mundo (pausa) é uma ameaça à existência, então essa crença alterará naturalmente as suas intenções — e, por consequência, as atividades do corpo.

As crenças do intelecto operam, assim, como sugestões poderosas, especialmente quando o intelecto se identifica com essas crenças, ao ponto de existir pouca distância entre ele e aquilo em que acredita como sendo verdade.

(Pausa com entrega intensa.) Estou a fazer o meu melhor para explicar os aspetos muito práticos das crenças do intelecto, e a sua força ao atrair experiências para vós. Em tempos, ambos tiveram dificuldade em compreender algumas destas ideias. (Pausa.)

A vossa própria relação, as crenças privadas sobre o tipo de pessoa que cada um desejava como companheiro, desencadearam ações incalculáveis que levaram, por fim, ao vosso encontro — e tudo aconteceu "naturalmente", claro.

As vossas crenças colocam-vos em correspondência com os elementos mais prováveis de conduzir à sua confirmação. Elas extraem do Quadro 2 (Framework 2) todos os ingredientes necessários. Elas provocam nas outras pessoas comportamentos que estão de acordo com essas crenças.

As vossas atitudes, por exemplo — e crenças — sobre estrangeiros, a Prentice-Hall, a estupidez das pessoas e a sua falta de integridade, colocaram-vos em correspondência com essas mesmas crenças nas outras pessoas, resultando no fiasco da tradução.[1] Um comportamento completamente diferente podia ter sido desencadeado pelas mesmas pessoas.

Semelhante atrai semelhante, nesse sentido. Essas mesmas pessoas, por exemplo, também têm, tal como vós, crenças na honestidade das pessoas, e por aí adiante — mas, nessas condições e nesse momento, estavam todos em correspondência a vários níveis. Os livros foram publicados. Ajudaram muitas pessoas, e isso aconteceu porque também estavam em correspondência em relação a muitas das vossas crenças mais positivas — e essas prevaleceram sobre as outras.

Obtêm aquilo em que se concentram, e as vossas crenças são em grande parte responsáveis pelas áreas em que concentram a vossa atenção.

Não existem métodos mágicos — apenas métodos naturais que utilizam o tempo todo, ainda que em certos casos os utilizem ao serviço de crenças que tomam como verdades, quando na verdade são suposições bastante erradas. Um pequeno exemplo — um que, incidentalmente, o Ruburt acabou por reconhecer; mas é um belo exemplo de métodos naturais. Ele usou-o muito bem, mesmo que os resultados não fossem agradáveis ao início. E mostra também o entendimento crescente do Ruburt:

Ontem, ouviu a previsão meteorológica para hoje, gemeu, pensou na temperatura desconfortável de 90 graus Fahrenheit, e imaginou-se miserável com o calor. De facto, começou a sentir-se mais quente. Num instante, lembrou-se de outros dias de desconforto, e no momento seguinte projetou esses sentimentos para o fim de semana. Sentiu-se encurralado. A meio deste processo, tentou contrariar-se, mas acreditava que o seu corpo não aguentava o calor — e essa crença sobrepôs-se à sua

intenção de mudar os pensamentos, por isso continuavam a regressar durante cerca de dez minutos.

No entanto, continuou a lembrar-se a si próprio de que não ia preocupar-se hoje com o dia de amanhã. Disse a si mesmo que a previsão podia estar errada, e começou, com o intelecto, a reunir provas que pudessem, de uma forma ou de outra, trazer uma experiência diferente e mais benéfica.

Fez isso ao reconhecer a forma como, antes, tinha construído mentalmente a imagem de forma habitual, reunindo todas as provas que a sustentavam. Usou o mesmo processo, mas agora para uma imagem mais positiva — e o processo funciona. Basta estarem conscientes dele.

A vossa experiência seguirá a vossa concentração, a vossa crença e a vossa expectativa. A mente é uma grande discriminadora. Pode usar o raciocínio para trazer praticamente qualquer experiência possível dentro do vosso quadro de realidade.

Agora: o corpo do Ruburt está definitivamente a recuperar o movimento normal. Deitar-se é excelente. No entanto, o movimento adicional — de um lugar para outro — é extremamente benéfico. As sensações de calor, por vezes até de ardor, nas nádegas, pernas e pés representam atividade adicional e benéfica.

Às vezes à noite, essa atividade pode fazê-lo sentir-se desconfortável, mas o corpo está a ativar-se de certas formas enquanto é apoiado.

Que ele escreva um poema por dia, e faça um esboço a tinta. A ideia surgiu-lhe. É uma boa ideia — enquanto a mente e o corpo relaxam.

(Com alguma diversão:) Acho que a tua pintura do cão está excelente.

("Obrigado.")

Não sou artista, mas sei do que gosto, como qualquer outra pessoa.

Fim da sessão, com um ponto a acrescentar: Estas mudanças no corpo do Ruburt são tão mágicas quanto qualquer sonho precognitivo, nesse sentido.

Uma calorosa boa noite mágica.

("Obrigado, Seth. Igualmente. Boa noite.")

A sessão acabou por ser relativamente curta. Disse à Jane que tinha sido muito boa. O Seth referia-se à pintura em que estou a trabalhar, baseada no meu sonho de 16 de Agosto — aquele em que estou ajoelhado à porta de vidro da cozinha, estendendo a mão através do vidro para tocar no Gus, o cão dos nossos vizinhos da frente. O Seth e a Jane já analisaram esse sonho excelente. Hoje mostrei à Jane o quanto avancei num desenho a carvão inspirado no sonho, com um pouco de cor preliminar em algumas partes.

Disse-lhe que o tema do sonho me interessava plasticamente desde o início, mas que quase me faltava coragem para o tentar pintar. No final da semana passada, comecei o desenho a carvão como base para a pintura, achando que só podia tentar e ver o que conseguia fazer... Até agora, tudo corre bem.

NOTAS: SESSÃO DE 28 DE AGOSTO DE 1980

1. Em Outubro de 1979, a Jane e eu ficámos desolados ao descobrir que o editor holandês da tradução de *Seth Speaks* tinha violado o contrato com a Prentice-Hall, ao fazer muitos cortes não autorizados no livro. Este devia ser publicado na íntegra, mas dificuldades linguísticas levaram à confusão. Após ouvirem a Jane, a mim, e ao seu editor Tam Mossman, o editor holandês concordou em comercializar uma nova tradução integral de *Seth Speaks* este ano. Será um empreendimento dispendioso — e sentimos pena, agora que a nossa irritação inicial passou.
2. Ver Nota 1 da sessão de 18 de Agosto.

SESSÃO OITO
A NATUREZA COMO PROTECTORA DO HOMEM
RAZÃO MÁGICA NATURAL E CONFIANÇA

3 DE SETEMBRO DE 1980

A Jane não realizou a sessão da passada segunda-feira à noite. Estava demasiado relaxada. Ao mesmo tempo, estava a sentir tantas mudanças físicas benéficas que não lhe apetecia concentrar-se. A noite estava também muito quente e húmida — com mais de 27°C à hora da sessão — e isso incomodou-a bastante. "Só estou a fazer uma sessão esta noite porque não fiz na segunda", disse ela.

(As suas melhoras físicas continuam, no geral, da forma que o Seth tinha indicado. Esta manhã notei uma boa melhoria no movimento dos joelhos da Jane, em comparação com o que conseguiam há um mês. As pernas movimentam-se para trás e para a frente talvez uns dez centímetros, por isso, ocorreram mudanças nas articulações dos joelhos. O seu caminhar também está melhor. Ela continua a descansar na cama a meio da manhã e a meio da tarde, durante cerca de meia hora, trabalhando por vezes em apontamentos, poesia, etc.)

(Estou ocupado a organizar várias cronologias como material de base e de referência para as minhas notas para o próximo livro do Seth, *Dreams, "Evolution," and Value Fulfillment*. Hoje também trabalhei em cronologias para um editor holandês e para o produtor cinematográfico que adquiriu os direitos de adaptação dos romances *Oversoul Seven*, da Jane.)

(Sussurrado:) Boa noite.

(Sussurrado: "Boa noite, Seth.")

Agora (pausa): O homem gosta de pensar em si como o guardião da natureza e do mundo. No entanto, é mais próximo da verdade dizer — pelo menos nesse sentido — que é a natureza quem cuida do homem; ou que o homem existe, fisicamente falando, graças ao gracioso suporte da natureza e de todas as outras espécies. Sem essas outras espécies, o homem tal como o conhecem não existiria — não sem a cooperação contínua dessas espécies entre si, e das suas inter-relações com o meio ambiente.

(Pausa.) O homem cumpre os seus propósitos dentro da natureza, como todas as espécies o fazem, e nos vossos termos, o homem "pensa" à sua maneira, mas é também a parte pensante da natureza. É a porção que pensa — segundo a vossa compreensão desse termo.

Dá-nos um momento... Ele lida com o efeito do pensamento sobre a natureza, por assim dizer. Ele acrescenta algo ao resto da natureza. (Pausa.) Acrescenta, portanto, um tipo diferente de organização mental — uma organização, então, que a própria natureza exige, antecipa e deseja.

Os animais não leem nem escrevem livros, mas "leem" a natureza diretamente através do contexto da sua própria experiência e por via do conhecimento intuitivo. A mente racional do homem acrescenta uma atmosfera à natureza (pausa) que é tão real, digamos, como os Cinturões de Van Allen (ou campos de radiação) que envolvem a Terra.

A mente pensante, em larga medida, dirige a atividade de grandes forças espontâneas, sendo a organização celular-energética, digamos, o capitão (pausa) das grandes fontes de energia do corpo.

A mente racional define, faz julgamentos, lida com os objetos físicos do mundo, e também com as interpretações culturais em vigor no seu tempo.

Pensa, por um momento, no teu próprio governo — idealmente falando. Os seus cidadãos são todos indivíduos, com as suas próprias vidas e interesses. O governo, se tiver a lealdade deles, utiliza as suas energias de forma a beneficiar a maioria, bem como a si próprio. No entanto, não se pode realmente "apontar" o governo — embora se possa mencionar, por exemplo, a sede do poder. O governo é composto por muitas pessoas e estende-se, na verdade, até ao seu cidadão mais modesto, mas é ele quem dirige a utilização de energias, bens, comércio, poder, e por aí fora.

As pessoas contam com o governo para definir realisticamente as condições do mundo, para ter a inteligência adequada sobre atividades em terras estrangeiras, para manter comunicações com outros governos, etc. Ora, em alguns aspetos importantes, a mente racional funciona como o governo nesta analogia.

Se as pessoas no poder forem paranoicas, sobrestimam os perigos de qualquer situação mundial. Reagem em excesso ou mobilizam-se de forma desproporcionada, desviando energias de outros projetos para fins de defesa.

A mente racional atua da mesma forma quando crenças paranoicas estão "no poder". Ela transmite, então, a todos os cidadãos — ou seja, às células do corpo — a ordem para se mobilizarem, estarem em alerta, reduzir todas as atividades que não sejam essenciais, e por aí fora.

Quando um governo é paranoico, começa até a limitar a liberdade dos seus próprios cidadãos ou a censurar comportamentos que, em tempos de maior liberdade, seriam perfeitamente aceitáveis. O mesmo se aplica à mente consciente nessas circunstâncias. Agora, as pessoas podem acabar por revoltar-se ou tomar certas medidas para restaurar a sua liberdade — e, da mesma forma, as células do corpo farão o mesmo.

O que queremos, obviamente, é garantir que a mente consciente, com os seus processos de raciocínio, consiga fazer os ajustes adequados sobre a natureza do mundo e dos "cidadãos" dentro dele.

Voltarei mais tarde aos propósitos da mente consciente do homem na natureza — e parte dessa discussão fará parte do nosso livro *Dreams*.

A mente do homem é, na verdade, mais um processo. Não é algo concluído, como um braço ou uma perna, mas sim uma relação, um processo. Esse processo tem a sua origem no que só posso chamar (pausa) "razão natural".

Recebes muito mais conhecimento ao nascer do que imaginas, por exemplo. E não me refiro apenas à informação genética, tal como a compreendes, mas sim a um processo de raciocínio natural (sublinhado), embora intuitivo, que resulta das relações existentes entre todas as partes do corpo. Este é o tipo de "raciocínio" que está na origem do pensamento, e que poderias considerar como raciocínio mágico.

Cada criatura nasce a confiar (dito com tranquilidade e intensidade). Não existe tal coisa como um instinto assassino, com as implicações e o significado que o homem atribui a esse termo (dito com intensidade). Em níveis quase impossíveis de descrever na vossa idade adulta, todos os bebés, por exemplo, sabem que nascem em nichos ambientais que lhes são adequados — e a nenhum outro —, nichos moldados às suas necessidades.

Costuma ser fácil observar, de forma superficial, como os animais, em "condições naturais", se encaixam perfeitamente no seu ambiente, de forma que os seus desejos, necessidades e capacidades coincidem e se fundem com as características do meio.

Não é tão fácil ver que o mesmo se aplica ao homem — ao seu ambiente mental e físico, à sua cidade, país ou cultura — mas o bebé confia desde o primeiro momento.

Talvez não consideres a confiança uma qualidade associada ao raciocínio, mas é sim, porque representa a compreensão inata da criatura sobre o apoio com que foi agraciada.

A pessoa natural ainda sente essa confiança. Existem muitos livros sobre conhecimento oculto ou mágico. A maioria está repleta de distorções, mas todos são tentativas de redescobrir o raciocínio mágico natural do homem. Irei aprofundar esse tema mais tarde.

Agora: Se o Ruburt tivesse ido a um médico ou a um curandeiro quando começámos o último grupo de sessões, e depois, em cerca de uma semana, se tivesse visto novamente capaz de atravessar a cozinha com a sua mesa de escrever — talvez treze ou catorze passos, quando antes só conseguia, com dificuldade, dar três — teria atribuído a melhoria ao tratamento do médico ou à capacidade do curandeiro. Teria ficado impressionado.

Teria ficado também impressionado com o maior movimento dos pés, a sensação de libertação nas pernas que agora se espalha pelas costas e ombros.

Essas melhorias aconteceram, de certa forma, de forma mágica, porque ele começou a usar e a compreender este material. Por isso, que fique igualmente impressionado — na verdade, mais impressionado — com os processos naturais de cura do corpo, que fluem naturalmente e estão efetivamente a fluir, quando ele se permite confiar na vida e no apoio do seu próprio ser.

Trabalhem com as sessões mais recentes. Pois, mais uma vez, é a vossa compreensão que põe tudo em movimento. Estão a ocorrer mudanças nas ancas, e melhorias notáveis já estão "em andamento". Mas é necessário permiti-las, e isso acontece à medida que a vossa compreensão vos coloca em maior sintonia com a energia natural que sempre vos pertenceu.

(Pausa.) Desejo-vos uma calorosa — e, mais uma vez, mágica — boa noite.

("Muito obrigado." Pausa. "Boa noite.")

Durante alguns segundos, o Seth e eu trocámos olhares com um certo divertimento. Quando saiu do transe, a Jane disse-me que tinha captado do Seth que ele gostava de como a minha pintura do "cão" — o Gus, do meu sonho de 16 de Agosto — estava a ficar. Esta manhã terminei a pintura-base a óleo e agora preciso de esperar alguns dias para que seque. Entretanto, vou voltar ao trabalho na pintura impressionista da árvore e na do homem e do rapaz de azul do sonho.

SESSÃO NOVE
O RACIOCÍNIO DO CORPO COMO LÓGICA. SISTEMAS DE CRENÇA.

8 DE SETEMBRO DE 1980

"Espero conseguir lidar com isto", disse novamente a Jane, referindo-se à sessão. "Há tanto a acontecer ao mesmo tempo no meu corpo, que também é difícil de lidar", riu-se. Referia-se à contínua série de mudanças — melhorias — que estão a ocorrer por todo o seu corpo. No momento, envolvem uma mobilidade acrescida — e dores e comichões — nos tornozelos e pés, por exemplo. Neste momento, os braços parecem mais longos, mais direitos.

Hoje esteve "bastante ausente", ao tentar ajudar-me com as alterações que queremos fazer na cópia revista de *Eventos em Massa*. Ajudou imenso, escrevendo a versão inicial de algumas notas, às quais irei acrescentar antes de devolver o manuscrito à Prentice-Hall para impressão.

(Também tem estado bastante inquieta à noite na cama. Quando acorda, às vezes faz exercícios. Sugeri-lhe que se levantasse, mas os exercícios parecem substituir a atividade física que isso implicaria.)

Às 20h42, a Jane bocejou: "Sinto-o quase por perto... Acho que vou tentar..." Bebeu um pouco de vinho e riu-se. "Acho que vai ser curta."

Agora: Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Uma sessão breve.

Houve uma melhoria bastante notável no desempenho do Ruburt: o levantar-se. Isso é resultado do raciocínio mágico do corpo — porque o corpo raciocina de forma tão rápida, tão clara e concisa (pausa), que as suas deduções, a sua lógica, são demasiado velozes para que o intelecto as acompanhe.

O corpo raciocina diretamente. O raciocínio do corpo transforma-se em ação, sem nada que se interponha entre a sua lógica elegante e a (pausa) execução brilhante dessa lógica. O Ruburt não poderia acompanhar conscientemente todas as manipulações necessárias para que as melhorias recentes ocorressem.

Mais uma vez, os esforços do corpo são tão mágicos e criativos, certamente, quanto a escrita de um livro ou de um poema (dito com intensidade) — mas o Ruburt, no passado, confiava nas suas capacidades criativas como se fossem algo que precisava de proteger do seu corpo físico.

Ambos estão finalmente a dar passos importantes na compreensão, especialmente como resultado das nossas últimas sessões, e, no caso do Ruburt, devido às atitudes

que passou a permitir, e aos novos hábitos físicos: o encorajamento do movimento, a sensação alargada de identidade, que agora inclui o corpo físico em vez de o tentar excluir.

O corpo não é uma ferramenta para cumprir as ordens da mente. (Pausa.) O corpo é uma expressão mental materializada fisicamente. Mais melhorias estão, de facto, a ocorrer neste momento, e enquanto a atitude do Ruburt continuar a melhorar, podem esperar mais progresso — pois, mais uma vez, o corpo é perfeitamente capaz de se curar completamente, e com muito mais facilidade do que lhe atribuem.

O Ruburt não teve de fazer nada de especial, por exemplo, a nível consciente — apenas declarar as suas intenções — e os mecanismos de cura do corpo ativaram-se de imediato. Isso aconteceu porque ele começou a tirar a pressão de cima, por assim dizer, e começou realmente a compreender as capacidades e limitações da mente racional na sua relação com o corpo.

(20h59.) Ambos sempre acreditaram ser perfeitamente possível ter sonhos clarividentes, experiências fora do corpo, aventuras criativas nas artes — mas, até certo ponto, ambos duvidaram que o mesmo poder ou energia pudesse ser dirigido de forma eficaz ao mundo físico, por assim dizer, à saúde corporal, ou às situações do quotidiano (com divertida ênfase).

Mais uma vez, este material lida com uma explicação muito mais válida sobre a forma como a realidade funciona, em comparação com as antigas crenças oficiais — e, mais uma vez, não estamos apenas (sublinhado) a lidar com hipóteses criativas e evocativas.

Portanto, não há razão para se surpreenderem se algumas das nossas ideias assustarem a Prentice-Hall.

("Estava mesmo prestes a perguntar-te isso.")

Se as nossas ideias já fossem aceites no mundo, o nosso trabalho não seria necessário. A Prentice-Hall é, naturalmente, bem-intencionada, e dentro do seu sistema de crenças é quase um sacrilégio mostrar mais do que uma desaprovação oficial relativamente a assuntos médicos. Ou seja, alguma crítica é aceitável. Criticar corrupção médica, erros médicos, ou clínicas específicas, por exemplo, está dentro dos limites. Mas atacar o sistema de crenças de toda a estrutura é algo totalmente diferente.

As suas objeções deviam apenas mostrar-vos porque o nosso trabalho é tão importante. Não vos deveis esquecer, mais uma vez, de que ambos escolheram estes desafios. Quiseram estar envolvidos no início de um novo tipo de material temático. Quiseram a experiência de o descobrir por vocês mesmos (dito com intensidade) — a euforia da descoberta.

(Com um leve divertimento:) Na verdade — caso por vezes pensem que não estou plenamente consciente dos vossos costumes — moderei, de facto, muitos dos meus

comentários em *Eventos em Massa* sobre vários temas, para que o livro não fosse considerado demasiado ofensivo no contexto do vosso tempo. As implicações estão lá, mas os vossos sistemas de crença precisam de amadurecer e mudar à luz de novo conhecimento, em vez de serem chutados com um pé zangado.

Fim da sessão, a menos que tenham uma pergunta.

("Não, ia mesmo perguntar-te sobre a Prentice-Hall.")

É tudo o que tenho a dizer quanto a isso. São uma editora generalista, o que significa que os seus livros chegam a pessoas de todas as áreas da vida — a bibliotecas, livrarias, e por aí fora. É muito melhor que os livros concorram dessa forma com o restante material do vosso tempo, do que serem publicados, digamos, por uma editora especializada, ou "protegidos" ao longo do caminho, pois falamos a todas essas pessoas.

Lembrem-se da última parte desta sessão, e o vosso estômago não vos incomodará (ri-me) — ou, mais claramente, não precisarão de incomodar o vosso estômago, pois aí está o segredo do problema.[1]

Um afeiçoado e mágico boa noite.

("Muito obrigado, Seth. Boa noite.")

"Saio do transe e olho para os meus olhos", disse a Jane, a brincar. De facto, os olhos dela estavam relaxados, semicerrados — embora tenham voltado ao normal enquanto conversávamos. "Ainda bem que fiz a sessão", disse, referindo-se ao facto de a ter realizado, "mas realmente não sabia se conseguiria..."

Rimo-nos novamente ao pensar que o Seth tinha moderado parte do conteúdo de *Eventos em Massa*. "Nem quero imaginar se não o tivesse feito", disse a Jane.

"Estive tão consciente do meu corpo hoje", comentou, "que perguntei-me se ia estar igualmente consciente durante a sessão — mas só me lembro de beber vinho, que é o tipo de coisa de que normalmente me lembro."

(Ver a sessão de 22 de Setembro para as nossas próprias ideias e sentimentos — e mais material do Seth — sobre a questão médica/disclaimer com a Prentice-Hall.)

NOTA: SESSÃO DE 8 DE SETEMBRO DE 1980

1 O Seth tem razão, claro. Como bem sei, sou eu que ando a incomodar o meu estômago — que é, por si só, perfeitamente inocente. Já reagi ao stress desta forma antes. O meu estômago tem-se contraído porque ando a remoer a forma como os responsáveis da Prentice-Hall estão a reagir ao material do Seth em *Eventos em Massa* sobre questões médicas.

O mal-estar que sinto agora não é nada de grave, mas é suficiente para me chamar a atenção — o que, afinal, é a razão pela qual o estou a criar. Talvez fosse melhor descarregar tudo de uma vez, disse à Jane. Mas contra quem, ou contra o quê, dirigiria essa frustração? Por um lado, a Jane, o Seth e eu queremos que o nosso trabalho seja apresentado ao mundo tal como foi concebido — como uma forma de oferecer ideias para reflexão. Por outro, consigo compreender bem o dilema que os responsáveis da editora enfrentam ao serem solicitados a publicar ideias que, pelo menos em parte, são contrárias às estruturas de crença aceites num campo tão importante.

SESSÃO DEZ
EDUCAÇÃO E CULTURA. A PESSOA NATURAL.

10 DE SETEMBRO DE 1980

Hoje, às 18h30, terminei de dactilografar a sessão curta de segunda-feira [8 de Setembro]. Tinha-me esquecido de o fazer ontem à noite, tão absorvido estava a trabalhar na cópia revista de *Eventos em Massa*. Depois fiz uma descoberta surpreendente ao guardar a sessão no caderno privado número 23 — pois lá encontrei os meus apontamentos originais, em estenografia, da sessão de 3 de Setembro. Tinha-me esquecido de dactilografar essa também, e pelo mesmo motivo, ao que tudo indica.

Acredito que é a primeira vez, em mais de mil sessões, que me esqueço completamente de dactilografar uma. Já deixei algumas deliberadamente em espera porque estava ocupado com outras coisas, mas nunca me esqueci por completo. A Jane faltou à sessão de 3 de Setembro, mas quando me perguntou por ela há uns dias, respondi que estava tudo em dia. Lembro-me de me ter questionado sobre porque perguntou...

(Outra vez, a Jane estava muito relaxada enquanto nos preparávamos para a sessão. "Podia ir para a cama já", disse ela, "mas é cedo demais — depois estaria a levantar-me toda a noite. Neste momento, não sinto o Seth por perto, mas logo se vê... A minha coluna está com todo o tipo de sensações que não são habituais, mas são boas. Como é que o Seth se senta? Eu não estou muito bem sentada. Estive ótima na cama esta tarde. Há uma sensação muito fluida ali, e nas costas. Mas agora sinto-o por perto..." Ela deu um gole de vinho enquanto eu trabalhava nestas notas.)

(Suavemente:) Bem: Comentários.

(Acenei com a cabeça, a sorrir.)

O corpo do Ruburt está agora a regenerar-se a um ritmo excelente. Isso acontece porque o Ruburt está a dar-lhe "ordens" diferentes. Está a apresentar-lhe uma imagem

diferente do mundo, e isso acontece porque ele finalmente mudou muitas das suas antigas crenças.

Na realidade, a resposta do corpo a esse tipo de informação é sempre imediata — mesmo que os resultados não se manifestem logo. O Ruburt está a começar a manter uma visão mais "realista" de como a realidade funciona, no seu todo. Está a conseguir libertar-se de muitas crenças culturais desvantajosas — crenças que, tal como muitas outras pessoas, ambos aceitaram durante anos como garantidas.

Podiam lutar contra essas crenças, enfrentá-las, mas ainda assim elas tinham muito peso. Ainda acreditavam nelas em certa medida. Toda a ideia — ou medo — que o Ruburt tinha em tempos, de poder estar a conduzir outras pessoas pelo caminho errado, baseava-se nessas antigas crenças.

Essas ideias desapareceram. Estão a aproximar-se de um estado mental — individual e conjuntamente — que representa, de forma muito mais fiel, aquele com que a pessoa natural já nasce equipada.

A educação, na vossa cultura, é um caso misto (dito com ironia e humor) — e a educação não vem apenas das escolas, mas também dos jornais, da televisão, das revistas e dos livros, da arte e do próprio "feedback" da cultura. De um modo geral, para os propósitos desta discussão, há dois tipos de educação — uma voltada para ensinar a criança a lidar com o mundo natural, e outra voltada para a ensinar a lidar com o mundo cultural. Obviamente, estas vertentes estão normalmente combinadas. É impossível separá-las por completo.

No entanto, os vossos sistemas de ensino, apesar de todo o seu idealismo, acabaram, em grande parte (pausa), por sufocar as inclinações naturais dos indivíduos — acentuando excessivamente, em vez disso, a organização cultural. Passou a ser mais importante que a criança se conformasse com a cultura, do que seguir as suas próprias tendências e inclinações naturais. As suas maneiras próprias de se relacionar com a natureza foram desencorajadas, de modo que a educação deixou de trabalhar com as capacidades da criança — passou, muitas vezes, a trabalhar contra elas. Assim, a educação frequentemente contraria a natureza da pessoa natural.

Isto não significa que algumas crianças não se saiam bem no vosso sistema. (Pausa.) Também não quero dar a entender que as crianças não precisem de educação, ou que alguma disciplina e orientação não sejam benéficas. No entanto, as crianças conseguem concentrar-se durante horas seguidas em temas ou questões que as interessam verdadeiramente. São muitas vezes arrancadas dessas atividades, e os seus hábitos naturais de concentração sofrem como resultado.

Neste momento, estão a "desaprender" — e a descobrir que esse processo de desaprendizagem é, na verdade, altamente educativo (dito com ênfase). Estão a encontrar o vosso próprio conhecimento natural.

(Pausa.) Em muitos casos, claro, ambos aprenderam "bem demais". A pessoa natural que existe em ti adorava desenhar e pintar. Fazias isso por iniciativa própria,

fora das obrigações da escola. Tiveste sorte com a tua relação com a Sr.ª Bowman.1 O teu talento colocou-te em sintonia com ela. Podes confiar nas tuas inclinações naturais. Estas sessões, nesse sentido, surgiram naturalmente, como expressão de capacidades e tendências naturais — acabaram por emergir, apesar das vossas opiniões oficiais da época, partilhadas por ambos.

As sessões trouxeram, no entanto, um novo tipo de educação que muitas vezes pareceu em conflito direto com a anterior, e com as opiniões oficiais da sociedade contemporânea. Era, evidentemente, necessário que a testassem por vocês próprios. O Ruburt sentia-se mais responsável do que tu, já que era ele quem dava voz às minhas palavras. Uma busca privada era uma coisa — mas uma que fosse seguida publicamente era algo diferente (dito com intensidade).

Quer as sessões tivessem acontecido como aconteceram ou não, uma vez que se encontraram, a probabilidade trazida pela vossa relação significava que, de uma forma ou de outra, iriam procurar um contexto mais alargado da consciência — um contexto que, pelas vossas capacidades, não se manteria privado, mas atrairia outras pessoas (com intensidade).

A pessoa natural não se encontra no passado nem no presente, mas sim sob camadas e camadas de crenças oficiais — estão a lidar com uma verdadeira "arqueologia de crenças" para encontrar a pessoa que, desde o início, é quem cria as crenças. Como já disse várias vezes, evidências de clarividência, telepatia ou o que for não são casos excêntricos ou isolados na experiência humana — são manifestações representativas de padrões naturais de comportamento quotidiano que se tornam invisíveis no vosso mundo devido à imagem oficial do que é comportamento e realidade.

Os processos naturais de cura do corpo, todos os dias, livram as pessoas de doenças, reparam males emocionais ou físicos — e tais casos passam, em grande parte, despercebidos. O Ruburt aceitava a magia de um poema, mas não aceitava a magia da saúde ou da mobilidade, porque estava convencido de que a mobilidade interferiria com outras das suas capacidades.

Também estava convencido — tal como tu estavas — de que ambos precisavam de proteção contra o mundo. Muitas das ideias que vos tenho transmitido ultimamente estavam, de facto, em *Eventos em Massa* (como a Jane comentou hoje), mas agora tornaram-se vivas. Do mesmo modo, muitos outros conceitos e ideias já transmitidos também ganharão novo significado e importância, e irão enriquecer a vossa experiência, porque estarão mais abertos a eles do que estiveram antes — o Ruburt em particular — no que toca a ideias relacionadas com a reencarnação, a vida após a morte, e outros planos de atividade.

O Ruburt gosta instintivamente da tua pintura da árvore. Representa um certo estado de consciência — uma dimensão-limiar, intermédia, da perceção, onde a imaginação e os sentidos estão quase "apanhados em flagrante", no ato de montar um objeto, ou de trazer o mundo à existência sensorial, como novo, a partir do reino da mente interior:

um estado de consciência muito evocativo, e um que, como creio que o Ruburt mencionou, também poderás usar em relação a rostos.

("Obrigado, Seth", disse mentalmente, em resposta a essas palavras amáveis. E já pensei em usar essa "técnica" com rostos.)

O corpo do Ruburt está, então, a regenerar-se de forma mágica e natural — num processo tão criativo, claro, quanto o trabalho interior envolvido na produção de um livro ou de um poema — uma realidade que ele está finalmente a interiorizar. Quando terminarem a revisão de provas, e a recuperação do Ruburt for ainda mais evidente, retomaremos uma sessão de livro por semana, e continuaremos esta série na outra sessão semanal. Podemos também esperar melhorias na visão, já que essa área está agora a ser trabalhada.

Desejo-vos uma boa noite afetuosa — e lembra-me, a certa altura, de acrescentar mais material sobre educação.

("Obrigado, Seth.")

Boa noite.

("Boa noite.")

"Não pensei que conseguiria fazer a sessão", disse a Jane, "mas quando ele se aproximou, soube que sim." Disse-lhe que a sessão, embora pequena, tinha sido excelente.

Contei-lhe também algo que tinha pensado durante a tarde, e que agora me custava um pouco a expressar. Mas estas sessões, centradas nas melhorias da Jane, validam o material do Seth tal como nos tem chegado ao longo dos anos. Claro que isso tem uma desvantagem: não temos registos médicos oficiais dos "sintomas". No entanto, temos os testemunhos de muitas pessoas que nos conhecem, anos de sessões gravadas, e as nossas próprias memórias. (Muitas vezes, pergunto-me se os outros conseguem mesmo ter noção da profundidade dos desafios da Jane.) Enquanto conversávamos, a Jane riu-se e disse que sentiu do Seth que "os melhores livros ainda estão por vir."

NOTA: SESSÃO DE 10 DE SETEMBRO DE 1980

1Helen Bowman — ou "Sr.ª Bowman", como os meus pais e eu sempre lhe chamámos — foi a minha professora de arte na escola secundária de Sayre, Pennsylvania, entre 1935 e a minha graduação, em 1937. Através de um acordo com a minha mãe, Stella Butts, a Sr.ª Bowman emprestou-me dinheiro para frequentar uma escola de arte comercial em Nova Iorque, entre 1939 e 1941. Fui recrutado para a

Força Aérea em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, e reembolsei o empréstimo ao longo dos meus três anos de serviço.

Nota acrescentada 14 anos depois da entrega do material de *The Magical Approach*: a Sr.ª Bowman faleceu em 1994, com 96 anos.

SESSÃO ONZE
DRAMAS ESPIRITUAIS MULTIDIMENSIONAIS

15 de Setembro de 1980

Hoje a Jane esteve completamente "fora de si". Sentiu bastante desconforto muscular com as suas melhoras físicas, o que dificultou a concentração. Por volta das 20h30, depois de lavar a loiça, as dores tinham aliviado um pouco, mas ela parecia tão grogue de relaxamento que nem esperei que quisesse fazer uma sessão. Bocejava sem parar. Às 20h40 surpreendeu-me ao chamar da sala — eu estava a ler uma revista na mesa da cozinha — a dizer que tentaria fazer uma sessão curta. "Sinto algo relacionado com a religião..."

"Oh, Senhor", disse eu, a brincar. Estava mergulhado na tentativa de escrever uma nota relativa a uma passagem do Seth em *Eventos em Massa* sobre a ressurreição e ascensão de Cristo. Por várias razões, incluindo interrupções, tinha tido dificuldades em entrar no ritmo do trabalho e passei o fim de semana a reler material de fundo. Queria que a nota fosse coerente, sem entrar em grandes detalhes. A Jane também contribuiu com um excelente parágrafo. Como já me aconteceu antes, achei toda a questão religiosa confusa e contraditória. E a última coisa que esperava da Jane esta noite era qualquer material do Seth sobre religião. Obviamente, pensei eu, os meus próprios dilemas sobre o tema estavam a impulsionar os seus esforços.

(Uma das interrupções teve a ver com o transbordar de água de uma casa de banho na cave. Ontem à noite descobri que uma parte do chão da cave — incluindo o velho "abrigo antibomba" onde guardo o nosso correio de fãs — estava coberto por cerca de meio centímetro de água — o suficiente para ensopar as tábuas de 2x4 onde coloco as caixas de cartão [para evitar água!]. Se a madeira absorver demasiada água, pode infiltrar-se nas caixas, que são muito porosas. Assim, tive de recuperar alguma correspondência húmida — sem grandes dificuldades, na verdade. O canalizador desentupiu o esgoto da casa esta tarde, e eu passei bastante tempo a limpar seis baldes cheios de água suja.)

A entrega da Jane para o Seth pareceu a mesma de sempre, embora fizesse pausas mais longas entre frases — quase como se precisasse de reunir energia de cada vez para lidar com o seu estado físico extremamente relaxado. Mas o material é excelente, como sempre, e irei trabalhar com ele ao mesmo tempo que elaboro a nota para *Eventos em Massa*.

Agora: Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Alguns comentários.

Agora: Cristo não foi crucificado — portanto, não ressuscitou nem saiu do túmulo, nem ascendeu aos céus.

Nos termos do drama bíblico, no entanto, Cristo foi crucificado.

Ele levantou-se do túmulo e ascendeu ao céu. A ressurreição e a ascensão são, na verdade, as duas partes de um único evento dramático. (Pausa.) Dogmaticamente, apenas ressuscitar dos mortos não era suficiente, pois os homens deveriam seguir por onde Cristo liderasse. Não se poderia ter um mundo onde os recém-ressuscitados andassem entre os vivos. Tinha de haver uma existência num reino espiritual que seguisse tal ressurreição.

(Pausa.) Agora, nos factos históricos, não houve crucificação, ressurreição nem ascensão. Nos termos da história, não houve um Cristo bíblico (pausa), cuja vida tenha seguido os detalhes fornecidos. A organização da Igreja é um facto histórico. O poder, a devoção, a energia, a perícia organizacional do Cristianismo não podem ser negados. Nem se pode negar que o Cristianismo foi baseado numa grande visão religiosa e psíquica. Em certa medida, envolveu a reorganização intuitiva de realidades subjetivas, e depois objetivas.

(Pausa prolongada.) Já vos disse, no entanto, que o mundo dos eventos nasce do mundo das ideias. Parece certo que "algo" aconteceu "naquela altura" (como costumo dizer) — e que, se pudessem voltar lá, estudando invisivelmente o século, descobririam o nascimento do Cristianismo (como também já disse, embora prefira dizer que "gostava de ver o que realmente aconteceu"). Mas o Cristianismo não nasceu nessa altura. (Pausa prolongada.) Pode-se dizer que as dores de parto (intensamente) ocorreram então, mas o nascimento propriamente dito só emergiu algum tempo depois.

Os pastores judeus representavam a placenta, que estava destinada a ser descartada, pois foi a tradição judaica que alimentou a nova religião nas suas fases iniciais, antes do nascimento. Cristo, como sabem, era um nome comum, por isso quando digo que houve um homem chamado Cristo envolvido nesses eventos (ver *Seth Fala*), não quero dizer que ele fosse o Cristo bíblico. A sua vida foi uma daquelas que, em última análise, foram utilizadas para compor a imagem composta do Cristo bíblico.

A psique coletiva ansiava por mudança, por um impulso, um florescimento, uma nova organização. A ideia de um redentor não era de todo nova, mas antiga em muitas tradições. Como já disse antes, naquela parte do mundo abundavam os pretendentes a messias, os autoproclamados profetas, e assim por diante, e, nesses termos, era apenas uma questão de tempo até que os grandes anseios espirituais e psíquicos do

homem iluminassem e preenchessem aquela paisagem psicológica preparada, impregnando os padrões com uma nova urgência e intenção. Houve muitos messias descartáveis (disse com leve divertimento) — homens cujas circunstâncias, características e habilidades eram quase (musicalmente) as certas — que quase (musicalmente) preenchiam o perfil psíquico necessário, mas que por outras razões não estavam aptos: pertenciam à raça errada, ou o seu tempo não era o certo. A sua interseção com o espaço e o tempo não se alinhava com os requisitos.

(Pausa.) É necessário compreender o longo percurso da realidade psicológica que precede qualquer evento físico. É preciso compreender a necessidade e a capacidade do homem para o cumprimento, a dramatização e a criatividade psíquica.

Não há nada que tenha acontecido naquela época que não esteja também a acontecer agora, na vossa própria era: existem inúmeros gurus, pessoas que aparentemente realizam milagres (e alguns realmente fazem). Da mesma forma, houve nesses tempos eventos aparentemente desconexos que serviram de ponto focal para uma intensa atividade psíquica: as pessoas queriam acreditar, e a sua crença alterou o curso da história. Não importa que os eventos nunca tenham acontecido — a crença aconteceu. E a crença foi a resposta do homem ao conhecimento intuitivo, ao saber interior e à compreensão espiritual.

Tudo isso teve de se traduzir na realidade, em padrões psicológicos através da compreensão humana. Teve de se infiltrar nos eventos da história tal como o homem experienciou a história. Teve de tocar os tempos — e tocou, transformando-os para as gerações futuras.

Quero que se compreenda (pausa) que a realização (pausa) é de uma grandiosidade impressionante — ainda mais porque o homem formou a partir da sua psique um drama espiritual multidimensional tão poderoso, que a sua luz incidiu sobre esta ou aquela pessoa, este ou aquele lugar, e compôs uma história (pausa) mais poderosa do que qualquer evento físico poderia ser — daí o seu poder (enfaticamente).

Nesses termos, no entanto, os deuses do Olimpo também eram reais, pois todas as riquezas do homem são representações, dramatizações psíquicas que representam uma realidade interior que não pode ser expressa nem descrita literalmente — mas que pode ser expressa ou representada de forma criativa.

(Pausa prolongada.) Traduções demasiado literais deste tipo de material levam frequentemente ao sofrimento, e o impulso criativo perde-se. O grande mistério, claro, e as grandes questões, residem na natureza dessa realidade interior da qual o homem extrai as suas religiões, (repetido a meu pedido), e no poder das próprias capacidades criativas que lhes dão origem (tudo dito com bastante intensidade). Tais atividades em grande escala são o resultado final da relação individual e natural de cada pessoa com a natureza e com a fonte da natureza.

(Pausa.) Agora: o Ruburt está a progredir muito bem, e com a tua ajuda, e ambos devem tornar-se cada vez mais conscientes das pessoas naturais que são. Tens alguma pergunta?

("Não, acho que abordaste o material muito bem.")

Então despeço-me com carinho e desejo-vos uma boa noite.

("Muito obrigado, Seth. Boa noite.")

(21h38. A Jane concordou com a minha surpresa por não só ter decidido fazer a sessão, como também por ter abordado o tema de Cristo. Disse que, apesar de estar tão relaxada, “Lá estava o Seth, mesmo ali...” assim que entrou em transe. Mas agora estava tão descontraída como antes da sessão. Fez muitas pausas longas durante a transmissão, algumas das quais assinalei.

A Jane riu enquanto falávamos. “Não tens de o publicar, mas tenho a sensação de que ele — o Seth — teria dito tudo isto há muito tempo, se eu o tivesse deixado...”

“Bem,” disse eu, “talvez ele o tivesse feito se eu também o tivesse incentivado.”

(Ela concordou.)

SESSÃO DEZASSETE
A HABILIDADE DE JANE É TÃO ANTIGA COMO A PRÓPRIA HUMANIDADE. AS MÚLTIPLAS CAPACIDADES DA ESPÉCIE

15 DE OUTUBRO DE 1980

Hoje, ao almoço, li o mais recente conjunto de poemas que a Jane preparou para o seu livro de poesia, a ser publicado pela Prentice-Hall.

(O segundo jogo da World Series começou às 20h30 — creio eu — esta noite, embora eu mal lhe tenha prestado atenção na televisão enquanto nos preparávamos para a sessão; o aparelho foi desligado depois da primeira entrada, que ficou sem pontos. Tinha uma carta a meio para a Jeanne Miles, a minha amiga artista bem conhecida que vive em Nova Iorque. A Mitzi andava a perseguir um dos seus brinquedos de papel laminado escada da cave abaixo...

Tinha acabado de dactilografar as últimas páginas da sessão de segunda-feira à noite, e perguntei à Jane o que achava da nota final: eu especulava sobre eventuais ligações reencarnacionais que pudessem associar a sua capacidade de falar pelo Seth — sem recurso a nenhum meio moderno — às capacidades do homem antigo, que, segundo o Seth, era capaz de transportar mentalmente toda a sua história. Assim como o homem antigo vivia sem os meios de comunicação social a que estamos tão habituados, também a Jane canaliza o Seth sem qualquer auxílio moderno. Não esperava que o Seth abordasse este assunto relacionado esta noite.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Agora: A habilidade do Ruburt é tão antiga quanto o próprio homem, e, na verdade, todas as vossas artes, ciências e conquistas culturais são ramificações de processos mentais e biológicos espontâneos.

(Pausa — uma entre muitas.) Escolho muitas vezes as palavras com bastante cuidado, pois estou ciente das várias interpretações que lhes podem ser atribuídas. Talvez a explicação seguinte esclareça melhor o que quero dizer.

Em primeiro lugar, como tenho mencionado ultimamente, a mente racional é alimentada de forma espontânea. A espécie contém em si todas as qualidades espontâneas necessárias para formar, por exemplo, uma civilização. (Pausa.) Todas as vossas atividades racionais — os vossos governos, sociedades, artes, religiões e ciências — são, evidentemente, a manifestação física de capacidades internas, capacidades que são inerentes à estrutura do ser humano. Peguem, por exemplo, nos dramas cinematográficos dos vossos teatros. São a materialização, no vosso tempo, da habilidade natural do homem para representar — uma característica extremamente importante no comportamento da espécie.

O homem primitivo, por exemplo, representava espontaneamente o papel de outros animais. Representava uma árvore, um riacho, uma rocha. A representação tornou-se um método de ensino — uma forma de transmitir informação.

(Pausa prolongada.) O homem sempre possuiu todo o conhecimento de que necessitava. A tarefa era torná-lo disponível fisicamente.

Pessoas como o Ruburt traduziam o conhecimento interior de várias maneiras — representando-o, cantando ou dançando, desenhando imagens nas paredes das cavernas. Cabia ao intelecto dar a esse conhecimento um uso prático e, assim, a intuição e o intelecto trabalhavam em conjunto. (Pausa prolongada.) Naquela altura, o homem lidava com o saber espontâneo de forma mais direta.

(Pausa.) É muito difícil tentar explicar todas as nuances psicológicas envolvidas. O homem primitivo agia de maneira mais espontânea, mais automática nos vossos termos, mas não sem consciência. Se se recordarem das partes iniciais do nosso último livro (*Eventos em Massa*), então esta informação deve encaixar-se, pois a consciência emergiu de dentro para fora. Os animais apreciam o drama e, à sua maneira, também encenam.

Caberia ao homem traduzir livremente a sua informação interior. Ele é capaz de formar muitos tipos diferentes de culturas, por exemplo. Constrói as suas ciências e religiões, as suas línguas, de inúmeras formas, mas tem sempre de haver uma tradução da informação interior para o mundo sensorial. E isso continua a acontecer. As capacidades do homem não se apagaram nesse sentido. Pensar, por exemplo, continua a ser tão automático como sempre foi (disse com divertimento). A diferença é que a vossa cultura junta os vários elementos de formas que privilegiam o que chamam de pensamento racional.

Quando a espécie necessita de certas habilidades, estas vêm ao de cima, como é o caso do Ruburt agora. Quando estão a pintar quadros, estão também a traduzir conhecimento interior. Os primeiros artistas desenhavam imagens para partilhar aquilo que viam nos seus sonhos. De certa forma, praticavam sonhar durante o sono, e assim aprendiam também a pensar (enfatizado) em termos da medição de imagens físicas e a mover objetos mentalmente antes de o fazerem fisicamente.

A poesia era uma arte e uma ciência. Transmitia informações essenciais sobre o homem e o universo. O mesmo se pode dizer de muitos desenhos rupestres. O que existia — e o que ainda existe, embora já não estejam tão conscientes disso — era uma excelente troca entre os sentidos interiores e exteriores. Através do canto, da dança, da representação, da pintura, da narração de histórias, o homem traduzia espontaneamente os dados sensoriais interiores em concretizações físicas. Os sentidos físicos oferecem apenas pistas sobre as vossas próprias sensibilidades.

O Ruburt traduz o que lhe transmito sem estar conscientemente consciente de estar a receber o material nos termos habituais, ou de o estar a traduzir. A informação tem de ser decomposta, sobretudo num enquadramento temporal, e depois convertida em conceitos que possam beneficiar da visão de mundo predominante na vossa cultura. Tudo tem de ser adaptado para se enquadrar na perspetiva de criaturas que acreditam firmemente na superioridade da matéria sobre a mente — que estão imersas numa estrutura biológica muito específica.

Não posso ignorar essas estruturas de crença (disse intensamente), ou aquilo que digo tornar-se-ia literalmente incompreensível. Tudo isto é tratado automaticamente.

(Pausa prolongada.)

Agora: A espécie possui capacidades múltiplas, todas elas necessárias, todas contribuindo para a realização e atributos do vosso povo. Alguns indivíduos escolhem especializar-se, seguindo certas linhas de habilidade ao longo de muitas existências — adaptando-as, no entanto, aos tempos em que nascem. Ambos foram oradores nesse sentido. Os métodos podem mudar. Pode-se "falar" através da arte ou da música, através de atividades em transe, mas especializar-se-ão no uso dos sentidos interiores, e na tradução do conhecimento interior da espécie, trazendo-o para o nível de consciência considerado como o oficial.

(Pausa prolongada.) Sabem o que é o som, mas como o Ruburt sabe, aquilo que consideram som é apenas um dos muitos espectros do som. Além de traduzirem imagens interiores em pinturas, por exemplo, podem, sem o saber, estar a traduzir sons sensorialmente invisíveis em imagens. De uma forma impossível de descrever, seria verdadeiro dizer que as nossas sessões traduzem, na realidade, imagens multidimensionais em palavras.

Não têm palavras para os tipos de imagens de que falo, pois não são objetos, nem imagens de objetos, nem imagens de imagens, mas sim dimensões interiores — cada uma separada e luminosa, mas interligadas — prismas de conhecimento que contêm em si mais realidade do que podem, por agora, sequer começar a imaginar.

Até certo ponto, tenho de viajar dessas realidades para a vossa compreensão, libertar-me para formar uma entidade em constante transformação, em constante movimento, que possa falar aqui e estar lá ao mesmo tempo. Por isso, estou ao mesmo tempo distante e próximo. Essa distância em relação a vós representa também o alcance da psique humana, e os vastos corredores de atividade psicológica de onde ela é formada, e dos quais o vosso mundo emerge.

Pois os mundos estão construídos de tal forma que cada um é parte de todos os outros, e não existe separação. Não há local ou espaço, psicológico ou psíquico, onde esses mundos existam em separado, por isso não se pode afirmar que um esteja mais evoluído do que outro.

(Pausa prolongada.) Existem tantas fronteiras como sempre existiram, e não há catástrofe que possa aniquilar a consciência ou pôr fim à vida na Terra. Quando pensam na destruição da Terra, ou no fim do mundo, estão a pensar, claro, num contínuo de tempo, em começos e fins. Do vosso ponto de vista no espaço e no tempo, parece que planetas nasceram e desapareceram, estrelas colapsaram, e ao olharem para o espaço, parece (enfatizado) que olham para trás no tempo.

(Pausa prolongada.) Existem, no entanto, grandes pulsações na existência — pulsações que nada têm a ver com o tempo tal como o compreendem, mas com intensidades.

Em termos mais profundos, o mundo sempre existiu e sempre existirá. Muda os seus padrões de atividade, vai e vem, mas é sempre ele próprio nos seus movimentos. Para mim, isso é extremamente simples — mas nos vossos conceitos, pode parecer que implica complicações irreconciliáveis.

Fim da sessão. Uma pequena nota para o nosso amigo — novamente — para confiar no grande poder do universo que forma a sua própria imagem, para confiar na sua espontaneidade e nos impulsos naturais do seu corpo para o relaxamento, o movimento e a criatividade, à medida que estes se manifestam nos seus próprios ritmos.

Uma querida e acolhedora boa noite para ti, na tua doce casa — com (divertido) o jogo de basebol pela frente, e todo o amoroso parafernália tão específica no teu espaço e tempo.

("Obrigado, Seth. Boa noite.")

("Uau, estive mesmo fora com esta", disse a Jane. "Isto atinge-me mesmo: percebe-se que estás lá tão longe, com toda esta energia, mas não consegues ir mais além — sabes o que quero dizer? Ao mesmo tempo, é tudo tão simples... Foi uma sessão diferente, de alguma forma. Tenho a sensação de que eu própria estava diferente, embora não saiba exatamente que diferenças podem ter surgido. Agora estou a olhar para o relógio — e parece que estiveste tão longe que deveria demorar quatro horas a voltar. Mas não tive qualquer noção do tempo durante a sessão…")

(A sessão é de facto excelente, e a entrega da Jane, após um início lento, foi frequentemente intensa e inspirada.)

NOTA: SESSÃO DE 15 DE OUTUBRO DE 1980

1. A Jane intitulou o seu livro de poesia *If We Live Again: Or, Public Magic and Private Love*, publicado pela Prentice-Hall em 1982.
A poesia foi o seu primeiro amor de infância, e manteve-se como uma força criativa poderosa ao longo de toda a sua vida. Na verdade, em alguns dos seus primeiros poemas encontramos conceitos que o Seth viria a desenvolver muitos anos depois. Como o próprio Seth nos disse em 1979, a Jane foi sempre uma poetisa, no sentido mais profundo do termo. Deixou crescer *If We Live Again* ao longo do tempo, enquanto continuava a escrever.

A Jane também escreveu três ensaios introdutórios para o livro. Eis as frases iniciais do primeiro ensaio, *"Poetry and the Magical Approach to Life"*:

"Para mim, pelo menos, a poesia — tal como o amor — implica uma abordagem mágica à vida, bastante diferente da forma racional atualmente aceite de olhar para o mundo. Isto é, a poesia revela as nuances escondidas da vida. Delicia-se a formar correspondências entre eventos que parecem totalmente separados para a consciência sintonizada com o intelecto, e revela as correntes subterrâneas de ações normalmente ocultas que ignoramos completamente quando estamos mais preocupados em pensar racionalmente. Na verdade, esse tipo de visão contém a sua própria racionalidade espontânea, e muitas vezes oferece-nos respostas mais satisfatórias do que aquelas puramente intelectuais."

SESSÃO DOZE
INSERIR NOVAS IDEIAS NO MUNDO

22 DE SETEMBRO DE 1980

A Jane não realizou a sessão habitual da passada quarta-feira à noite. Esta noite também não lhe apetecia particularmente fazê-la, mas decidiu fazê-la em vez de "ficar sentada a noite toda". O tempo continuava muito húmido e quente, depois de um dia com mais de 32°C. Era também a primeira noite de Outono, que começou às 17h09, segundo a televisão. A Jane tem estado bem, e ontem caminhou três vezes — o máximo que consigo recordar num só dia. As melhorias físicas em geral continuam.

(Toda a semana temos estado a rever notas médicas adicionais para o manuscrito revisto de *Eventos em Massa*. Até hoje, a Jane falou com Tam Mossman, o seu editor na Prentice-Hall, sobre vários assuntos relacionados com o livro. Detesto profundamente toda esta situação. Frustrado, disse à Jane no fim de semana que

pretendia voltar à pintura a partir desta manhã — mas não aconteceu. Chegámos mesmo a ponderar retirar *Eventos em Massa* da publicação, embora o Tam tenha assegurado hoje à Jane que tudo acabaria por correr bem. Não enviei a longa carta que a Jane lhe escreveu durante o fim de semana; ela abordou os pontos todos na chamada telefónica desta manhã. Agora temos uma ideia para o nosso próprio tipo de "aviso de responsabilidade" para a introdução de *Eventos em Massa*, baseado numa citação muito apropriada do material do Seth que encontrámos mais à frente no livro. Enviei hoje ao Tam uma cópia dessa sugestão.

(Todo este caso tem-me deixado um tanto deprimido. Disse à Jane que achava que o aviso de responsabilidade planeado para um dos nossos livros pela editora dificilmente seria o fim dessa linha de pensamento. A exagerar um pouco, imaginei avisos de responsabilidade a surgir em todos os livros à medida que fossem sendo reeditados. Discutimos vários cenários durante o fim de semana, considerando as formas como poderíamos escolher reagir a tudo isto.

(Não pedimos ao Seth que comentasse a situação com a Prentice-Hall esta noite — mas quando ele surgiu com um sorriso algo irónico...)

Bem: Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Tenho alguns comentários sucintos.

Gostaria de vos dar alguma perspetiva sobre o motivo pelo qual a Prentice-Hall é a nossa editora, para começo de conversa. Talvez possamos, assim, esclarecer uma questão que por vezes parece conter algum mistério (com divertimento).

("Isso seria ótimo.")

Depois de dito, o motivo parecer-vos-á certamente óbvio.

(Pausa.) A Prentice-Hall, numa explicação condensada, por assim dizer, é representante dos tipos de pensamento mais diversos atualmente existentes no vosso país — ou seja, sob a sua alçada geral encontram-se os manuais escolares mais convencionais, voltados para a continuidade das ideias tradicionais. Há ali uma concentração na educação tal como ela é entendida nesse nível.

Sob a alçada da Prentice, porém, estão também os *Parker Books* — livros totalmente voltados para ideias e conceitos anti-establishment — de todas as naturezas, seja psíquica, científica ou religiosa, tratando de temas que contradizem e desafiam o sistema dominante em todos os pontos. E aí também há uma concentração na educação, pois esses livros são escritos com o propósito de instruir.

Os nossos livros não aparecem sob o selo *Parker*. (Pausa prolongada.) São, de certa forma, pontes entre os dois modos de pensamento opostos. São demasiado anti-establishment para servirem de manuais escolares universitários, mas ao mesmo

tempo são demasiado razoáveis para serem considerados excêntricos — da mesma forma que os livros *Parker* frequentemente são.

Os nossos livros estão na secção comercial regular. Isso cria alguns problemas para o departamento jurídico, que adere à interpretação mais literal da realidade, segundo a lente da lei.

Existe quase uma espécie de relação esquizofrénica entre os *Parker Books* e a divisão de livros comerciais da Prentice. A divisão de manuais representa o funcionamento do intelecto segundo os termos usuais do pensamento racional, e nesses livros as qualidades da imaginação, da psique, da poesia, da criatividade, estão praticamente ausentes. Essas qualidades são vistas, na verdade, como ameaças, pois não aceitam respostas fáceis e não se contentam com o status quo.

Muitos dos livros *Parker*, por outro lado, enfatizam a criatividade, a intuição, o uso da imaginação, mas são relativamente inocentes no que toca a raciocínio claro, lógica ou respeito por qualquer tradição. Estou a simplificar um pouco, claro, para fazer passar o ponto principal.

A Prentice está sempre, assim, num certo estado de tensão criativa, à medida que esses dois elementos aparentemente opostos e contraditórios se expressam através das suas duas divisões.

(Pausa prolongada**.**) No entanto, é precisamente por causa dessa divisão interna que existe uma grande margem de manobra para a publicação de livros que, de outro modo, não teriam lugar.

Dá-nos um momento... A Prentice faz mais do que sabe que faz. Enquanto entidade corporativa, também possui uma intenção consciente e inconsciente — como acontece com todas as organizações — porque elas devem espelhar as pessoas que delas fazem parte. À sua maneira, a Prentice é uma instituição educativa. Tenta voar na dianteira com ideias vanguardistas, ao mesmo tempo que protege o seu flanco de manuais universitários.

(Com divertimento:) Não sabe se o nosso trabalho é factual ou ficção, nos termos mais profundos. Sabe que o trabalho não é forjado. Sabe que eu apareço nas sessões, por exemplo, mas não sabe se as minhas ideias correspondem a uma realidade mais ampla, ou se são resultado de uma criatividade psicológica extraordinária.

Essas mesmas características que mencionei como aplicáveis à Prentice aplicam-se, à sua maneira, ao Tam, claro. Ele consegue expressar grande entusiasmo por trabalhos altamente intuitivos, mas, por outro lado, tem também um profundo respeito pelo conhecimento e pela educação estabelecidos.

Agora, com as várias pessoas dentro da Prentice, essas tendências manifestam-se muitas vezes separadamente — de forma que uma pessoa pode ser altamente

convencional e avessa a mudanças, enquanto outra pode responder com abertura a obras emocionalmente estimulantes, vanguardistas.

A editora — essa editora — representa, em formato condensado, os extremos do pensamento do vosso tempo, desde o mais convencional ao mais bizarro. Representa, portanto, a variedade de ideias do público em geral.

O departamento jurídico sabe como lidar com os livros *Parker* (o Tam disse à Jane que estão a incluir avisos de responsabilidade em todos os *Parker Books*). Sabe como lidar com ficção. Sabe como lidar com manuais convencionais — mas, de certa forma, os nossos livros combinam todos esses elementos... e transcendem-nos.

Se a Prentice fosse tão convencional, no seu âmago, como o departamento jurídico o é, então não publicaria livros nenhuns — a não ser, talvez, os manuais.

Os nossos livros estão a tentar inserir novas ideias no mundo tal como ele é, combinando os poderes do intelecto com os da intuição — ou seja, unindo as duas pontas dos extremos da Prentice.

(Pausa prolongada**.**) Agora: temos estado a tratar da *Abordagem Mágica*, e deixem-me lembrar-vos gentilmente que disse que teriam de estar dispostos a mudar por completo do antigo sistema de orientação para o novo, se quiserem que a nova abordagem funcione plenamente nas vossas vidas. Isso incluirá, naturalmente, a vossa forma de lidar com a Prentice.

Como também já disse antes, quando confrontados com uma dificuldade, a abordagem racional convencional diz-vos para olhar para o problema, analisá-lo a fundo, projetá-lo no futuro, e imaginar as suas piores consequências — e assim, perante a ideia de um aviso de responsabilidade (*disclaimer*) para *Eventos em Massa*, foi isso que ambos fizeram, até certo ponto. Viram o aviso como um facto, imaginaram-no mentalmente nas páginas dos nossos livros, projetaram-no para os livros futuros, e — só para garantir — imaginaram ainda esse famoso aviso impresso nas novas edições de todos os livros.

Isso é um excelente exemplo daquilo que *não* se deve fazer.

Na verdade, ambos começaram a libertar-se disso por iniciativa própria. Pelo menos questionaram a abordagem. Entretanto, claro, os vossos sistemas nervosos reagiram à ameaça implícita contra o vosso trabalho, uma ameaça que existia no passado, no presente e no futuro.

Estão protegidos. O vosso trabalho está protegido. Quando percebem isso, agem com confiança. De facto, conseguiram apanhar-se a tempo. O Ruburt mencionou essas preocupações, mas não com o mesmo tipo de sentimentos que teria, por exemplo, no sábado passado — e quando percebem que estão protegidos, os vossos próprios intelectos podem ficar suficientemente tranquilos, através da experiência, para não sentirem a necessidade de resolver problemas usando apenas a abordagem racional, nos casos em que essa abordagem não é viável.

Em termos mais profundos, não era razoável assumir quase automaticamente que, se se usasse um aviso de isenção de responsabilidade, esse aviso seria retroativamente e continuamente aplicado. Não era uma conclusão baseada em factos, mas sim uma conclusão baseada numa lógica que se aplicava apenas a uma probabilidade — uma sequência de atos prováveis — ou baseada no ato provável de se usar, desde o início, um aviso de isenção de responsabilidade. Portanto, mais uma vez, estamos a lidar com uma lição mais ampla sobre a forma como a mente racional foi ensinada a reagir.

Estes são, na verdade, exemplos de situações em que o intelecto foi treinado para usar apenas uma parte das suas capacidades, focando-se na mais pessimista de todas as possíveis sequências de acontecimentos — tratando essas possibilidades como se fossem factos.

E deixem-me acrescentar: eu protegi a nossa posição no livro. (O Seth, divertido, fez referência à página 457 do manuscrito de *Eventos em Massa*. Eu e a Jane decidimos incluir essa passagem, com uma nota, na introdução do livro, pois ele sublinhou que, até as pessoas estarem mentalmente claras em relação às suas crenças, devem continuar a consultar médicos.)

Mas não se esqueçam de que vocês, à vossa maneira — e também essa entidade corporativa — partilham, de facto, uma intenção educativa.

Terei, naturalmente, mais a dizer que vos ajudará, espero eu, a usar os vossos intelectos de forma clara, para melhorarem o vosso desempenho. Têm razão, uma vez mais, ao dizer: "Há elementos nesta situação — ou em qualquer situação — que o meu intelecto não pode conhecer." E o intelecto pode levar esse facto em consideração. Caso contrário, esperam que ele faça deduções enquanto lhe negam o conforto de saber que essas deduções não precisam de se basear apenas no seu próprio conhecimento, mas sim no vasto e mágico banco de informação da intuição — de onde, em termos mais amplos, provém toda a informação do intelecto.

Acredito que ambos estão finalmente a tentar utilizar uma nova abordagem nesse sentido.

O estado do Ruburt está a evoluir muito bem. Ele sente-se mais ativo — e vai continuar assim. Deve ler frequentemente o último conjunto de sessões. Têm alguma pergunta?

(Não tenho, acho eu.)

Façam a pintura da vossa experiência com a luz — e, claro, continuem com as vossas outras pinturas.

O Ruburt está ansioso para que a Prentice apresente os nossos livros da melhor forma possível. Também eles têm as suas tendências paranoicas, e intelectos sobrecarregados com que lidar. A abordagem mágica vai ajudar-vos a ultrapassar isso, se a usarem.

As minhas mais calorosas saudações, e uma boa noite com intensidade serena e satisfeita.

(Obrigado, Seth. Boa noite.)

Apesar de inicialmente não se sentir bem, a Jane acabou por fazer uma sessão excelente.

Notas da sessão de 22 de setembro de 1980:

Seth tinha razão. Nunca aconteceu: apesar das nossas preocupações, os responsáveis da Prentice-Hall não decidiram usar avisos de isenção de responsabilidade noutros livros da Jane.

Do meu caderno de sonhos:

"Visão, 21 de setembro de 1980, 23:45:
Estava deitado na nossa cama, completamente vestido, à espera que a Jane saísse da casa de banho. Como de costume, a pequena luz na cómoda dela, à minha direita, estava acesa. Estava deitado de costas, com a cabeça ligeiramente virada para a luz ténue. Sentia-me bastante sonolento e entrei num estado entre o sono e a vigília. Então, percebi que mais uma vez estava a ver "a luz do universo", como o Seth lhe chama. Esta experiência foi mais suave do que as três anteriores, mas continuava a ser fascinante.

Não quero complicar as coisas especulando se estava num estado fora do corpo durante essa experiência. Percebi que, enquanto estava deitado com a cabeça ligeiramente virada para a direita, estava claramente a olhar para a esquerda, para o topo de uma porta simples de madeira maciça — e que o meu ponto de vista estava por cima do topo da porta, junto ao teto baixo. A porta estava escura do meu lado, entreaberta talvez uns sete centímetros.

Atrás da porta havia uma luz intensa e pulsante — mas só conseguia ver uma pequena parte dela, no topo da porta quase fechada. As minhas reações foram bastante objetivas desta vez. Sabia o que estava a criar. Não tive, por exemplo, aquelas sensações arrebatadoras que por vezes me invadem nesses momentos.

Ao sair da experiência, resolvi pintar um pequeno óleo dela, como fiz depois das outras três perceções da "luz do universo" este ano — em 9 e 10 de fevereiro, e a 16 de junho. E é evidente que, nesta pequena aventura de hoje, protegi-me novamente de enfrentar a força criativa total da vida do universo, permitindo-me apenas um vislumbre, e ainda por cima cuidadoso, no topo de uma porta.

O Seth disse-me que, como criatura física, ficaria sobrecarregado se alguma vez chegasse perto de encarar esse poder consciente e criativo avassalador.

(Ver a minha pintura no final desta sessão.)

Robert F. Butts (1919–): *Para Além da Porta*. 1980. Óleo sobre madeira, 33 x 27,5 cm.
Foi-me impossível, com tinta física mundana, sequer aproximar-me do brilho pulsante daquela pequena parte da "luz do universo" que me permiti experienciar no topo da porta quase fechada.

SESSÃO TREZE
ROB A USAR A ABORDAGEM MÁGICA. PRECOGNIÇÃO.

24 de Setembro de 1980

A Jane hoje não se sentiu muito bem — tem tido muitas dores devido às mudanças musculares que estão a acontecer. Primeiro decidiu ver se conseguiria fazer uma sessão, depois, às 21:10, decidiu que não. Mas quando eu disse que ia voltar à digitação da sessão de segunda à noite, ela, num volte-face algo bem-humorado, decidiu afinal fazer a sessão esta noite. “Se ele aparecer, será ótimo”, disse ela. “Não sinto a presença dele.” Mas, enquanto eu escrevia estas notas às 21:20, ela começou a sentir a presença do Seth. “Afinal não estás abandonada,” disse-lhe eu.

Pouco antes de nos sentarmos para a sessão, a Jane acabou de ler o meu relato sobre a experiência com a “luz do universo” que tive no domingo à noite, dia 21 de setembro, bem como a minha descrição de outra experiência que envolveu… clarividência… ou precognição… que tive hoje durante a sesta, relacionada com a ideia para um romance e com um artigo no *Star-Gazette*, o jornal diário de Elmira, que saiu esta noite. Descrevo ambos os eventos no meu caderno de sonhos.

“Gostava que houvesse palavras diferentes de clarividência ou precognição,” disse eu, porque estava um pouco relutante em aplicar esses termos à experiência com o jornal. Ou seja, na altura não senti que essas palavras se aplicassem ao que pressenti — e ainda agora não sinto. Talvez estivesse apenas receoso de que a experiência não fosse realmente clarividente, mas parece-me que o nosso vocabulário é limitado de forma indefinível nestes casos. Juntei uma cópia da experiência com o jornal a esta sessão.

Não esperava que o Seth falasse sobre esse episódio esta noite, nem lhe pedi que o fizesse. E, para alguém que nem sequer tinha a certeza de querer fazer uma sessão, a Jane teve um desempenho excelente — a sua fala foi geralmente rápida e bastante enfática.

Agora, os comentários:

Boa noite.

Se tivesses primeiro lido o artigo de que falas e depois, num estado de sonolência, tivesses criado a ideia para o romance — já com a caracterização da mãe — então

dirias que houve causa e efeito. A ciência talvez admitisse que a ideia do romance foi altamente criativa, um exemplo da mente a brincar com a experiência como matéria-prima — mas, claro, tiveste a tua experiência *antes* de leres o artigo. E quando algo assim acontece, a ciência declara que os dois eventos não estão de forma alguma relacionados, mas que resultam de padrões coincidentes.

No teu caso, seja um minuto, dez minutos, uma hora ou duas antes, reagiste antecipadamente a uma manchete que ainda não tinhas visto fisicamente. Reagiste de forma criativa, usando a história precognitiva como base para um esforço literário. Transformaste isso em arte.

Enquanto estavas deitado, estavas consciente — mesmo que apenas abaixo do limiar da consciência habitual — de que não tinhas ido buscar o jornal antes da sesta, como é teu hábito, e, quase ao nível do sonho, perguntaste-te que histórias poderia ele conter. A inclusão da confusão hospitalar na tua história estava, como suspeitavas, ligada às ideias sobre medicina com que tens lidado ultimamente (nas notas adicionais de *Eventos em Massa*, e no livro do médico). E ali estava uma excelente ideia de romance que, entre outras coisas, poderia trazer essas ideias para o centro da atenção.

A ideia do romance, então, veio de eventos do passado e do futuro, ainda que rapidamente te tenhas encontrado com esses eventos futuros. A tua mente organizou intuitivamente todo esse material e reuniu-o de forma completamente nova. Por vezes, quando estes eventos ocorrem, o gatilho precognitivo nem sequer é reconhecido quando surge fisicamente, porque acontece com demasiada antecedência.

Organizas eventos mentais e físicos de forma criativa. Neste caso, envolvia-se um romance porque o conceito, apesar de conter imagens fortes, abrangia um período de tempo que exigia uma narrativa. Usaste a abordagem mágica. Apanhaste-te no ato de agir naturalmente, a demonstrar capacidades que a tua sociedade, em grande parte, não reconhece. Esse mesmo tipo de organização relâmpago ocorre constantemente dentro do corpo, à medida que ele lida com cenários prováveis aos quais podes — ou não — acabar por reagir.

Os eventos descritos no artigo do jornal revelam o mesmo tipo de ligações mágicas. As células dos jovens em questão estiveram sempre em comunicação, e todos os elementos necessários para que esse reencontro acontecesse deram-se nesse nível mágico de atividade. Conscientemente, intelectualmente, os rapazes não sabiam que eram trigémeos. Vives pessoalmente num mundo fértil de ideias criativas. O teu intelecto tem consciência disso. Está habituado a funcionar criativamente. O intelecto focado pode, de facto, ativar as capacidades intuitivas — e as de cura. Obténs aquilo em que te concentras.

O intelecto é um organizador vital, mesmo quando não tem consciência dos níveis mágicos de atividade de onde muitas vezes emergem as suas melhores ideias.

Esta será uma sessão muito breve. No entanto, quando observares os eventos mundiais — por exemplo, a situação atual no mundo (a guerra entre o Irão e o Iraque,

que começou há poucos dias) — tenta alargar o alcance do teu intelecto para que consigas ver esses acontecimentos como “romances” vivos e multidimensionais que estão a ser criados no presente em resposta a gatilhos tanto do futuro como do passado. O impacto do futuro no passado — ou melhor, as implicações do futuro no presente — são extremamente importantes, e essas reações precognitivas são tão vitais, numerosas e reais como aquilo que normalmente consideras reações a eventos passados.

Isto coloca os acontecimentos mundiais numa perspetiva completamente diferente. Os homens agem, portanto, em relação a eventos que, do ponto de vista histórico, ainda não ocorreram — mas esses eventos, a acontecer no futuro, projetam a sua sombra para o presente, ou iluminam o passado de acordo com as suas características. Há sempre mais a acontecer do que aquilo que os dados sensoriais comuns mostram.

Na tua experiência relativamente simples, podes ver, no entanto, as implicações deste tipo de atividade. As pessoas podem reagir a eventos futuros traduzindo-os inconscientemente em arte, ou filmes. Podem reagir tomando, inconscientemente, certas decisões políticas que, na altura, parecem ilógicas ou até incompreensíveis — passos cuja lógica só se torna evidente em retrospetiva.

O mesmo acontece, claro, em todas as áreas do comportamento humano, bem como no comportamento dos animais — e até das plantas. Este "sombreamento" do presente pelo futuro, ou iluminação do presente por esse futuro, representa um elemento vital na formação dos acontecimentos tal como são percebidos no tempo. De certa forma, os trigémeos estavam a reagir no seu passado a um evento futuro que agora os alcançou, de tal modo que cada uma das suas ações em qualquer momento desse passado aconteceu como resultado de uma tensão — uma tensão criativa — entre o evento da sua separação original e o evento do seu reencontro futuro.

Não quero dizer que o reencontro era inevitável ou predestinado, mas a força dessa probabilidade, por assim dizer, ampliou a tensão original. Quero que o Ruburt aplique tudo isto à sua própria situação, tanto em termos dos seus projetos criativos como da sua condição física, para que comece a compreender que pode começar a reagir no presente a uma recuperação futura.

(Pausa longa.) Ele consegue perceber o quão importantes são os períodos de “deixar ir”. A tua experiência aconteceu quando estavas quase a adormecer, mas apenas relaxado, sem preocupações, com o intelecto num fluxo livre. Não o estavas a travar. Estava, por um momento, livre de crenças limitadoras, e utilizou — escolheu utilizar — a abordagem mágica para responder a uma questão intelectual muito simples, agora já esquecida: o que poderá estar no jornal de hoje?

A resposta habitual, ou o método habitual de obter uma resposta, era na altura inconveniente: não estavas prestes a levantar-te, ir lá fora buscar o jornal, por isso o intelecto, por si só, carregou, por assim dizer, no botão da abordagem mágica, obtendo a informação da forma mais rápida e simples possível.

No entanto, não te deu apenas a manchete — apesar de tanto essa como a notícia terem sido percecionadas de forma tão rápida que não tiveste tempo de acompanhar conscientemente. Aquilo de que tiveste consciência foram as tuas próprias fantasias criativas em resposta a essa informação.

Quando deixado em paz, o intelecto resolverá frequentemente os problemas desta forma, se lhe for permitido, quando esqueces o que supostamente é possível e o que não é, quando esqueces que a tua mente deve ser mundana e limitada.

(Pausa.) Fim da sessão —

(Sorri para o Seth enquanto ele se inclinava na minha direção. "Já suspeitava. Foi muito interessante.")

— e uma boa noite, com afeto.

(Obrigado. Igualmente. Boa noite.)

"Brilhante, querida", disse eu à Jane quando ela saiu rapidamente do estado de transe. Ela ficou satisfeita. Para alguém que não sabia se queria fazer uma sessão, teve um desempenho muito bom, com uma entrega muitas vezes rápida e enfática. Disse-lhe que parecia que o Seth tinha usado o meu episódio com o jornal para resumir, de forma condensada, muito do material que nos tem dado neste último grupo de sessões privadas. "Não podias pedir uma demonstração melhor de tudo isto", disse-lhe eu.

Pretendo copiar uma ou duas páginas desta sessão para inserir no meu caderno com sugestões de notas para *Dreams*, o livro mais recente do Seth. Refiro-me ao material sobre o tempo. Também pensei que devíamos manter esta sessão presente, para que não se perca com os anos nos ficheiros — uma das razões pelas quais quero usar parte dela em *Dreams*. Sendo privada, talvez não venha a ser publicada tão cedo.

Uma nota: sobre a forma como as coisas "funcionam"... Na manhã de quinta-feira — o dia seguinte a esta sessão — eu e a Jane vimos os três jovens mencionados no artigo do jornal num programa de variedades bastante conhecido. Muito interessante. Um deles disse que tinha tido "um sonho" com irmãos. Os outros não foram tão específicos, mas indicaram, pelo menos, que nunca se sentiram verdadeiramente sozinhos. O apresentador do programa nunca mencionou que os três jovens eram, na verdade, membros de um grupo de quádruplos — que um quarto irmão tinha morrido à nascença, segundo o artigo do jornal. Nem os próprios irmãos mencionaram isso. Também comentei com a Jane a semelhança entre os apelidos adotivos de dois dos irmãos: Kellman e Gelland.

Nota: Sessão de 24 de setembro de 1980

Experiência – 16:00, quarta-feira, 24 de setembro de 1980

Deitei-me para uma sesta no quarto depois de a Jane se ter levantado da sua. Tive as seguintes ideias enquanto estava naquele estado entre o sono e a vigília. Dei por mim a refletir sobre o que achei ser uma ótima ideia para um romance. Tentei descrevê-la à Jane enquanto jantávamos e víamos as notícias na televisão.

Via-me como uma mulher num centro comercial em Big Flats, perto de Elmira. Ao passar por uma porta giratória dupla, apanhei um vislumbre de um jovem — talvez com vinte e poucos anos — que era a cópia exata do meu próprio filho, que eu sabia não estar ali, mas sim fora da cidade em trabalho. O choque de ver aquele duplo foi tão grande que, em vez de o seguir para o interpelar, tive de me sentar num banco para me recompor. Nessa altura, o jovem já tinha desaparecido. Imaginei-me a voltar ao centro comercial vezes sem conta para o tentar reencontrar — e, finalmente, consegui. Ou segui-o até ao carro e falei com ele, ou segui-o até onde vivia com os pais — mas ele tinha uma semelhança impressionante com o meu filho.

Não sei como nem quando os dois jovens, tão parecidos, se conheceram — mas, no meu devaneio, imaginei a mãe a investigar ligações que a levavam até ao nascimento do filho, no hospital de Elmira. Visualizei as salas de parto e a sala onde os visitantes vêem os bebés (nunca vi essas salas na vida real).

A história desenrola-se quando a mãe descobre provas de uma troca de bebés no hospital: tinha-lhe sido entregue apenas um dos filhos, ou algo do género; ou então conseguiu adotar um bebé dali. De uma forma ou de outra, ela descobre, depois de muita investigação, que houve uma série de enganos no hospital naquele dia — que, na zona de Elmira, há vários pais que criaram filhos que não eram biologicamente seus. Tinha havido trocas de bebés devido a novos funcionários, etc. Achei que seria um ótimo romance, à medida que todos os fios se desenrolassem, e considerando os conflitos emocionais que se formaram ao longo dos anos à medida que os pais criaram crianças que julgavam ser suas.

Acho que a ideia das trocas no hospital veio de um livro que eu e a Jane temos lido esta semana, escrito por um médico que critica a medicina institucional, os partos em hospitais, e tudo o resto. Ele escreveu que essas trocas de bebés não são assim tão raras. Depois, enquanto estávamos sentados no sofá, lembrei-me de que, pela primeira vez em meses, me tinha esquecido de trazer o jornal da noite para dentro de casa, para o podermos ler enquanto jantávamos e víamos televisão. Quase sempre trago o jornal antes da minha sesta, para a Jane o ler enquanto eu durmo.

Na primeira página do jornal havia uma reportagem bastante longa, com fotografias, a contar como três trigémeos se reencontraram “por acaso” no último fim de semana em Nova Iorque — um caso de que nunca tínhamos ouvido falar nos media até então. Esquecera-me de descrever à Jane a ideia do romance, mas o artigo imediatamente me fez lembrar dela. Havia semelhanças na história que me recordavam a minha própria experiência. Os primeiros dois irmãos reencontraram-se através de um amigo

(em vez de uma mãe, por exemplo) que notou a semelhança entre eles. Acontece que os três foram dados para adoção à nascença, e embora soubessem que eram adotados, não sabiam que pertenciam a um grupo de quádruplos. (Um quarto irmão morreu à nascença.) O facto de não saberem disso corresponde à ideia sonhadora que tive sobre dois jovens a viverem na zona de Elmira sem saberem um do outro. Até as idades dos trigémeos — 19 anos — os colocam relativamente próximos da idade do meu "filho" na história (25 anos), em vez de, digamos, irmãos com 40.

Fiquei realmente impressionado com as semelhanças entre a história do jornal e a minha experiência. A Jane acha que, como me esqueci de trazer o jornal antes da sesta, pode ter acontecido sintonizar-me com ele, ali mesmo na caixa do correio. Não senti fortemente que tenha sido isso, mas fico com alguns arrepios ao terminar este relato.

Deveria acrescentar que me deitei por volta das 16:20. Durante a semana, o estafeta normalmente deixa o jornal na caixa por volta das 15:15–15:30, por isso o jornal já estava "no lugar" para eu poder sintonizar-me com ele. Na verdade, conseguimos ver a nossa caixa de correio da estrada a partir das janelas do quarto, viradas ligeiramente a norte. Puxo os estores antes de me deitar. Não me lembro se hoje olhei para a caixa enquanto os puxava. A caixa fica a cerca de 13 a 15 metros das janelas do quarto, com a parte de trás virada para a nossa casa. Consigo perceber se o jornal já chegou, olhando para a caixa do nosso vizinho do outro lado da estrada. Ao fim de semana, quando o jornal é entregue de manhã — e às vezes vem atrasado — costumo verificar a caixa do vizinho.

SESSÃO CATORZE
O EU. RELAXAMENTO E AUSÊNCIA DE ESFORÇO.

29 de Setembro de 1980

Faltam apenas algumas sessões para eu rever o manuscrito com a revisão de texto de *Eventos em Massa*. Depois poderei começar a compará-lo com a primeira cópia carbono [que guardamos], antes de o enviar de volta para a Prentice-Hall, provavelmente no final desta semana, para impressão. O lançamento do livro está previsto para maio de 1981.

A Jane continua a melhorar, embora tenha tido períodos de preocupação e dúvida. Agora esperava impacientemente que o Seth surgisse. Ao início pensei que ela fosse deixar passar esta sessão. Finalmente, ela sentiu a presença dele. "Ainda bem," brinquei. "Tive receio de que ele só chegasse até à Coleman Avenue — a um quarteirão de distância — ou algo assim. Não queria ficar aqui sentado à espera e a perder tempo…"

Agora —

(“Boa noite.”)

Não é verdade, claro, que antes da era da psicologia moderna o homem tivesse uma noção de si próprio limitada apenas aos aspetos exteriores conscientes, apesar de se escrever que, até então, o homem via-se como um tipo de “eu de superfície plana” — sem, por exemplo, complexidade subconsciente ou inconsciente. Na verdade, antes da psicologia se ter afirmado, antes de mapear os compartimentos aceitáveis ou proibidos, perigosos ou seguros do eu, o homem usava a palavra “alma” para descrever toda a sua complexidade. Essa palavra era suficientemente vasta para conter toda a experiência humana. Abrangia tanto o convencional como o não convencional, o bizarro e o comum, os estados mentais e experiências do dia a dia ou extraordinárias. Tinha espaço para conter imagens da realidade tanto física como psicologicamente percecionadas.

Mais tarde, a igreja impôs todas as condenações das suas leis religiosas sobre certas experiências psicológicas e místicas — não porque não as considerasse reais, mas precisamente porque reconhecia demasiado bem a influência perturbadora que, por exemplo, uma experiência reveladora podia ter sobre uma ordem mundial assente num dogma uniforme.

As “bruxas”, por exemplo, não eram consideradas insanas nem descontroladas, pois as suas crenças psicológicas encaixavam até bem demais com as do povo em geral. Eram consideradas malignas.

A vasta gama de expressão psicológica, no entanto, tinha algum tipo de estrutura que a continha. O santo e o pecador tinham ambos acesso a grandes profundidades de heroísmo ou desespero possíveis. A realidade psicológica, apesar dos perigos religiosos impostos sobre ela, estava longe de ser uma experiência plana. De facto, foi porque a igreja acreditava tanto na grande amplitude da atividade psicológica possível que se tornou tão dogmática e incansável na tentativa de manter a ordem.

(Pausa longa.) Infelizmente, com o desenvolvimento da era científica, ocorreu algo que não precisava de ter acontecido. Como já referi antes, a determinação da ciência em ser objetiva provocou quase de imediato uma certa redução artificial da realidade psicológica. Aquilo que não podia ser provado no laboratório passou a ser presumido como inexistente.

Qualquer pessoa que experienciasse “algo que não podia existir” era, por isso, de certa forma considerada iludida ou perturbada. Não há dúvida de que as dimensões aceites da realidade psicológica começaram a encolher precisamente na altura em que nasceu a psicologia moderna.

A psicologia moderna foi uma tentativa de moldar o homem segundo a nova visão científica do mundo. Foi uma tentativa de enquadrar o homem na narrativa da evolução e de fabricar uma criatura cuja própria existência estivesse, de certa forma, em conflito consigo mesma. O homem evolutivo, com raízes darwinistas, não podia ser uma criatura com alma. Tinha de carregar, escondido nas suas raízes psicológicas, os

restos sangrentos da luta pela sobrevivência, que agora o colocavam num papel desconfortável.

Não há dúvida de que a igreja colocava a alma numa posição de tensão, apanhada entre a sua origem celestial e o pecado original — mas havia um sentido de mobilidade psicológica envolvido, uma que via a existência a continuar depois da morte.

A nova psicologia, por outro lado, fechou essa mobilidade após a morte, dando a cada indivíduo um passado primitivo desagradável — uma herança genética que terminava apenas no túmulo. A atividade psicológica foi, assim, reduzida ao espaço entre o nascimento e a morte, ao mesmo tempo que a possibilidade de qualquer experiência após a morte era considerada a mais absurda e anticientífica das especulações.

(Pausa longa.) Na tua democracia, qualquer homem pode passar de filho de camponês pobre a presidente. Os marginalizados podem tornar-se figuras sociais proeminentes. Os iletrados podem tornar-se altamente educados. Mas a ideia de alcançar a grandeza foi considerada altamente suspeita. O eu foi mantido dentro de limites. Grande paixão, desejo, intenção — ou génio — não cabiam nesse modelo.

(Pausa longa.) Ora, alguns povos não se encaixaram nesse molde. Aproveitaram o que puderam da vossa tecnologia, mas de forma consciente e espontânea retaliaram — e ainda o fazem — exagerando todas aquelas tendências humanas que a vossa sociedade reprimiu tão bem. Se se pode ter razão sem fé, então, de facto, pode também haver fé sem razão. Quando a experiência humana é reduzida desta maneira — comprimida — então, por assim dizer, ela também explode nas duas extremidades.

Têm-se atos atrozes, a par de grandes heroísmos — ambos explosivos, representando libertações súbitas de energias reprimidas que, de outro modo, foram proibidas. Assim, a psique coletiva do homem expressa-se por vezes como fogo-de-artifício, simplesmente porque a libertação da pressão é necessária.

Até a vossa pobre e mal orientada organização moral/religiosa está, à sua maneira, a dizer à sociedade orientada pela ciência: “Então a fé não é real? Pois bem, vamos mudar as vossas leis com ela. Vamos transformá-la em poder — poder político. E o que dirão depois? Fomos ridicularizados durante tanto tempo. Vamos ver quem ri agora.”

O fanatismo abunda, claro, porque as tendências e experiências humanas que foram negadas pela sociedade dominante acabam por irromper com força explosiva, quando, na verdade, essas tendências deviam ser aceites como características da experiência humana. O Irão é um exemplo para o mundo, numa cápsula explosiva, com fundo histórico e contexto político moderno. A psicologia moderna não tem sequer um conceito de "eu" que consiga começar a explicar realidades como esta.

Deveria acrescentar que me deitei por volta das 16:20. Durante a semana, o estafeta normalmente deixa o jornal na caixa por volta das 15:15–15:30, por isso o jornal já

estava "no lugar" para eu poder sintonizar-me com ele. Na verdade, conseguimos ver a nossa caixa de correio da estrada a partir das janelas do quarto, viradas ligeiramente a norte. Puxo os estores antes de me deitar. Não me lembro se hoje olhei para a caixa enquanto os puxava. A caixa fica a cerca de 13 a 15 metros das janelas do quarto, com a parte de trás virada para a nossa casa. Consigo perceber se o jornal já chegou, olhando para a caixa do nosso vizinho do outro lado da estrada. Ao fim de semana, quando o jornal é entregue de manhã — e às vezes vem atrasado — costumo verificar a caixa do vizinho.

SESSÃO CATORZE
O EU. RELAXAMENTO E AUSÊNCIA DE ESFORÇO.

29 de Setembro de 1980

Faltam apenas algumas sessões para eu rever o manuscrito com a revisão de texto de *Eventos em Massa*. Depois poderei começar a compará-lo com a primeira cópia carbono [que guardamos], antes de o enviar de volta para a Prentice-Hall, provavelmente no final desta semana, para impressão. O lançamento do livro está previsto para maio de 1981.

A Jane continua a melhorar, embora tenha tido períodos de preocupação e dúvida. Agora esperava impacientemente que o Seth surgisse. Ao início pensei que ela fosse deixar passar esta sessão. Finalmente, ela sentiu a presença dele. “Ainda bem,” brinquei. “Tive receio de que ele só chegasse até à Coleman Avenue — a um quarteirão de distância — ou algo assim. Não queria ficar aqui sentado à espera e a perder tempo…”

Bem —

(“Boa noite.”)

Não é verdade, claro, que antes da era da psicologia moderna o homem tivesse uma noção de si próprio limitada apenas aos aspetos exteriores conscientes, apesar de se escrever que, até então, o homem via-se como um tipo de “eu de superfície plana” — sem, por exemplo, complexidade subconsciente ou inconsciente. Na verdade, antes da psicologia se ter afirmado, antes de mapear os compartimentos aceitáveis ou proibidos, perigosos ou seguros do eu, o homem usava a palavra “alma” para descrever toda a sua complexidade. Essa palavra era suficientemente vasta para conter toda a experiência humana. Abrangia tanto o convencional como o não convencional, o bizarro e o comum, os estados mentais e experiências do dia a dia ou extraordinárias. Tinha espaço para conter imagens da realidade tanto física como psicologicamente percecionadas.

Mais tarde, a igreja impôs todas as condenações das suas leis religiosas sobre certas experiências psicológicas e místicas — não porque não as considerasse reais,

mas precisamente porque reconhecia demasiado bem a influência perturbadora que, por exemplo, uma experiência reveladora podia ter sobre uma ordem mundial assente num dogma uniforme.

As “bruxas”, por exemplo, não eram consideradas insanas nem descontroladas, pois as suas crenças psicológicas encaixavam até bem demais com as do povo em geral. Eram consideradas malignas.

A vasta gama de expressão psicológica, no entanto, tinha algum tipo de estrutura que a continha. O santo e o pecador tinham ambos acesso a grandes profundidades de heroísmo ou desespero possíveis. A realidade psicológica, apesar dos perigos religiosos impostos sobre ela, estava longe de ser uma experiência plana. De facto, foi porque a igreja acreditava tanto na grande amplitude da atividade psicológica possível que se tornou tão dogmática e incansável na tentativa de manter a ordem.

(Pausa longa.) Infelizmente, com o desenvolvimento da era científica, ocorreu algo que não precisava de ter acontecido. Como já referi antes, a determinação da ciência em ser objetiva provocou quase de imediato uma certa redução artificial da realidade psicológica. Aquilo que não podia ser provado no laboratório passou a ser presumido como inexistente.

Qualquer pessoa que experienciasse “algo que não podia existir” era, por isso, de certa forma considerada iludida ou perturbada. Não há dúvida de que as dimensões aceites da realidade psicológica começaram a encolher precisamente na altura em que nasceu a psicologia moderna.

A psicologia moderna foi uma tentativa de moldar o homem segundo a nova visão científica do mundo. Foi uma tentativa de enquadrar o homem na narrativa da evolução e de fabricar uma criatura cuja própria existência estivesse, de certa forma, em conflito consigo mesma. O homem evolutivo, com raízes darwinistas, não podia ser uma criatura com alma. Tinha de carregar, escondido nas suas raízes psicológicas, os restos sangrentos da luta pela sobrevivência, que agora o colocavam num papel desconfortável.

Não há dúvida de que a igreja colocava a alma numa posição de tensão, apanhada entre a sua origem celestial e o pecado original — mas havia um sentido de mobilidade psicológica envolvido, uma que via a existência a continuar depois da morte.

A nova psicologia, por outro lado, fechou essa mobilidade após a morte, dando a cada indivíduo um passado primitivo desagradável — uma herança genética que terminava apenas no túmulo. A atividade psicológica foi, assim, reduzida ao espaço entre o nascimento e a morte, ao mesmo tempo que a possibilidade de qualquer experiência após a morte era considerada a mais absurda e anticientífica das especulações.

(Pausa longa.) Na tua democracia, qualquer homem pode passar de filho de camponês pobre a presidente. Os marginalizados podem tornar-se figuras sociais

proeminentes. Os iletrados podem tornar-se altamente educados. Mas a ideia de alcançar a grandeza foi considerada altamente suspeita. O eu foi mantido dentro de limites. Grande paixão, desejo, intenção — ou génio — não cabiam nesse modelo.

(Pausa prolongada.) Ora, alguns povos não se encaixaram nesse molde. Aproveitaram o que puderam da vossa tecnologia, mas de forma consciente e espontânea retaliaram — e ainda o fazem — exagerando todas aquelas tendências humanas que a vossa sociedade reprimiu tão bem. Se se pode ter razão sem fé, então, de facto, pode também haver fé sem razão. Quando a experiência humana é reduzida desta maneira — comprimida — então, por assim dizer, ela também explode nas duas extremidades.

Têm-se atos atrozes, a par de grandes heroísmos — ambos explosivos, representando libertações súbitas de energias reprimidas que, de outro modo, foram proibidas. Assim, a psique coletiva do homem expressa-se por vezes como fogo-de-artifício, simplesmente porque a libertação da pressão é necessária.

Até a vossa pobre e mal orientada organização moral/religiosa está, à sua maneira, a dizer à sociedade orientada pela ciência: “Então a fé não é real? Pois bem, vamos mudar as vossas leis com ela. Vamos transformá-la em poder — poder político. E o que dirão depois? Fomos ridicularizados durante tanto tempo. Vamos ver quem ri agora.”

O fanatismo abunda, claro, porque as tendências e experiências humanas que foram negadas pela sociedade dominante acabam por irromper com força explosiva, quando, na verdade, essas tendências deviam ser aceites como características da experiência humana. O Irão é um exemplo para o mundo, numa cápsula explosiva, com fundo histórico e contexto político moderno. A psicologia moderna não tem sequer um conceito de "eu" que consiga começar a explicar realidades como esta.

O passeio depois do jantar seria excelente, claro — a ideia, no entanto, é que, caso ele se sentisse desconfortável por estar sentado, se deitasse na cama, talvez antes de ver televisão à noite.

Um ponto importante, novamente, é lembrar que, num dado dia, o seu estado de espírito é muitas vezes excelente durante vários períodos. Deve concentrar a sua atenção nesses períodos, em vez de se focar nos momentos em que se sente em baixo ou perturbado, e de se criticar por essas reações. Dessa forma, os bons estados de espírito tornam-se mais longos. Aumentam. Tornam-se significativos. Assim, ele descobrirá o que promove esses bons momentos. Mais tarde, direi algo sobre o que chamarei de “a hipótese diária”, pois cada pessoa tem uma — uma que pode ser bastante diferente numa sexta-feira do que é numa segunda. A experiência diária constrói-se, em parte, com base nessas hipóteses de funcionamento.

Até certo ponto, o desagrado do Ruburt em deitar-se depois do jantar também indica que está a aprender mais sobre os seus próprios ritmos naturais, pois sente-se acelerado nessa altura do dia, tal como tu. Isto acontece porque muitas das crenças que têm, individual e coletivamente, aliviam-se ao cair da noite, já que dizem respeito,

muitas vezes, às atividades do dia, quando o resto do mundo parece estar envolvido numa experiência de mundo tipo linha de montagem das nove às cinco.

Não projetam tantas ideias negativas sobre as horas da noite, e o mesmo se aplica à maioria das pessoas, com variações. Essa é, pelo menos, uma das razões pelas quais estas sessões ocorrem à noite, quando é menos provável que as associem a valores do mundo do trabalho. Isso também explica por que é mais fácil, em termos gerais, para o Ruburt receber este tipo de informação à noite — porque estão ambos livres de limitações que poderiam dificultar-vos noutras alturas do dia. Não apenas porque é mais comum receberem visitas durante o dia, mas porque vocês próprios estão menos visitados por preconceitos sobre o que "deveriam" estar a fazer em determinada hora.

Os fluxos naturais e mágicos dos vossos próprios ritmos são mais frequentemente interrompidos durante o dia. Isto aplica-se também a outras pessoas, por causa das ideias sociais sobre o que se deve fazer a cada momento, ou sobre o que é considerado respeitável, apropriado, correto ou até moral — num sentido limitado.

Instalaram-se num sistema que parece ser naturalmente baseado, como se fosse o resultado exclusivo do vosso passado histórico, um sistema no qual as vossas principais atividades ocorrem durante o dia. Parece natural pensar que o homem primitivo, por exemplo, realizava todas as suas atividades principais de dia, escondendo-se após o anoitecer. No entanto, na realidade, o homem primitivo era um ser naturalmente noturno, e desenvolveu cedo o uso do fogo para iluminação, realizando muitas atividades depois do pôr-do-sol, quando muitos predadores naturais dormiam. Caçava muito bem no escuro, utilizando todos os seus sentidos com grande precisão — resultado de processos de aprendizagem que hoje estão quase totalmente perdidos.

De qualquer modo, o homem não era, de forma alguma, exclusivamente uma criatura diurna, e as fogueiras nas cavernas permitiam estender as atividades até bem dentro da noite. Foi a agricultura que o tornou mais alinhado com ritmos diurnos, embora, durante algum tempo, tenham permanecido crenças resultantes das práticas agrícolas noturnas anteriores.

Muitos dos ritmos naturais das pessoas ainda se inclinam nessa direção, e permanecem sempre operacionais como ritmos alternativos da espécie como um todo. Ruburt tem alguma inclinação nesse sentido, tal como muitas pessoas criativas, mas esses ritmos estão muitas vezes quase completamente encobertos por padrões culturais aprendidos. Culturas orientadas para a noite apreciavam a noite de forma diferente, claro, e utilizavam as suas consciências de formas que estão hoje quase esquecidas. Creio que ainda existem contos de fadas e mitos antigos que falam desses mundos subterrâneos ou mundos de escuridão — mas que não significam mundos de morte, como geralmente se interpreta.

De certa forma, o intelecto andava de mãos dadas com a imaginação nessas condições. Não é que o homem valorizasse menos os dados físicos, mas organizava-os de forma diferente — no escuro, confiava nos seus sentidos interiores e exteriores de forma mais unificada. As partes noturnas da vossa personalidade tornaram-se-vos

estranhas — pois, à medida que se identificam com aquilo a que chamam intelecto racional, também o associam às horas do dia, ao mundo objetivo que se torna visível de manhã, aos objetos físicos bem definidos que então têm diante de vós.

Nesses tempos, no entanto, o homem identificava-se mais com o seu eu intuitivo e com a sua imaginação, e, até certo ponto mais do que hoje, era isso que orientava o uso que fazia do intelecto. Isto implicava, naturalmente, uma linguagem que, à sua maneira, era mais precisa do que a vossa, pois expressava rotineiramente conceitos que descreviam a vasta complexidade dos acontecimentos subjetivos e objetivos. Existiam, por exemplo, miríades de relações — hoje impossíveis de descrever — entre uma pessoa e os seus eus oníricos, e entre os eus oníricos de todos os membros da tribo. Em climas mais quentes, em particular, o homem era naturalmente noturno, e fazia grande parte do seu sono e sonho durante o dia.

Devem lembrar-se, claro, que o uso de relógios é um fenómeno relativamente recente. Os homens pensavam em termos de ritmos do tempo, ou de tempo fluido, e não em secções arbitrárias de tempo. Assim, enquanto seres, adaptaram-se a um ambiente temporal que vocês próprios criaram. As pessoas criativas, novamente, estão muitas vezes conscientes dessas ligações — pelo menos a certos níveis — e o Ruburt, em particular, sempre sentiu isso até certo ponto. Enterraram, em grande medida, os vossos próprios sentimentos naturais nessa direção.

Cabe-vos a vocês decidir se querem chamar a isto uma sessão de preenchimento ou não —

(“Era precisamente isso que ia perguntar.”)

Essas designações são do Ruburt, não minhas. Tens alguma pergunta?

(“Não, era só isso, sobre a sessão de preenchimento.”)

As sessões, desde o início, foram baseadas no fluxo natural da energia do Ruburt, tirando partido disso dessa forma. Fim da sessão — mas esses ritmos são também mais naturais para ti do que pensavas. Muitas vezes tens liberdades que não utilizas — um período de 24 horas que usas de forma bastante arbitrária, já dividido pela sociedade — mas só se permitires que assim seja. Pode ser usado de qualquer forma que desejes.

"Bem", disse eu, um pouco na defensiva, "sempre gostei de ter as sessões à noite, de trabalhar depois do jantar, essas coisas."

Mal tocas à superfície do tipo de liberdade de que estou a falar, embora, sem dúvida, faças muito melhor do que a maioria.

Um caloroso boa noite —

"Muito obrigado."

— e isto é, em parte, uma resposta aos teus comentários sobre as horas da noite.

(22h25. A Jane não fazia ideia... do que ele iria dizer, ou de qualquer outra coisa.) “E repara que conseguiu fazer uma sessão esta noite sobre os seus próprios desafios, apesar de estar bastante perturbada com eles ao mesmo tempo. A sua entrega foi, de facto, muitas vezes rápida e vigorosa.

(Depois da sessão, lembrei à Jane que acabara de fazer uma sessão incrível — algo que mais ninguém conseguiria fazer — mas que ela não se dava muito crédito por isso. Fiz este comentário porque, enquanto estava sentada no sofá depois da sessão, disse que não tinha feito nada hoje... além de dormir e ficar deitada…)

SESSÃO DEZASSEIS
RESULTADOS POSITIVOS DA JANE

6 DE OUTUBRO DE 1980

O seguinte material privado pertence à 920.ª sessão regular. O Seth fazia isto frequentemente — quer lhe pedíssemos ou não — encerrando sessões do livro e/ou sessões gerais com comentários de vários comprimentos dirigidos a mim e à Jane.

(22h38.) Uma nota: o corpo do Ruburt continua a responder. Os braços e pernas estão a alongar-se e a tornar-se mais fortes. Em breve deverá começar a sentir mais agilidade em certos movimentos. Está a ir bem, a concentrar-se nos bons estados de espírito, que têm aumentado como resultado. E despeço-me com um caloroso boa noite para ambos.

"Muito obrigado, Seth."

(O Seth acenou com a cabeça e fechou os olhos da Jane.)

"Boa noite."

SESSÃO DEZASSETE
A HABILIDADE DA JANE É TÃO ANTIGA QUANTO A HUMANIDADE
AS MÚLTIPLAS CAPACIDADES DA ESPÉCIE

15 DE OUTUBRO DE 1980

Durante o almoço de hoje, li o mais recente grupo de poemas que a Jane preparou para o seu livro de poesia, para a Prentice-Hall.

(O segundo jogo da World Series começou hoje às 20h30 — creio eu — mas mal olhei para a televisão enquanto nos preparávamos para a sessão; desliguei o aparelho depois da primeira entrada [sem pontuações]. Estava com uma carta a meio para a Jeanne Miles, a minha amiga artista bastante conhecida, que vive em Nova Iorque. A Mitzi perseguia um dos seus brinquedos de papel metalizado pelas escadas da cave…)

(Tinha acabado de datilografar as últimas páginas da sessão de segunda-feira à noite e perguntei à Jane o que achava da minha nota final: tinha especulado sobre possíveis ligações reencarnatórias que pudessem ligar a sua capacidade de falar pelo Seth — sem ajuda moderna — às habilidades do homem antigo, que, segundo o Seth, era capaz de transportar toda a sua história mentalmente. Tal como o homem antigo vivia sem os meios de comunicação a que estamos tão habituados, também a Jane fala pelo Seth sem qualquer auxílio moderno. Não esperava que o Seth abordasse esse tema esta noite.)

Boa noite.

"Boa noite, Seth."

Ora bem: a habilidade do Ruburt é tão antiga quanto a própria humanidade e, de facto, todas as vossas artes, ciências e realizações culturais são ramificações de processos mentais e biológicos espontâneos.

(Pausa — uma de muitas.) Escolho as palavras com bastante cuidado por vezes, porque tenho consciência das várias interpretações que lhes podem ser atribuídas. Talvez a explicação seguinte expresse mais claramente o que quero dizer.

Em primeiro lugar, como tenho referido ultimamente, a mente racional é acionada de forma espontânea. A espécie contém em si mesma todos os atributos espontâneos necessários para formar, por exemplo, uma civilização. Todas as vossas atividades racionais — os vossos governos, sociedades, artes, religiões e ciências — são, naturalmente, a realização física de capacidades internas, capacidades que estão presentes na própria estrutura do ser humano.

Peguem nos dramas do cinema, por exemplo. São a materialização, no vosso tempo, da capacidade natural do homem para representar — uma característica altamente importante no comportamento da espécie.

O homem primitivo, por exemplo, representava espontaneamente o papel de outros animais. Fazia de árvore, de riacho, de rocha. Representar tornava-se um método de ensino — uma forma de transmitir informação. O homem sempre possuiu todo o conhecimento de que necessitava. A tarefa era torná-lo fisicamente acessível.

Pessoas como o Ruburt traduziam o conhecimento interior de muitas formas — representando, cantando ou dançando, desenhando imagens nas paredes das cavernas. Era tarefa do intelecto dar uso prático a essa informação e, assim, a intuição

e o intelecto trabalhavam lado a lado. O homem lidava, nessa altura, com o saber espontâneo de forma mais direta.

(Pausa.) É muito difícil tentar explicar as várias nuances psicológicas envolvidas. O homem primitivo agia de forma mais espontânea, mais automaticamente — nos vossos termos — mas não de forma inconsciente. Se se lembrarem das partes iniciais do nosso último livro (*Eventos em Massa*), então esta informação deve fazer sentido, pois a consciência emergia de dentro para fora. Os animais apreciam o drama e, à sua maneira, também representam.

Coube ao homem traduzir a sua informação interior com liberdade. Ele é capaz de formar muitos tipos diferentes de culturas, por exemplo. Organiza as suas ciências e religiões, as suas línguas, de inúmeras formas, mas tem de haver sempre uma tradução da informação interior para o mundo sensorial. E isso continua a acontecer. As capacidades humanas não diminuíram nesse sentido. Pensar, por exemplo, continua a ser tão automático como sempre foi (com um certo divertimento). O que acontece é que a vossa cultura organiza os diversos elementos de forma a destacar as qualidades do que chamam pensamento racional.

Quando a espécie necessita de certas capacidades, estas emergem, como no caso do Ruburt agora. Quando pintas quadros, também estás a traduzir conhecimento interior. Os primeiros artistas desenhavam para partilhar as imagens que viam nos seus sonhos. De certa forma, praticavam o sonho durante o sono, e assim aprendiam também a pensar em termos de medir imagens físicas e a mover objetos na mente antes de o fazerem fisicamente.

A poesia era tanto uma arte como uma ciência. Transmitia informações essenciais sobre o homem e o universo. O mesmo se pode dizer de muitos desenhos em cavernas. O que existia — e ainda existe, embora hoje tenhas muito menos consciência disso — era uma excelente interação entre os sentidos interiores e exteriores. Através de cânticos, danças, dramatizações, pintura e narração de histórias, o homem traduzia espontaneamente os dados sensoriais interiores em realizações físicas. Os sentidos físicos apenas vos dão pistas sobre as vossas próprias sensibilidades.

Ruburt traduz o que eu lhe transmito sem estar consciente de o estar a receber nos termos habituais, ou de o estar a traduzir. A informação tem de ser desdobrada, especialmente para caber num enquadramento temporal, e depois convertida em conceitos que possam tirar partido da visão do mundo que a vossa cultura sustenta. Tudo tem de ser adaptado para se encaixar na perspetiva de criaturas que acreditam firmemente na superioridade da matéria sobre a mente — que estão imersas numa estrutura biológica específica.

Não posso ignorar essas estruturas de crença (intensamente) — caso contrário, o que eu disser seria literalmente incompreensível. Tudo isso é tratado automaticamente.

(Pausa prolongada.) Agora: a espécie possui inúmeras capacidades, todas necessárias, cada uma contribuindo para a plenitude e os atributos do vosso povo. Alguns indivíduos escolhem especializar-se, seguindo certas linhas de capacidade ao longo de várias existências — adaptando-as, claro, aos tempos em que nascem. Ambos foram "porta-vozes", nesse sentido. Os métodos podem mudar. Podem "falar" através da arte ou da música, através de atividades em transe, mas especializar-se-ão no uso dos sentidos interiores e na tradução do conhecimento interior da espécie, trazendo-o ao nível da consciência comum considerada oficial.

(Pausa prolongada.) Sabem o que é o som, mas como o Ruburt sabe, o que consideram som é apenas uma das suas muitas faixas. Além de traduzir imagens interiores em pintura, por exemplo, podem — sem se aperceberem — estar a traduzir sons sensorialmente invisíveis em imagens. De uma forma impossível de descrever, seria verdade dizer que as nossas sessões traduzem imagens multidimensionais em palavras. Não têm palavras para os tipos de imagens de que falo, pois não são objetos, nem representações de objetos, nem imagens de imagens, mas sim dimensões interiores, cada uma separada e brilhante, mas interligada — prismas de conhecimento que contêm em si mais realidade do que conseguem, por agora, imaginar.

Até certo ponto, tenho de viajar a partir dessas realidades até à vossa compreensão, desprender-me delas para formar uma entidade em constante movimento, que possa falar aqui e estar lá ao mesmo tempo. Por isso, estou distante e próximo ao mesmo tempo. Essa distância representa também a extensão do psiquismo humano e os vastos corredores da atividade psicológica de onde este se forma — e de onde o vosso mundo emerge.

Os mundos estão organizados de forma a que cada um seja parte de todos os outros, e não há separação entre eles. Não existe lugar ou espaço — psicológico ou psíquico — onde esses mundos existam isoladamente uns dos outros. Por isso, não se pode dizer que um seja mais evoluído do que outro.

(Pausa prolongada.) Existem tantas fronteiras como sempre existiram, e não há catástrofe que possa aniquilar a consciência ou pôr fim à vida na Terra. Quando pensam em destruição da Terra ou no fim do mundo, estão a pensar, claro, em termos de um contínuo temporal, de inícios e fins. Do vosso ponto de vista no espaço-tempo, parece que planetas surgiram e desapareceram, que estrelas colapsaram, e quando olham para o espaço, parece (sublinhado) que estão a olhar para trás no tempo.

(Pausa prolongada.) No entanto, existem grandes pulsações na existência — pulsações que nada têm a ver com o tempo tal como o entendem, mas sim com intensidades.

No sentido mais profundo, o mundo sempre foi e sempre será. Muda os seus padrões de atividade, vai e vem, mas é sempre ele mesmo nas suas idas e vindas. Para mim, isso é extremamente simples — mas no vosso sistema de conceitos pode parecer implicar complicações irreconciliáveis.

Fim da sessão. Uma pequena nota para o nosso amigo — novamente — para confiar no grande poder do universo que forma a sua própria imagem, para confiar na sua espontaneidade e nos impulsos naturais do corpo em direção ao relaxamento, ao movimento e à criatividade, à medida que estes se manifestam segundo os seus próprios ritmos.

Um querido e acolhedor boa noite para ti, na tua doce casa — com (divertido) o jogo de basebol à tua frente, e todo o afeto contido nos objetos e rotinas tão específicos do teu espaço e tempo.

"Muito obrigado, Seth. Boa noite."

(21h56. "Uau, eu estava mesmo fora com isto", disse a Jane. "Isto atinge-me mesmo: percebes que estás tão longe, com toda essa energia, mas não consegues ir mais além — percebes o que quero dizer? Ao mesmo tempo, é tudo tão simples... Foi uma sessão diferente de certa forma. Sinto que eu estava diferente, embora não saiba exatamente que tipo de coisas diferentes podes ter conseguido captar. Neste momento estou a olhar para o relógio — e parece que estavas tão longe que eu devia demorar quatro horas a regressar. Não que tivesse qualquer noção do tempo durante a sessão...")

(A sessão é, de facto, excelente, e a entrega da Jane, após um início lento, foi muitas vezes intensa e inspirada.)

NOTA: SESSÃO DE 15 DE OUTUBRO DE 1980

1 A Jane deu ao seu livro de poesia o título *Se Vivermos Novamente: ou, Magia Pública e Amor Privado*, e a Prentice-Hall publicou-o em 1982.

2 A poesia foi o seu primeiro amor de infância, e permaneceu ao longo da sua vida como um fator criativo poderoso. De facto, encontrámos nos seus primeiros poemas conceitos que o Seth viria a desenvolver muitos anos mais tarde. Como o Seth nos disse em 1979, a Jane foi sempre poeta — no sentido mais profundo da palavra. Estava há algum tempo a deixar *Se Vivermos Novamente* crescer, enquanto selecionava os poemas que fariam parte do livro, entre os muitos que escreveu — e continuava a escrever.

3 A Jane escreveu também três ensaios introdutórios para o livro. Aqui estão as primeiras linhas do primeiro ensaio, “A Poesia e a Abordagem Mágica à Vida”:

4 “Pelo menos para mim, a poesia — tal como o amor — implica uma abordagem mágica à vida, bastante diferente da forma racional atualmente aceite de ver o mundo. Ou seja, a poesia revela as nuances ocultas da vida. Delicia-se em formar correspondências entre acontecimentos que, para a consciência sintonizada intelectualmente, parecem totalmente separados, e revela correntes subterrâneas de ações geralmente ocultas, que ignoramos

completamente quando estamos mais focados no pensamento racional. Na verdade, esse tipo de visão contém a sua própria racionalidade espontânea e, muitas vezes, fornece-nos respostas mais satisfatórias do que as puramente intelectuais."

APÊNDICE A

TRÊS DAS AVENTURAS DE JANE NA PREVISÃO. COMENTÁRIOS DE SETH. O CONTEÚDO DA MENTE DE JANE.

Este apêndice contém três ensaios inacabados de Jane Roberts sobre diferentes tipos de experiências de "previsão" e de perceção do futuro. Inclui também um excerto de Seth sobre os talentos de Jane relacionados com esse tipo de experiência.

A Jane aborda o tema da "previsão" e da precognição em vários dos seus livros: *Como Desenvolver o Seu Poder ESP*, *Aventuras na Consciência*, *Política Psíquica* e *O Deus de Jane*.

Estes ensaios foram escritos entre 1980 e 1981. Foram retirados dos seus diários e editados o mínimo possível, para preservar o seu espírito original. A Jane costumava escrever vários rascunhos para os seus próprios livros, mas falava os livros de Seth já em versão final.

(Maio de 1980)

Este pequeno incidente fascinou-me.

Na noite de quarta-feira, depois da sessão com o Seth, antes de ir para a cama, comecei de repente a pensar se as pinturas que o Rob tinha vendido ao Lib's Supper Club, lá pelos anos 60, ainda estariam lá.

O Rob e eu começámos a falar sobre isso, enquanto eu me sentava na cama e nos preparávamos para dormir. Lembrei-me e descrevi três das pinturas, e achei que havia uma quarta, mas não consegui recordá-la. Foi a primeira vez que falámos dessas pinturas em... dez anos?

Esqueci-me completamente da conversa até ontem à noite, sexta-feira, quando os Gallagher [os nossos queridos amigos, Peg e Bill] nos visitaram. Durante uma pausa na conversa, a Peg inclinou-se para a frente e disse: "Estive no Lib's Supper Club, e as tuas pinturas ainda estão lá" — ou algo nesse sentido, mencionando tanto o Lib's como as pinturas.

Senti um pequeno choque. Os meus olhos fixaram-se nos do Rob — percebi que ele sentiu o mesmo. Depois a Peg contou-nos que, nessa quarta-feira à noite, embora mais cedo do que a nossa conversa, tinha pedido a alguém para verificar a assinatura, e confirmou que eram mesmo obras do Rob.

Foi a primeira vez desde os anos 60 que os Gallagher mencionaram essas pinturas — embora tenham ido muitas vezes ao Lib's ao longo dos anos... É interessante também que a Peg não tenha visto a tal quarta pintura... Ela e eu parecemos "sintonizar" bastante bem uma com a outra, como já aconteceu noutras ocasiões...

Se ela não tivesse mencionado a visita ao Lib's e as pinturas, o Rob e eu nunca teríamos percebido que algo além da perceção habitual estava a funcionar naquela nossa conversa. E essa conversa... estava extremamente clara na minha mente.

Quantas vezes acontece algo assim? Que cruzamentos de perceção estão a operar? Que tipo de dados captamos — e porquê?

O Rob e eu não conseguimos ter a certeza se a nossa conversa foi na terça ou na quarta à noite. A quarta foi o dia em que a Peg visitou o Lib's e viu as pinturas.

Se a nossa conversa foi mesmo na terça-feira, antes da visita da Peg (que já estava planeada), então estamos perante outras possibilidades do que se foi na quarta... como pensávamos.

Na quarta-feira, devo ter captado a visita da Peg mais cedo nessa mesma noite — a ida ao Lib's, o interesse específico nas pinturas. Ela pediu a alguém para confirmar o nome porque não tinha a certeza se eram do Rob. Depois, mais tarde nessa noite, já em relaxamento, sentada na cama, de alguma forma essas perceções interiores emergiram... mas sem revelar a sua origem. Por exemplo, não me lembro por que razão comecei a conversa. Então, que tipo de processamento inconsciente ocorreu?

Porque é que o Rob não captou essa informação interior e começou ele a conversa, já que as pinturas eram dele? E quantas vezes fazemos isto — a tecer invisivelmente esse tipo de dados no tecido das nossas perceções, reagindo-lhes sem sequer darmos conta?

Se a nossa conversa foi na terça-feira, posso ter captado o plano da Peg de ir ao Lib's, ter-me perguntado pelas pinturas do Rob — e de alguma forma ter-lhe transmitido essa dúvida. De forma que, ao visitar o local na noite seguinte, ela se sentiu atraída pelas pinturas, respondendo à minha pergunta na sexta-feira, quando nos contou o episódio.

Tudo isto faz-me lembrar uma ideia antiga minha para um livro: *O Conteúdo da Mente*, ou *O Conteúdo Não Oficial da Mente*. Ao reler esta primeira página de notas sobre a Peg e as pinturas, lembro-me dessa velha ideia... de que organizamos o conteúdo da mente ao longo de certas linhas que acabam por se tornar hábitos.

Ambos temos grande interesse nas pinturas do Rob, por exemplo, por isso é natural que eu tenha captado esse tipo de dados vindos da Peg. Organizei a perceção com o foco na arte como ponto de entrada para... perceber o mundo.

A ideia é estar atento aos conteúdos psicológicos da mente que normalmente ignoramos — que a ciência não pode provar nem refutar... onde valorizamos a experiência acima da teoria.

Este é mais um exemplo clássico de um acontecimento que a ciência classificaria como “mera coincidência”, sem conseguir apresentar provas objetivas que sustentem essa afirmação.

A experiência subjetiva “natural” — os sentimentos envolvidos — fornecem uma explicação oposta. Insistem que há mais do que coincidência envolvida — que o acontecimento é significativo.

E, nesses casos, temos todo o direito de confiar na experiência direta e nos nossos sentimentos.

Muitas vezes, escreve Jane, *só queremos avançar a todo o vapor — queremos visões sublimes. Mas é aqui, nestes caminhos subtis da ação subjetiva, que muito provavelmente estamos a vislumbrar alguns dos movimentos psíquicos ocultos sobre os quais assentam os acontecimentos físicos... e como os acontecimentos de hoje e os do ano passado se tocam como folhas da mesma árvore. E como as sessões do Seth de agosto passado parecem aplicar-se agora, de forma renovada, aos acontecimentos do presente. É tudo tão sorrateiro e óbvio ao mesmo tempo.*

Hoje, antes de começar a trabalhar, por exemplo, rabisquei rapidamente dez frases sob o título "Previsões: 24 de agosto de 1981". Demorei uns três minutos, talvez. [Apresentadas exatamente como foram escritas por Jane.]

Previsões — Segunda-feira, 24 de agosto de 1981 — Meio-dia — Jane Roberts

1. Máquina de bolas de neve
2. Noivado anteriormente cancelado, reagendado
3. Embalagem de ovos
4. Triângulo proeminente — talvez uma prenda
5. Raquetes de neve?
6. Vale fechado entre montanhas
7. Entregador de leite
8. Detetive
9. Fogão chega mais cedo
10. Série de dois dígitos

Por volta da 13h, enquanto o Rob e eu terminávamos o almoço na cozinha e esperávamos pelo carteiro, apareceu um fã — um jovem que normalmente só aparecia uma vez por ano. Era o mesmo que descrevi em *O Deus de Jane* — aquele que se sentia como uma mulher presa num corpo de homem. Ele tem algumas tendências suicidas, o que me preocupa. Mas ali estava ele, desta vez sorridente... vivo e com alguns quilos a mais.

O Rob teve de ir ao banco, por isso despediu-se e saiu logo depois de o carteiro chegar. Fiquei a ler o correio. O ar fresco de agosto soprava pela casa, e apertei o meu casaco. Uma carta em particular chamou-me a atenção: era de um velho amigo, o Ed — o homem que tinha apresentado o Rob e eu, e com quem tínhamos perdido contacto até dois anos antes, quando, de repente, nos escreveu do Alasca.

Enquanto ouvia o nosso visitante (a quem chamarei Larry), fui folheando a carta. Os meus pensamentos voltaram à época em que o Ed e o Rob produziram juntos a banda desenhada do detetive *Mike Hammer*, com o Micky Spillane. Lembrei-me então da carta do Ed de há dois anos, quebrando um silêncio de vinte anos, enviada do Alasca, onde ele estava a fazer ski. Na verdade, a carta que tinha diante de mim mencionava novamente essa viagem de ski. Talvez tenha sido essa referência que me causou um leve arrepio.

O Larry estava a contar-me que tinha um novo emprego, na caixa de um supermercado, e eu acenei com a cabeça, mas o tal arrepio persistia... até ao momento seguinte, quando fui rever as minhas previsões.

Algumas agora faziam sentido. Circulei os números 1, 5 e 8 (“máquina de bolas de neve”, “raquetes de neve”, “detetive”). Com certeza referiam-se à carta do Ed, onde ele mencionava a viagem de ski no Alasca e os tempos em que ele e o Rob trabalhavam juntos na banda desenhada de detetives.

A carta já estava na carrinha do carteiro quando fiz as previsões de manhã.

As previsões não eram espetaculares, mas tinham uma sensação satisfatória. Achei que “máquina de bolas de neve” e “raquetes de neve” eram as minhas formas de descrever qualquer equipamento de neve. Além de ski, o Ed provavelmente usava mota de neve e raquetes. Por isso, considerei essas previsões “justas” — especialmente no verão, quando a associação com neve não é habitual. Também dei como aceitável a previsão “detetive”.

Olhei novamente para a lista. Será que o 3 e o 7 — “embalagem de ovos” e “entregador de leite” — poderiam relacionar-se com o novo emprego do Larry na mercearia? Marquei-os como evocativos.

Depois lembrei-me de outra ligação com “entregador de leite” — o Larry, este nosso jovem fã, em tempos só bebia leite. Seguia uma dieta de comida natural — ou seguia, pelo menos. De facto, eu própria lhe ofereci leite enquanto revia as previsões...

Lembrei-me então de outra coisa. Naquela manhã, antes de começar a trabalhar, estava à secretária a pensar, sem razão aparente, em como o Rob e eu nos conhecemos. Tive o impulso, sem saber bem porquê, de escrever sobre esse encontro em vez de trabalhar no *A Abordagem Mágica*. Passei uns dez minutos a pensar em tudo aquilo. Na rapidez vívida da memória, vi o nosso primeiro encontro:

Uma noite de primavera; o meu primeiro marido e eu chegámos à porta da casa da minha mãe; ouvimos o som de um carro a estacionar à nossa frente. A voz do Ed

Robinson — o mesmo Ed da carta do Alasca recebida trinta anos depois, o Ed que naquela altura fazia a banda desenhada de detetives referida nas previsões do dia — e a voz de um estranho.

O estranho que se inclinou para a janela do nosso carro era o Rob. O Ed reconheceu o carro do meu marido e seguiu-nos, convidando-nos a ir até sua casa para conhecer o novo parceiro de trabalho — o Rob — quando eu terminasse a visita à minha mãe.

Tudo isso me veio à mente naquela manhã — não que não pudesse ter sido apenas uma "coincidência" o facto de mais tarde, no mesmo dia, ter notícias do Ed — depois de fazer três previsões que pareciam referir-se a ele. Mas certamente há um ponto onde os próprios sentimentos têm significado; onde a evidência do coração reconhece intuitivamente o que o intelecto questiona. E sei que essas memórias e pensamentos estavam ligados às previsões que fiz e à carta do Ed no correio do meio-dia. Estava a reagir à carta antes de ela chegar.

("Resultados")

1, 5: Carta de Ed Robinson no correio de hoje — provavelmente a nossa terceira? *De qualquer forma, depois de 20 anos, voltámos a ter notícias dele em 1978 — do Alasca — ski no Alasca Back Country — hoje ele menciona ski. Quando conhecemos o Ed Robinson — há mais de 20 anos — ele estava a fazer a banda desenhada do Mike Hammer para o Micky Spillane. O Rob juntou-se a ele — e era isso que o Rob fazia quando o conheci.*
Nota: Esta manhã pensei em escrever sobre o primeiro encontro com o Rob — mesmo estando a trabalhar no capítulo dois de A Abordagem Mágica! Fiquei surpreendida com o impulso — depois esqueci-me.

3, 7: Apenas notas. Evocativas, mas não suficientemente definidas. Um fã (Larry), vindo da Pensilvânia, diz que tem um novo segundo emprego — numa cadeia de supermercados (que vende só o básico — ovos, leite, cerveja, etc.). Larry, em tempos, só bebia leite.

2: Nota: Segunda-feira, 24 de agosto. O "Floyd" disse que viria esta tarde. Não aparecia no trabalho há dias. Por volta das 12h30 liga a dizer que não pode vir — outra vez — supostamente virá amanhã.

Na manhã seguinte, terça-feira, 25 de agosto de 1981, rabisquei outra pequena lista de previsões. Ao relê-la, li: "velho amigo, Auld Lang Syne." Nada provável, pensei, justo depois de ter tido notícias de um velho amigo. Lembrando o caso do Ed de ontem, pensei ironicamente que esta devia ser a semana dos velhos amigos.

E, de certa forma, foi. O fogão que comprámos essa semana foi entregue. Um dos homens da entrega, da Sears, reconheceu o Rob e a mim imediatamente — era alguém que nos conheceu brevemente nos anos 60, quando visitávamos os Maples (velhos amigos de quem — mais uma vez — não tínhamos notícias há 20 anos), e ele morava no andar de baixo deles.

APÊNDICE D

E uma espécie de elegância fantasmagórica foi acrescentada na quinta-feira, quando outro velho amigo nos visitou e nos mostrou diapositivos a cores tirados em Londres no Natal/Ano Novo de 1980, mencionando que todos se juntaram para cantar “Auld Lang Syne”.

Tenho a sensação de que os acontecimentos estão constantemente a ser empurrados para dentro e fora do destaque! Mas captar esse movimento já é outra história.

[Apresentado exatamente como escrito por Jane.]

"Previsões" — 25 de agosto de 1981 — Meio-dia — Jane Roberts

1. Escavadora a vapor
2. Mais de Dick, David
3. Francês Frank — Franque?
4. Pendente ou corrente de prata
5. Pescaria

6.* Velho amigo, Auld Lang Syne

6. Enxada
7. Noite — esplendor
8. Esperança — nome
9. Excesso de ambição e pai

"Resultados"

*6 Nada mau. O homem que entregou o nosso novo fogão da Sears revelou hoje que nos conhecia há 20 anos. Disse que morava no andar de baixo dos nossos antigos amigos, Atalie e Lydia Maple, que se mudaram a meio da década de 1960.

*6 Outro velho amigo visita-nos no dia 27 de agosto, quinta-feira. Mostra diapositivos de uma viagem. Menciona que todos cantaram “Auld Lang Syne”! (Na passagem de ano.)

O Seth descreve outro tipo de experiência de previsão da Jane no Volume II de *Sonhos, "Evolução" e Realização de Valores*, da 932.ª sessão, que ela conduziu a 4 de agosto de 1981:

“... Numa manhã, no fim de semana passado (sábado), o Ruburt [Jane] deu por si, de repente e vividamente, a pensar nuns amigos casados. Viviam fora da cidade, separados por uma viagem de cerca de meia hora. Ruburt sentiu um desejo intenso de que eles vivessem mais perto, e foi subitamente invadido por vontade de os ver. Imaginou o casal em casa, e surpreendeu-se a pensar que talvez até os telefonasse

mais tarde naquele dia para os convidar, apesar de ele e o Joseph [Rob] já terem decidido não receber visitas nesse fim de semana.

Além disso, Ruburt não gostava da ideia de fazer um convite em cima da hora. Depois apercebeu-se de que esses pensamentos estavam fora do contexto, completamente intrusivos em relação ao que pensara momentos antes — tinha-se elogiado precisamente por não ter feito qualquer plano para aquele dia ou noite... Uns quinze minutos depois, as mesmas ideias voltaram, desta vez com mais insistência.

Duraram talvez cinco minutos. Ruburt reparou neles e voltou a esquecê-los. Contudo, desta vez decidiu não ligar aos amigos e prosseguiu com o seu dia. Cerca de meia hora mais tarde, a mesma atividade mental regressou e, impressionado, contou o episódio ao Joseph antes de voltar a afastá-lo da mente.

Nessa altura, já era um pouco mais tarde. Ruburt e Joseph almoçaram, e o correio chegou. Havia uma carta escrita na manhã anterior (sexta-feira), precisamente por esses amigos que lhe vinham tanto à mente. Mencionavam uma viagem (no sábado), e perguntavam especificamente se podiam passar lá a tarde. Pela forma como a carta estava escrita, parecia que os amigos — chamemo-los Peter e Polly — já tinham iniciado a viagem naquela manhã de sábado, e que iriam parar em Elmira ao regressar, mais para o fim do dia. Não havia forma de responder à carta, claro.

... Seria simples, claro, atribuir os pensamentos e sentimentos do Ruburt a mera coincidência. No entanto, ele lembrava-se da intensidade com que os sentira na altura. Parecia que o Peter e a Polly estavam mesmo prestes a chegar, quase como se o Ruburt os tivesse chamado. E de facto, a visita aconteceu nessa noite. Na verdade, algum trabalho impediu o casal de sair quando pretendia. Em vez disso, ligaram mais tarde, de casa, a dizer que estavam agora a começar a viagem e que passariam por ali no caminho.

Ruburt já estava bem preparado para a chamada nessa altura — e para a visita..."

APÊNDICE B
ORIENTAÇÕES MÁGICAS E OS MOVIMENTOS DAS PROBABILIDADES
CONVERSA MENTAL DE JANE
SEGUNDO ENSAIO DE JANE ROBERTS:
SONHOS A DOIS E SETH INICIA UM NOVO PROJETO

6 de agosto de 1980. E assim regressámos às sessões. Demorei apenas alguns segundos a sair do transe. "Devia era manter-me nele", disse eu, "porque estive mais confortável do que em todo o dia." Porque o calor não incomodava o Seth (nem a mim a falar por ele), de todo. Mas assim que voltei ao meu estado normal de consciência, fiquei imediatamente com calor outra vez.

"Bem", disse o Rob, "hoje alguém disse tudo o que havia para dizer." Sorri. Os grilos e os bichinhos da madeira entoavam as suas canções desde os bosques densos de

verão atrás da casa. Não me lembrava do que tinha dito como Seth — e não tinha a certeza se sabia o que era magia — ou o que não era. Mas sabia que aquela noite era... mágica, viva com as suas próprias cerimónias naturais. E que, de alguma forma, as sessões com o Seth eram tão naturais e corretas como aquela noite de verão.

Comecei a escrever cada vez mais poesia, completamente envolvida por muitas das ideias que o Seth andava a discutir. Na verdade, fiz muitos rabiscos poéticos sentada à beira da cama, com as janelas abertas e o ventilador no máximo, tentando afastar da mente os 32 graus constantes (ou mais). Às vezes pensava que, se o Rob dissesse mais uma vez que estava um “dia espetacular”, eu gritaria.

Havia vários outros temas a circular nas nossas vidas... O novo livro da Sue Watkins, *Conversas com Seth*, sobre as minhas aulas de E.S.P., ia sair no outono. Sentia um vago desconforto: parecia-me que a Prentice-Hall estava a demorar mais do que o habitual a aprovar oficialmente *O Deus de Jane* e *O Indivíduo e a Natureza dos Acontecimentos de Massa*, do Seth. Esperava notícias do meu editor a qualquer momento. Entretanto, as pulgas persistentes continuavam a tiranizar a casa — e tudo isto, de algum modo, estava envolto numa fita de entusiasmo, enquanto víamos os Democratas e Republicanos a batalhar nas notícias, antes de seguirmos para os nossos respetivos espaços de trabalho.

Ainda assim, todos esses acontecimentos pareciam ocorrer numa atmosfera ligeiramente diferente da de antes, à medida que as ideias do Seth sobre a *Abordagem Mágica* lançavam a sua luz sobre os comportamentos atuais. Numerosos — embora subtis — indícios de uma orientação "mágica" continuavam a surgir nas nossas vidas. Parecia que apanhávamos pequenos vislumbres de acontecimentos comuns antes de estes estarem completamente formados, e que sentíamos os movimentos das probabilidades a agitarem-se, invisíveis mas claros, no ar abafado do verão.

No início, estes acontecimentos sugestivos apenas expandiam a nossa imaginação e os nossos pensamentos, mas mais tarde tornaram-se tão frequentes e persistentes que tivemos de os levar em consideração ao tomar decisões do dia-a-dia.

Como em tantos outros casos, não eram visões esotéricas ou surpreendentes, mas uma espécie de acontecimentos intermédios, difíceis de identificar — ou como o seguinte, que nos chegou por terceiros. No dia 7 de agosto, à hora do jantar, um jovem fã apareceu inesperadamente à porta. Vou chamá-lo John. O Rob sorriu ao vê-lo; o John já tinha estado connosco duas vezes antes (uma vez por ano), era bem-humorado, bonito, entusiasta, saudável e forte. Era cativante — e sabia disso. Falámos com ele durante uma hora (enquanto, infelizmente, o jantar arrefecia), mas ele era uma daquelas pessoas agradavelmente talentosas em várias áreas que ainda não se tinha fixado no desenvolvimento de uma ou duas capacidades específicas. Era como um miúdo a admirar uma caixa de chocolates, cada peça representando um dos seus talentos, sem saber por qual começar.

Algures na conversa, com um sorriso de maravilha, contou-nos o que lhe acontecera ao conduzir por Elmira, a caminho da nossa casa.

Ao entrar na cidade… viu uma rapariga que lhe pareceu familiar. E não era de admirar — tinha-a conhecido num bar da primeira vez que veio cá.

"Só estive nesta cidade duas vezes, quando vos visitei," disse ele. "E mesmo assim, esta noite, ao conduzir por uma rua, de repente reconheci uma rapariga. Abrandei o carro e olhei. Ela ia a pé no passeio — e sim, era a mesma rapariga que conheci no bar da primeira vez que vim a Elmira. Mal podia acreditar, mas parei o carro e conversámos um pouco. Ela reconheceu-me de imediato. A probabilidade disto acontecer deve ser astronómica." Ela disse-lhe que podia pernoitar em sua casa. Coincidência? Só falámos com ele durante uma hora, e ele disse que, mais cedo, se perguntava o que faria com o resto da noite... Então o que aconteceu exatamente, a nível mágico?

Nessa mesma noite, tive uma experiência com uma conversa mental [que acabou por ser precognitiva]. Penso que ambos os episódios representam atividade e comunicação... a um nível mágico. Representam uma espécie de mobilidade... um movimento psicológico, num nível diferente daquele que é habitualmente consciente.

A próxima sessão marcada com o Seth era na segunda-feira seguinte — outro dia com temperaturas acima dos 32º — e senti-me antecipadamente esperançosa: será que o Seth iria abordar alguns desses temas? Tinha de novo a sensação de que um novo "pacote" inteiro de material estava a caminho — e eu queria conseguir aplicá-lo de forma prática. (Ver a segunda sessão, com uma versão editada das notas do Rob, omitindo apenas conteúdo altamente pessoal.)

APÊNDICE C
JANE E ROB CONHECEM UM PSICÓLOGO CÉTICO — E A SUA MAGIA
POEMA DE JANE: "A MAGIA É TÃO PÚBLICA COMO O AR…"

Gramacy era psicólogo e mágico, e veio à nossa casa porque era um cientista à procura de magia verdadeira. Era compacto, de pele escura e cabelo escuro, com olhos castanhos grandes e suaves, que mantinha meio cerrados quando estava a ser psicólogo, e que se tornavam maiores, intensos e, ao mesmo tempo, acolhedores quando se tornava mágico. Tanto os olhos como as mãos eram demasiado expressivos para um cientista, e ele tentava manter-se cientista mesmo enquanto fazia magia — talvez, precisamente, mais ainda nesse papel.

Ligou um pequeno gravador; música clássica, com som metálico, encheu a sala. Inclinou a cabeça escura por um momento, depois ergueu-a, os olhos agora... mais suaves e mais penetrantes ao mesmo tempo; os seus movimentos acompanhavam o ritmo da música; o seu corpo todo era um espetáculo de movimento — ombros, cabeça, braços, peito — todo o tronco a responder à melodia. Depois, com um gesto, fez desaparecer quatro moedas de prata através da mesa, apanhando-as por baixo, na palma das mãos. Cartas de jogar apareciam e desapareciam. Estava num transe só seu — e nós, Rob e eu, também, ao observá-lo. E no fundo da sua mente havia a

esperança improvável de que, um dia, de alguma forma, as moedas passassem mesmo pela madeira da mesa.

"Ou que me aconteça algo que prove que existe mais na vida do que a causa e efeito habitual," disse-nos. "Quase acredito que sim. Mas, na minha própria vida, não consigo encontrar isso. Não está no meu saco de truques," continuou, em tom sugestivo. "Mas se alguém me dissesse coisas sobre mim que ninguém podia saber…"

"Porque não surpreenderes-te a ti próprio com conhecimento que *não* devias ter?" sugeri.

"Como informação precognitiva? Nunca tive disso. É isso que quero dizer," respondeu ele.

Retorqui: "Nunca tiveste a sensação de que alguém ia telefonar mesmo antes da chamada acontecer? Ou nunca soubeste que a campainha ia tocar antes de tocar, ou que ias encontrar alguém que não vias há muito tempo, momentos antes de realmente o encontrares?"

"Coincidência," respondeu Gramacy, com um ar cético. "Explico esse tipo de casos assim."

"Mas se escrevesses cada uma dessas ocorrências e tomasses nota delas, talvez descobrisses que eram demasiadas para atribuíres à coincidência — ou perceberias que em algumas, a coincidência nem se aplicava," disse eu. "Terias o teu próprio corpo de provas a crescer. Não podes provar que foi ou não coincidência — mas podias considerar a hipótese *não oficial* como possibilidade. Talvez descobrisses provas de precognição na tua própria vida, que andas a ignorar."

Ele ergueu uma sobrancelha espessa: "Mas eu preferia que acontecesse algo *mesmo* grandioso. Porque não?" sorriu. "Como aquele teste do anúncio no *New York Times* que vocês fizeram com o Seth e escreveram em *O Material de Seth*. Isso sim, convencer-me-ia!"

O Rob respondeu: "Esse teste foi apenas um entre muitos que fizemos. Não descartávamos nada. Quando usas a coincidência como explicação prática para tudo, nunca chegas a lado nenhum."

Gramacy assentiu. "Eu sei que um mágico consegue imitar quase qualquer manifestação física que um psíquico possa produzir."

"É por isso que não nos preocupamos com efeitos que podem ser imitados," disse de repente o Seth, "mas com esta atuação e com os nossos livros — que não podem ser duplicados. Porque, de onde vem o material dos livros? De onde continua a vir?"

"Uh," disse Gramacy. O Rob riu. E num instante, eu tinha-me transformado no Seth.

“Vejam,” disse eu, “sem fios, sem cartas escondidas dentro de cartas, sem saco de truques ao meu lado no chão.” Sorridente e efusivo, o Seth falou sobre magia e causa e efeito, mas, ao mesmo tempo, demonstrou uma magia que vai além da manipulação engenhosa das aparências. Outra personalidade — vinda seja de que reino for — tinha-se juntado ao encontro.

É realmente uma pena, e bastante incomum, que não tenhamos gravado essa sessão. O Seth surgiu antes de eu me lembrar de dizer ao Gramacy que ele podia gravá-lo, caso aparecesse. Mas, de certa forma, pelo menos para mim, não gravar essa sessão acrescentou-lhe um toque mágico... a transformação psicológica ou psíquica espontânea veio e foi-se. Estávamos sentados à mesa da sala, com a luz do candeeiro iluminando o meu rosto; o Gramacy conseguia seguir a passagem psicológica do Seth — ver os meus traços a mudarem subtilmente, assumindo outras formas. E a voz do Seth era jovial, potente, não era preciso esforçar-se para ouvir as suas palavras. Não havia mensagem preparada. Nem sequer sabíamos que o Gramacy era cientista até ele nos dizer, nessa noite. E foi como mágico — e não como cientista — que o Seth lhe falou, aconselhando-o a confiar no seu dramatismo e imaginação criativa.

Magia é pública
como o ar,
tão óbvia
e clara que parece
invisível.

E olhamos através dela
para o mundo,
que se ergue à nossa volta
em todo o lado.

Quando acordamos
de manhã,
o mundo está sempre lá,
à espera.

Nunca o apanhamos
a chegar ou a partir,
e nenhuma parte dele
desaparece
diante dos nossos olhos,
mas permanece intacta.

Mas tudo isso implica
demasiada
precisão
para acontecer

sozinho,
um mundo inteiro, misteriosamente
a aparecer
do nada,
a montar-se direitinho
sem instruções
ou experiência prévia.

Uma produção
tão magistral
leva-me a pensar antes
que
existem
pistas
que ignorámos.

Gostamos de pensar
que foi o acaso,
sozinho,
a juntar as peças
do mundo,
a coser os continentes,
a transformar os elementos mudos
em peixe e ave,
e, por fim,
em ti e em mim.

De Mestres Mágicos
cujas conjurações
apresentam os incríveis truques
do espaço e do tempo,
produzidos com tamanha perícia
e rapidez
que ficamos deslumbrados
com os efeitos,
e perdemos de vista
os truques mágicos
escondidos
por trás dos gestos vistosos
dos dias e noites.

Produzindo
do seu saco mágico
de truques,
uma forma maravilhosa
de vida após outra —
peixe,
ave,

macaco,
homem
(não apenas uma pomba
ou um coelho),
com tanta habilidade e rapidez
que os nossos sábios acreditam
que um se transforma noutro!

A fazer malabarismo com
milhões e milhões
de átomos
ao mesmo tempo,
a fazê-los girar em
células rodopiantes de homens
e baleias,
ardiloso,
a fazer montanhas sólidas
a partir do ar fino,
com peixes a transformarem-se
em aves voadoras —

Ora isso sim,
É UM ESPETÁCULO DE MAGIA!
Jane Roberts
29 de agosto de 1980

APÊNDICE D
OS DESAFIOS DE JANE COM O SEU ESPECTRO DE IDENTIDADE VS. A COMUNIDADE CIENTÍFICA

À medida que as capacidades psíquicas da Jane começaram a crescer rapidamente, após o início do material de Seth no final de 1963, ela não pôde deixar de se preocupar cada vez mais com a expansão consciente do seu "espectro de identidade". Mais tarde, tornou-se-nos óbvio que até as suas primeiras dúvidas e questões sobre fenómenos psíquicos tornavam inevitável que acabasse por confrontar uma questão tão fundamental.

Como era típico de nós, trabalhámos sozinhos durante muito tempo enquanto tentávamos aprender mais sobre aquilo que estávamos a fazer. Mas, sendo as criaturas ingénuas que éramos, quando começámos a dar os primeiros passos para nos abrirmos ao mundo, estávamos completamente despreparados para o ceticismo que encontraríamos por parte do "establishment" académico. Em grande parte, essa rejeição viria a manter-se. Muito compreensível, então, que a Jane — tanto por si como pelo Seth — escrevesse com tanta eloquência sobre a disparidade entre as suas capacidades psíquicas e a "mistura racionalista de orientação científica

atualmente dominante", como o Seth descreve essa tendência anteriormente na Sessão Seis de *A Abordagem Mágica*.

Desde que começou a estudar o trabalho da Jane, há catorze anos, a minha companheira Laurel Lee Davies tem estado muito consciente do conflito entre o domínio racionalista, tão comum na nossa cultura, e o potencial de desenvolvimento mais amplo que sentia dentro de si. Ao pesquisar os apontamentos, diários e livros publicados e não publicados da Jane para *A Abordagem Mágica*, a Laurel descobriu que a minha esposa tinha originalmente planeado chamar ao livro *A Abordagem Mágica: Um Livro de Jane/Seth*, descrevendo-o como um "diário psíquico-naturalista". Se a Jane tivesse acrescentado às sessões originais do Seth, o que poderia ter incluído? Encontrámos vários ensaios relevantes seus, que incluímos nestes apêndices e na sua Introdução.

A Laurel destacou várias passagens fortes escritas pela Jane sobre aceitação cultural no livro *O Deus de Jane*, em 1980 — o mesmo ano em que ditou *A Abordagem Mágica* para o Seth. (A Prentice-Hall publicou *O Deus de Jane* em 1981.)

Por exemplo, no capítulo 12 do seu próprio livro, a Jane inicia uma apaixonada discussão de quatro páginas sobre o tema, citando as suas próprias notas:

A ciência venera o ceticismo — a não ser que esse ceticismo se aplique à própria ciência, às suas hipóteses, procedimentos ou métodos. O que precisamos são de mais céticos que não tenham medo de avaliar as reivindicações da ciência com o mesmo critério rigoroso que se aplica a outras disciplinas e áreas de investigação. Tal como o New York Times publica "todas as notícias que merecem ser publicadas", o que significa todas as que cabem dentro da visão oficialmente aceite da realidade, também a ciência filtra invisivelmente as notícias — e, mesmo assim, espera-se que vivamos as nossas vidas segundo essa definição oficial da experiência.

Inspirada pelas ideias da Jane, Laurel escreveu a 27 de setembro de 1994:

A ciência surgiu a partir de um mundo religioso que estava repleto de "feitiçaria". Começou como uma proteção contra — e uma defesa perante — alguns dos mistérios do mundo natural. Desde então, encontrou-se a negar as realidades que tinha sido criada para domar.

Jane Roberts e Robert Butts receberam cartas de cientistas de todas as áreas, muitos deles académicos. De certo modo, o material de Seth foi reconhecido pelo *establishment* — sendo, por exemplo, lecionado em cursos universitários. Mas, muitas vezes, os leitores têm receio de admitir publicamente que encontraram verdade em fontes metafísicas. Ficam presos dentro dos limites daquilo que a ciência até agora aceitou como parte da sua "família": um conjunto de crenças etnocentricamente perfeito, com os mistérios metafísicos negados, evitados ou riscados dos registos.

Até agora, a metafísica tem sido apenas entretenimento — uma *semi-ciência* na nossa cultura; parte da família alargada da ciência apenas para fins de inspiração e ideias, mas sem ser reconhecida como verdade científica. Olhada de lado. Até temida.

As verdades científicas sempre foram reescritas ao longo dos séculos. Acredito que a metafísica é uma ciência de respostas empáticas.

A Abordagem Mágica é um exemplo perfeito de um método de trabalhar com a realidade que é cientificamente inaceitável. E, no entanto, *A Abordagem Mágica* funciona. Posso afirmá-lo com admiração, com base na minha própria experiência. No início, pode parecer que não está a dar os resultados que esperas, mas estás a trabalhar dentro de um tempo mais espaçoso. A tua agenda pode ter de mudar. Podes começar a atrair experiências diferentes daquelas que pensavas estar a procurar, e só mais tarde materializar os teus objetivos iniciais. O teu foco de desejo desaparece nos Estratos 2, 3 e 4[1], e reaparece mais tarde. Magia natural: este processo pode trazer-te ideias e provas mais complexas do que alguma vez imaginaste.

A complexidade da vida e da realidade abrange tanto experiências positivas como aquelas não tão positivas, todas dentro do cumprimento de valor. *A Abordagem Mágica* pode ajudar com ambas. Terei muito interesse em ouvir falar da vossa investigação mágica.

É uma honra para mim ter trabalhado como assistente de investigação e edição neste livro. Tenho uma fé absoluta de que o Seth e a Jane Roberts, bem como o Rob, sabem o quanto isto é sentido por mim — com todo o meu coração.

Laurel Davies

[1] O Rob descreve o *Estrato 2* na Sessão Um, Nota de Rodapé 2. O Seth discute os *Estratos 3 e 4* em *O Indivíduo e a Natureza dos Acontecimentos de Massa*, como ambientes criativos a ter também em consideração.